

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DO NOROESTE FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
MESTRADO EM ENSINO

ALINE ROSA VALENTE VIEIRA

O TREM E A VIDA!

Notas de Fabulação em Bergson e Deleuze

O direito à literatura como invenção de uma escola.

Santo Antônio de Pádua
2022

ALINE ROSA VALENTE VIEIRA

O TREM E A VIDA!

Notas de Fabulação em Bergson e Deleuze

O direito à literatura como invenção de uma escola.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientadora:

Prof^ª. Dr.^ª Maristela Barenco Corrêa de Mello

Santo Antônio de Pádua

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BINF
Gerada com informações fornecidas pelo autor

V657t Vieira, Aline Rosa Valente
O Trem e a Vida! Notas de Fabulação em Bergson e Deleuze :
O direito à literatura como invenção de uma escola / Aline
Rosa Valente Vieira. - 2022.
123 f.

Orientador: Maristela Barenco Correa de Mello.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Santo
Antônio de Pádua, 2022.

1. Educação. 2. Filosofia. 3. Literatura. 4. Direitos
Humanos. 5. Produção intelectual. I. Mello, Maristela
Barenco Correa de, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto do Noroeste Fluminense de Educação
Superior. III. Título.

CDD - XXX

ALINE ROSA VALENTE VIEIRA

O TREM E A VIDA!

Notas de Fabulação em Bergson e Deleuze

O direito à literatura como invenção de uma escola.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior da Universidade Federal Fluminense, na linha de pesquisa Epistemologias do Cotidiano e Práticas Instituintes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maristela Barenco Corrêa de Melo (Orientadora) –INFES/UFF

Prof.^a Dr.^a. Márcia Fernanda Carneiro Lima – GRUPO ATOS/UFF

Prof.^a Dr.^a Cristiana Callai de Souza – INFES/UFF

Santo Antônio de Pádua
2022

“A realidade deixa muito espaço à imaginação.”

(John Lennon)

DEDICATÓRIA

*À minha mãe,
Que me ensinou a ver as palavras no mundo
O mundo nas palavras.*

AGRADECIMENTOS

Apesar de você¹,

Julia e João se alfabetizaram e hoje são leitores do mundo.

Maria Vitória e Maria Rita nasceram durante a caminhada, e por isso o caminho se fez mais bonito.

Amanhã eu serei criança, como a menina de olhos negros que me olha e me vê.

Minha irmã me mora em seu útero, mas às vezes não sabe.

Meu marido cantou uma canção. E a vida sorriu.

Davi nasceu. E a sua mãe já foi minha.

Mãos pretas guardaram suas dores no bolso para acariciar meus cabelos.

Mãos brancas limpavam a louça em que eu comia.

A fabulação é uma flor que colhi no sertão em pensamentos alienígenas.

A menina-filha se tornou mãe-mulher. E me fez mãe quatro vezes.

Amor de prima não tem fim.

O menino de cabelos de girassol carrega os sonhos em uma bolsa sob os olhos e só eu vejo.

Minha mãe faz crochê na sala e suas flanelinhas protegem os desprovidos do mundo.

Meu pai me contou histórias de assombração e em sua boca só havia dois dentes.

Minha tia me deu um dicionário grande na minha formatura. Ela me deu palavras de presente.

Meu tio sempre terá olhos azuis que choram quando riem.

Ela chegou de longe. E trouxe seu zói pequeno para eu enxergar grande.

Quando rezei, três anjos me disseram: é possível o impossível.

Ela chegou grande, mas era pequena. Depois ficou pequena, mas é grande.

E me faz sentir importante.

A alegria dorme comigo e dá muitas risadas antes do sono chegar.

E a curiosidade vem me ver todos os dias com um riso sem dente.

Minha ancestralidade também está aqui:

¹ Apesar de você é o nome dado à turma de Mestrandos de 2019 do Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGen/INFES-UFF pela Prof.^a Dr.^a Mitsi Pinheiro de Lacerda no segundo semestre do mesmo ano durante as aulas da disciplina de Epistemologia da Educação.

Um avô que nasceu para contar histórias com os ouvidos, mas fora impelido ao trabalho bruto com suas mãos de cetim e sua aptidão para ninho.

Uma avó com faca nos dentes que rachava lenha e escrevia cartas.

Um avô perneteta, ex-combatente de guerra, que dormia com uma arma sob o travesseiro.

Uma avó que colhia arroz nas vages alagadas e fugiu de casa aos 15 anos por amor. Passou quase trinta anos em cativo, ficou viúva, mudou de cidade e foi feliz.

Um pai que tocava carro de boi, jogava futebol, fazia goiabada no tacho e vendia laranjas.

Uma mãe que simplesmente é única. E é muitas. Multiplicidade. Amor.

“Eles combinaram de nos matar. Mas nós combinamos de não morrer.”

(à Turma de Mestrado PPGEN INFES/UFF - 2019/2)

Nós somos o resultado de uma fraquejada. Somos os pretos de sete arrobas. Somos todos os indígenas assassinados. Somos Bruno e Dom. Somos cada árvore derrubada na Floresta Amazônica. Somos o fogo no pantanal. Somos a gripezinha que matou mais de setecentas milhões de pessoas. Somos todos os coveiros que choraram os mortos. Somos as mulheres que não merecem ser estupradas. Somos todos os mortos nas chacinas realizadas nas favelas do Rio de Janeiro. Somos todas as crianças vítimas da violência policial. Somos todos os palmos de terras não demarcadas. Somos todas as travestis assassinadas. Somos gays, lésbicas, trans, queens, binários, não binários, somos o que desejamos ser. Somos as mulheres violentadas enquanto parem. Somos as crianças estupradas e obrigadas a aguentar mais um pouquinho. Somos as mulheres mortas pelos abortos clandestinos. Somos cada um dos mais de cinquenta milhões de brasileiros com fome. Somos os homens afeminados, as mulheres-sapatão. Somos os mais de trinta mil que a Ditadura deveria ter matado e não matou. Somos todos aqueles que trabalham sem nenhuma garantia. E também somos os que não podem trabalhar. Somos ainda os se pensam empreendedores vendendo sanduiche na rua. Somos os entregadores de fast-food em suas corridas de morte. Somos os meninos da favela que morrem no tráfico. Somos os meninos da favela que a polícia mata. Somos os brasileiros que pulam no esgoto diariamente porque não têm saneamento. Somos os vacinados que viraram jacaré. E também somos a vacina sem comprovação que salvou milhares de centenas de vidas. Somos as mães que choram sem saber o que dar de comer aos filhos. Somos os drogados perdidos em casa esquina. Somos os perdidos em cada esquina. Somos a terra violentada de todas as formas. Somos a chuva que não cai. E também somos a chuva que não para de cair. Somos Marielle e Anderson. Somos a bola de fogo que partiu. Somos um país de maricas. Nós somos a assombração e a potência de um povo que há vir.

A CASA E A ÁRVORE²

Era uma vez uma pequena semente. Mas ela não sabia que era uma semente. Ela pensava ser uma coisa. E assim, coisificada, era capturada pelas malhas engenhosas do sistema colonial. Angustiada dentro da escuridão, ela deseja sair de onde se encontrava e encontrar a luz. Levar os braços aos céus para tocar as estrelas. Era uma coisa sonhadora. Então essa coisa, percebeu, mesmo enquanto coisa que era, que se encontrava recolhida no solo de uma casa. Era uma casa generosa e acolhedora. A casa sabia que em seu ventre morava a semente, e cuidava dela. Abriu espaço em seu teto para que as gotas de chuva pudessem regá-la. Escancarava as janelas e observava os raios de sol aquecerem seu leito. E assim, na profundidade da mãe-terra, a coisa foi ganhando força. Laço de vida, uma vida, imanência. E então ela descobriu que era uma semente. Um pequeno broto rasgou o ventre da terra e avistou a imensidão da vida. Reparou que naquela casa havia muitos brotos como ela, felizes balançando seus caules, folhas e galhos na penumbra que era oferecida. Devir-vegetal, inumamo, árvore, flor. Potência de vir a ser. Tornar-se quem se é. Gratidão à casa por acolher meu processo. Vagaroso, incerto, duvidoso. Encontro que força a pensar. A casa sorriu generosa. Ela desejava era fortalecer brotos. Acender velas e vidas.

² Em exercício de escrita no Grupo Flora, todos foram convidados a escrever em devir-outro. A proposta era que a escrita se desse em devir de uma força da natureza com a qual cada um se identifica sse. Eu escolhi um devir-árvore e professora Maristela Barenco escreveu em devir-casa. A casa e a árvore.

POST SCRIPTUM³

Ela piscou sucessiva e lentamente os seus *cílios de penas de ganso* e me disse:

-- “A criança é fabulosa”.

Eu ri, só que do lado de dentro, porque o lado de fora estava muito nervoso para rir.

Essa fala saiu de uma fabulação e transcendeu o meu estudo, que ela leu enrolada em cobertas de nuvens e algodão. Com certeza havia *cuspidos* muitas vezes para dar liga aos meus pensamentos embaralhados e soltos. Ao lado, o seu banquinho de madeira, com um *despertador que não funcionava e restos arrumados como joias*. Foi assim que ela se fez *ninho* e me acolheu com seus *olhos de ver beleza*. E como era *gorda em suas cintilâncias*, apreciou as palavras engessadas e as tocou com seus dedos *de fazer passarinho*.

Eu renasci, em *encantamentos de grilos e cílios fluorescentes*, toda *espremida entre vagalumes*, me (re)vi potência.

No incessante movimento da vida, ela caminhou para uma fresta, um tempo-eternidade, onde o devir inumano nos possibilita o (re)encontro com as forças da vida.

Fernanda-ninho, criança, arco-íris, lesma, cão. Fernanda-gentileza, potência, alegria.

Fernanda-ramo, pedra, chuva, rio. Fernanda-grilo, cigarra, *froza*⁴.

Fernanda-máquina-de-guerra.

Fernanda-fabulosa.

Ela me deu coragem de presente. E eu brinco de fazer fabulices com ela.

Gratidão.

³ Essa é uma homenagem póstuma à Prof.^a Dr.^a Márcia Fernanda Carneiro Lima que participou da Banca de Defesa dessa Dissertação em 28/10/2022 e usou *brincos de estrelas* para a eternidade em 06/02/2023. Ou seja, seu falecimento se deu no intervalo entre a Banca de Defesa desta Dissertação e a apresentação da versão final ao Programa de Pós-Graduação em Ensino do Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior – INFES/UFF, em 15/03/2023.

⁴ As palavras em itálico fazem referência à sua Tese de Doutorado “*Vem ver, Renatinha, uma froza!* A criança, o poeta e a poesia numa tese-ninho”, defendida em 2020.

RESUMO

Este estudo surgiu de uma paixão: a literatura; e também de um exercício epistemológico. E pretende pensar a literatura como um direito humano inegociável e o papel da escola como instituição (de)formadora, dependendo da distância que estabeleça do inegociável. O referido exercício perpassou esta mestranda e trouxe à tona reminiscências do processo de construção da leitura e escrita, mas não pretende que se converta em um trabalho autobiográfico, e sim, contrariamente, abrir possibilidades para romper as lógicas dominantes. Entendo, com Deleuze (2011, 2012, 2013) e Kastrup (2009), que a aprendizagem é um ato de invenção, cujos tateamentos e hesitações gestam uma emoção criadora capaz de inventar os problemas. E que a fabulação é uma função humana como muitas outras, das quais o ser humano não pode prescindir. Tateando e hesitando fui tentando perseguir lógicas que ultrapassem a racionalidade pura, entrevedo espaços de fuga por onde surgem as oportunidades de fabular, bem como outros caminhos que entrevejam a problemática de uma escola erguida para restringir, moldar e separar o humano de (sua própria) natureza. Trazendo a literatura (DELEUZE, 2013), como ponto de fricção entre realidade e ficção, e, também, de aporte político de fabulação em defesa de um povo que está por vir (DELEUZE, 2011), desejo cartografar um percurso de errância que foi, paulatinamente, desconstruindo certezas e incertezas mais, um plano aberto que não se esgota em si mesmo e não pode ser confundido com acabamentos, mas ao contrário, permanentemente aberto ao imprevisível e inacabado. Encontramos em Bergson (1978) e Candido (1995) a fabulação como algo inerente ao humano, e por isso, defendida pelo segundo como uma necessidade e um direito que podem ser garantidos através da literatura, a qual é por ele compreendida como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. E se a aprendizagem está condicionada ao processo criativo e este depende de condições de errância, imaginação e fabulação, a escola, como instituição de ensino e/ou máquina de Estado (DELEUZE, 1995), oferece estas possibilidades aos alunos?

Palavras-chave: literatura, fabulação, direitos humanos, escola.

ABSTRACT

This study came from a passion: the literature; and also from an epistemological exercise. Therefore, it intends to see and think the literature as a non-negotiable human right and the school's role as a (de)forming institution. The referred exercise passed through this student and brought to light some recollections from the writing and reading process, yet, it doesn't intend to be converted in a autobiography work, but rather, to open possibilities to break the dominant logic.

I understand, from Deleuze (2011, 2012, 2013) and Kastrup (2009), that learning is an act of invention, which hesitations generate an emotion capable of inventing the problems. And that fabulation is a human feature like many others, from which the human being cannot do without.

By grouping and hesitating, I was trying to follow patterns that would surpass the pure rationality, glimpsing the breakout spaces from where the fabulating opportunities arise, along with other paths that would glimpse the question of a school built to restrain, shape and separate the human from their (own) nature. Bringing the literature (DELEUZE, 2013) as a sticking point between reality and fiction, and also, a fabulating political input in defense of an upcoming people (DELEUZE, 2011), I wish to map a path of mistakes which was, gradually, deconstructing certainties and uncertainties, an opened plan which doesn't end in itself, but instead, is permanently opened to the unpredictable and unfinished.

We find in Bergson (1978) and Cândido (1995) the fabulation as something inherent to the human being, and, therefore, defended by the latter as a need and a right that can be guaranteed through literature, which is understood by him as an universal demonstration of all men in every given time. And if the learning is conditioned to the creative process and this one depends on conditions of wandering, imagining and fabulating, is the school, as a teaching institution and/or a State machinery (DELEUZE, 1995) offering this possibilities to those students?

Keywords: literature, fabulation, human rights, school.

SUMÁRIO

I – CARTOGRAFIAS DE UM MEDO E DE ESCUROS	16
1. Carta de (pequenas) intenções	16
II – EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO	23
1. No meio do caminho tinha uma pedra...	24
2. Aprender a ler e escrever em devir-infância	34
III – ESTAÇÕES	44
1. A Estação da Luz	45
IV – FABULAÇÃO E VIDA	57
1. Estação de suspiros e soluços (<i>A Fabulação em Bergson</i>)	58
1.1. Um giro no mesmo lugar	58
1.2. Um soluço e um salto para frente	66
2. Estância, movência e errância (<i>A Fabulação em Deleuze</i>)	70
1.1. A fabulação e o tempo	72
1.2. A potência do falso	75
1.3. O real e o impossível	79
IV – LITERATURA E VIDA	82
1. A estação e a viagem	83
2. Enfim, o que é literatura?	86
3. A literatura e os direitos humanos	91
VII – ESCOLA E VIDA	97
1. Um trem que nunca para, mas tá sempre parado: a escola	98
2. Descarrilar escola e vagão	100
3. Os trilhos e o percurso	104
4. Da escola-vagão para a escola-vida	106

VIII – ESTAÇÃO FINAL E (RE)COMEÇO	110
1. O trem da chegada é também partida	111
IX – VAGÃO BIBLIOTECA	116

CARTOGRAFIAS DE UM MEDO E DE ESCUROS

Ou Carta de (Pequenas) Intenções

*“Eu queria fazer parte das árvores
 Como os pássaros fazem.
 Eu queria fazer parte do orvalho,
 Como as pedras fazem.
 Eu só não queria significar.
 Porque significar limita a imaginação.
 E com pouca imaginação eu não poderia
 Fazer parte de uma árvore.
 Como os pássaros fazem.
 Então a razão me falou: o homem não pode
 Fazer parte do orvalho como as pedras
 Fazem.
 Porque o homem não se transfigura senão
 Pelas palavras.
 E isso era mesmo.”*
 (Manoel de Barros⁵)

Cambuci, dezembro de 2020,

Querido queridas e querides companheiros do Grupo de Estudos Flora⁶,

Tenho tentado nos últimos anos escrever uma dissertação de Mestrado. Não é tarefa simples, e a dúvida, o medo, paralisam e gelam. Poucas linhas se arriscam, mas parecem pregadas demais, esticadas demais, ou então se entortam, desviam, eu apago, e permaneço

⁵ BARROS, Manuel de. Menino do Mato – Segunda parte. In: Poesia Completa. 2010

⁶ Grupo de Estudos em Filosofia, Lógicas e Reescritas Acadêmico-afetivas – F.L.O.R.A., da Universidade Federal Fluminense – INFES/UFF, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maristela Barenco Corrêa de Mello.

paralisada, com a mente volitando em devaneios que nunca se deixam prender no papel. Uma tortura. Mas é preciso. Escrever é uma urgência que de repente desapareceu. O tão pouco não consegue se juntar e o tempo acadêmico surge com uma foice na mão empurrando-me para o fim sem escolha: o precipício engolidor de sonhos se avizinha e eu de cá tenho os lábios cerrados e os dedos travados. Onde começa o começo?

Talvez vocês já me conheçam, talvez não, mas vou me (re)apresentar. É importante. Eu nasci no Santo Antonio, uma localidade na zona rural do município de Cambuci, no interior do Estado do Rio de Janeiro. Aos sete anos vim morar na cidade, que é a sede do município. Cidade do interior mesmo, não apenas distante da capital. Aqui não tem shopping, não tem universidade, teatro ou cinema, nenhum desses símbolos que atestam o avanço das grandes cidades que concentram a hegemonia social. Uma cidade da roça. Vocês poderiam pensar então que resido no paraíso, longe das redes sociais e da crueldade dos grandes centros. Sinto informar que não é bem assim, a violência dos grandes centros não nos atinge com mesmo grau de intensidade das cidades metropolitanas, mas todos os problemas econômicos e sociais dos grandes centros aqui se repetem, por vezes em grau de lupa, percebidos com imensa clareza e lucidez, outras vezes proporcionalmente menor, como o território. Por aqui individualidade e coletividade por vezes se confundem, vida privada torna-se assunto público e o inverso também acontece numa proporção inimaginável para quem assiste aos bastidores políticos de sua cidade através dos meios de comunicação. O acesso à internet é facilitado por provedores que infestam as cidades de emaranhados cabos pretos em todos os postes de lâmpadas amareladas que iluminam parcamente as ruas. Como em todo lugar, o acesso à informação é livre, bem como sua seleção, e é notório que a distância física dos centros acadêmicos modula as verdades e os costumes locais. O acesso à academia, recursos de saúde, programas culturais, demandam deslocamento para cidades mais equipadas. Por outro lado, pode-se atravessar a rua sem olhar para os lados, deixar o carro aberto enquanto vai ao caixa eletrônico sacar um dinheiro, dar a volta em toda a cidade a pé em menos de uma hora de caminhada, sentar no banco da praça e observar o tempo passar. Tempo cujo fluxo talvez escorra menos apressado nas pacatas demandas por aqui...

Não sei se essa dissertação se inicia nessas linhas que compartilho com vocês. Percebo, ao escrevê-la, que ela já se iniciou há muito tempo, e se inicia ininterruptamente em fluxos que dela escapam e forjam linhas de fuga na segmentação da rotina onde me escondo da obrigação imanente de que falava Bergson (2001, APUD HEUSER, 2010, p. 61) e que adio permanentemente. No entanto, a escritura de uma dissertação não pode ser

construída sob o peso da obrigação, mas do delírio, eu bem sei. Estou a procurar os verbos de pegar delírio⁷, mas o peso das certezas é bem grande, e não deixa as asas da imaginação se abrirem em potência criadora. As certezas são como o sapo da fábula da festa no céu, que desejava voar e enganou o urubu para carregá-lo, e, uma vez que não tinha essa potência, acabou por espatifar-se no chão por não reconhecer os seus limites. É isso o que as certezas nos fazem: espatifar no chão. Vocês não imaginam o quanto é difícil despojar-se das certezas incrustadas em nossas palavras, que muitas vezes nem sabemos. O desejo de abrir o trabalho ao novo, ao inacabado, ao provisório, à impermanência, abre-se num espaço vazio e as palavras para apresentar as ideias que se escondem em imagens óbvias e inertes...

Talvez por isso eu tenha tanta dificuldade em começá-la. Além do mais, neste momento em que escrevo essas linhas, um homem quebra o meu banheiro para resolver um problema de entupimento nos canos. Sinto-me como o banheiro, em que as leituras que faço, os encontros que tenho, as aprendizagens que surgem são como a marreta sobre o piso inflexível do meu pensamento. Esse piso que foi proficuamente acimentado e enfeitado ao longo do tempo por uma escola que repassa suas verdades e enterra dúvidas, hesitações... Sentia-me bem com esse cimento enfeitado à moda de tantos outros, robusto e sólido. Toda experiência derrama-se na superfície e escoia pelos ralos... E eis que aparece essa marreta, impulsionada pelas mãos esmagadoras dos livros (não nos esqueçamos de que Deleuze (1995, p. 11) os denomina máquinas-de-guerra: “resta saber com que elas se ligam para funcionar” e com grande esforço quebram as placas superficiais e o que se mostra é o caos, a desordem da desconstrução – o campo fértil da escola que habita em nós. Sob o cimento tão enfeitado, abre-se *o vazio que é potência de tudo que pode vir a ser*⁸ e é quase possível ouvir o riso encantado de vida de todas as crianças soterradas sob o piso inflexível do conhecimento sistematizado. Não tenho tempo de recolhê-los, preciso escrever, pois como na história de Alice, o coelho apressado repete sem cessar: “não há mais tempo!” Tenho a sensação de que não aprendi o suficiente, mas isso é mania de perfeição, é desejo de acertar sempre. Afinal, não é isso o que aprendemos ao longo da vida? Que devemos aprender a

⁷ Manoel de Barros, em “O livro das ignoranças” diz que “No descomeço era o verbo. / Só depois é que veio o delírio do verbo.”

⁸ “*Falta ou oportunidade? / Não dizer, não ouvir, não ver / poder vir a dizer, poder vir a ouvir, poder vir a ver / a partir do momento que o poder se realiza / ele deixa de ser / Já não é mais ele / Antes disso era tudo / Era tudo que poderia vir a ser / Quando racho uma palavra / Eu abro um vazio / Ele me fita / Implora para deixar de existir / Porém mais cedo ou mais tarde / Se faz necessário / Rachar, quebrar, jogar fora / Até encontrar outro vazio / Pois só ele tem a potência / De se deixar preencher.*” (BARENCO, Clara. Exercício de escrita do Grupo Flora, 2021)

fazer o certo a despeito do que imaginamos? Que devemos responder as perguntas de acordo com o já posto, e não criar? Pois bem, foi por isso que surgiu esse trabalho, pela percepção de algo estranho que acontece e nos faz perder a força criadora. Ao observar com assombro o espaço vazio de tudo que pode vir a ser e que se abre em potência nessa escola-viva-dentro, sob o concreto de meus saberes, percebi mais claramente a eficácia da escola-espaço-para sobre nossos corpos, nossas mentes, nossas vidas, e comecei a refletir sobre o que fazemos com as crianças nas escolas: para onde canalizamos suas potências criadoras? A imaginação que jorra livre nas crianças e que é matéria prima de criação e de aprendizagem inventiva (KASTRUP, 1999), vai secando aos poucos, enquanto se concretizam saberes já sabidos na eterna recongnição. Já incomodava Bachelard o fato de os psicólogos verem “(...) nascer a imaginação nas crianças sem nunca, a bem dizer, examinar como ela morre na generalidade dos homens.” (BACHELARD, 1988, p. 2).

O exercício epistemológico que realizei e que escrevi anteriormente me levou até o texto de Freire (1989) e a todas as crianças que têm a oportunidade de aprender a leitura das palavras sem abandonar o seu próprio mundo. Nesse sentido, a escola se apresenta como uma dualidade, se por um lado é o local de incentivar a potência criadora, espaço social rico de interação, por outro assemelha-se a uma prisão, onde as crianças são levadas para aprenderem algo já dado: o conhecimento acumulado pela cultura humana, apartadas de suas realidades. Sequestramo-las de seu próprio mundo imaginativo para enquadrá-las em um espaço demarcado por paredes e regras - um espaço quadriculado (FOUCAULT, 1999). Ali, imersa entre quatro paredes, funda-se a separação humano x natureza. Insere-se na cultura infantil a noção de que aprendizagem e natureza são divergentes. As “partes da natureza” aparecem, então, como figuras estampadas nos livros, fragmentos distantes do mundo real, partes externas e sem significação de um mundo cujo centro é o humano.

Essa problemática da separação homem-natureza, que sustenta todo o pensamento moderno, consolida-se dia a dia no cotidiano escolar, pois a escola, máquina de Estado, apoia-se no estatuto antropocêntrico de modernidade, em que o domínio da natureza pretende ser a grande conquista de um progresso tão prometido quanto impossível, uma vez que não se pode dominar uma natureza que é o próprio homem sem dominar-se a si mesmo. Supremo paradoxo da modernidade, ao mesmo tempo em que a natureza precisa estar na condição de objeto para ser dominada, confunde-se com o próprio homem quando este subjuga seu semelhante ao status de coisa, apropriando-se desta. A escola precisa unir o que

o homem separou, religá-lo ao mundo, que não é outro senão este mesmo, para, acreditando nele, transformá-lo (DELEUZE, 2018).

A modernidade carregou em seu ventre, e já pariu entre nós, na contemporaneidade, o monstro da passividade, que nos desloca do papel de atores de nossos próprios atos para expectadores/consumidores dos atos alheios. O consumo apoderou-se de todas as esferas da natureza, inclusive do próprio homem. Consumimos o outro em relações doentias e consumimos a produção alheia também doentamente. Lembramos de nossas avós produzindo a manteiga, tricotando os agasalhos, batendo as pernas na máquina de costura para confeccionar desde panos de prato aos vestidos de aniversário. Um tempo de pausas, onde esperar era preciso. Era preciso esperar a nata do leite transformar-se em pastosa e amarelada manteiga sob o chacoalhar frenético da colher. Era preciso esperar o tecido retalhado pela tesoura transformar-se em bela vestimenta sob as laçadas da agulha. Era preciso experimentar, pausar... Cochilar enquanto se vivia a lentidão de um tempo grávido de fabulações que nos fora subtraído pela modernidade e seus avanços estéreis de pausas. Na era da produção, em que tudo se encontra pronto, além de produtos industrializados, consumimos também arte e aprendizagem. São estas, na maioria das vezes, transformadas em material de consumo passivo que engole nossa força criadora e potência de vida. A capacidade de criar, imaginar, fabular.

Em seu texto apresentado na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado em Campinas, em novembro de 1981, ao discorrer sobre a importância do ato de ler, Paulo Freire é levado a revisitar momentos guardados na memória em que a leitura das palavras esteve criticamente interligada à leitura do mundo. Nesse exercício afetivo de rememoração, o professor se vê novamente na casa onde nasceu, no Recife, o quintal amplo, as mangueiras em cujas sombras rabiscou as primeiras letras. Essa sua lembrança cheia de afetos se assemelha a um exercício epistemológico, em que podemos perceber que o ato cognoscente se dá ininterruptamente, antes e após a aquisição da leitura e da escrita da palavra. “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz.” (FREIRE, 1989, p. 8) As semelhanças entre as lembranças afetivas de criação da capacidade de leitura e escrita, que aparecem no meu texto e de Freire, fazem-me suspeitar do plano de imanência (DELEUZE, 2013), como imprescindível para a fabulação que compõe o ato de aprender. No entanto, cabe ressaltar, neste momento, que não pretendo exaurir o estudo sobre a cognição e/ou como a fabulação opera no ato de aprender, mas tão

somente compreender a fabulação como ato imanente à condição humana e à própria aprendizagem e que, por isso, deve ser postulada como um direito humano, principalmente pela escola como instituição pública garantidora de educação como direito de todos e dever do Estado. Direito este ligado à literatura, compreendida como toda manifestação de natureza humana em todos os tempos (CANDIDO, 1995), e encontrada para além dos livros literários, nas narrativas dos mais velhos, nas cantigas de rodas, nos contos de assombração, nas mitologias populares, etc.

Escrever tudo isto sobre o trabalho me fez parar. Penso se posso escrever isso assim, desse jeito tão seco e por que foi desse jeito. Queria tanto por poesia por aqui, para vocês! Mas está difícil, muito difícil. As coisas fazem sentido no meu pensamento, mas, quando puxo as pontas, submergem imagens desconjuntadas, típicas das coisas sem pé nem cabeça, sabe? E o pior, a certeza aparece. E é a pior das certezas: a de que não vou dar conta. Mas talvez o medo, é, talvez ele seja um bom conselheiro, talvez ele me jogue na escuridão imaginativa capaz de criar soluções para os problemas. Sim, preciso conseguir avançar, e talvez seja mais fácil no escuro, na noite onde seguimos vacilantes, hesitantes, à espreita do que pode acontecer...

Preciso me explicar melhor. Vocês devem estar sem fôlego, como eu. Escrever é como bordar, e parece que fiz uma imagem de ponto em cruz com aquele avesso todo embolado que subtrai a beleza do trabalho, sabe? Tenho a impressão de que as palavras gritam, afobadas, o que pretendo, sem maciez para receber o encanto do leitor, o acolhimento do outro. Talvez tenha usado linhas por demais robustas, cores expressivas em demasia e o leitor, assustado, não deseje sentir o perfume, levar ao rosto, passar os dedos... Peço paciência, é preciso treino para melhorar a habilidade com as agulhas, ops!, as palavras. E serenidade para escolher as cores suaves e encantadas. O exercício de vai-e-vem do próprio trabalho há de me tornar mais hábil, e de nos tornarmos mais próximos.

Desejo usar a metáfora da noite, como espaço de criação, em contraposição ao dia, tempo de obrigações. Bachelard cunhou essa separação em sua obra, referenciando o dia como a parte de sua obra dedicada à epistemologia e à objetividade, e a noite representa a parte de sua obra em que se dedica à imaginação. Assim ele contrapõe a vida racional e o homem diurno à vida onírica e o homem noturno. No entanto, ambos são duas faces de uma mesma realidade existencial, e é dessa forma que o autor concebe razão e imaginação, como dois braços de um rio, que, apesar de caminharem separados, se movem na mesma direção e se entrecruzam em vários pontos, até desaguarem entrelaçados. Ao conceber o “homem

das 24 horas”, Bachelard comunga racionalidade e imaginação, pois “mesmo na mente lúcida, há zonas obscuras, cavernas onde existem sombras.” (BACHELARD, APUD. FREITAS, 108). Quando pretendo assumir o compromisso de escrever na penumbra, quero enfatizar que este trabalho não possui compromisso com o excesso de luzes e afirmativas, mas inversamente ele nasce de um exercício epistemológico que remete a um tempo e espaço não lineares e fugidios, por vezes chamado infância, que “nunca abandona as suas moradas noturnas” (BACHELARD, 1986, p. 19), e onde a escuridão é atenuada pelas chamas trêmulas das lamparinas ou o brilho suave e prateado do luar. Um tempo de pausa, de ouvir coaxares e sussurros, assobios longínquos... Neste vagar a que me dedico, intenciono pequenos lampejos, que, assim como os vagalumes, não têm a pretensão de acender o dia, mas aguçar o olhar para as coisas menores que estão bem próximas e quase nunca são vistas. Minúsculas fogueiras, que, assim como as fagulhas, não pretendem incinerar ideias, mas acender minúsculos outros pontos de vista. Pequenos devaneios, que, assim como os cochilos, não pretendem o pesado sono da morte, nem os pesadelos sem fim, mas apenas vagar no universo imaginário a procura de rastros e restos que (re)componham histórias, de rascunhos e sombras que possam cartografar sem decalques e sem alardes esta pesquisa.

Já se faz tarde, querido grupo. A luz matinal já desce sobre minha janela anunciando os primeiros minutos do dia. Por isto já é hora de me recolher. Enrolo-me no manto da noite e me dou a ler. Sejam afetuosos comigo.

Aline Valente.

EXERCÍCIO EPISTEMOLÓGICO

*A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.*

*Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.*

*Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, lembrar,*

*Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.*

(Fernando Pessoa)⁹

⁹ PESSOA, Fernando. Novas poesias inéditas. 1993, p. 90.

No meio do caminho tinha uma pedra...

*“Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.”¹⁰*

(Carlos Drummond de Andrade)

O exercício epistemológico é uma ferramenta didática utilizada pela Professora Maristela Barenco em suas aulas da disciplina Epistemologia da Educação no Curso de Pós-graduação Mestrado em Ensino do Instituto de Educação do Noroeste Fluminense - INFES/UFF ao longo dos anos. Nas palavras da Professora Maristela,

Uma das experiências fundamentais para assumirmos a riqueza das múltiplas perspectivas é a do encontro com o nosso próprio *lugar epistêmico*, das condições de constituição do próprio conhecimento e da enunciação deste, que Paulo Freire identifica como aquele lugar existencial das primeiras leituras do mundo, lugar da construção e enunciação de uma singularidade, lugar em que acessamos a nossa potência de enunciação, condição de empoderamento, lugar a partir do qual temos coragem de nos haver com nossos pensares, com nossos sentires, com nossos dizeres, e com nossos fazeres. Lugar da criação e da invenção. Lugar a partir de onde vamos agenciando aquilo que nos mobiliza e com quem (referenciais teóricos) operamos de forma cognitiva e sinérgica (MELLO, 2015, p. 6)

Nessas aulas de epistemologia os alunos são levados, voluntariamente e felizes, a entrar em processo de ecdíase, e, em “franco delírio de fabulação” (DELEUZE, 2013), comungamos de um coletivo devir artrópode. É bem possível que muitos sintam a própria carapaça endurecida e reconheçam, pela primeira vez, os algozes de encarceramento coletivo: os conhecimentos consumidos muitas vezes sem a oportunidade de questionar, as certezas que se construíram sobre dores alheias, os julgamentos precipitados, e, sobretudo, o quadriculamento (FOUCAULT, 1987) a que se está exposto cotidianamente. Outros sentem-se, repentinamente, desprovidos de antolhos e um novo mundo se descortina à frente. Novamente aparece a capacidade de fazer perguntas. É como se de uma hora para outra

¹⁰ DRUMMOND, Carlos. Alguma poesia. 2004. p. 47

houvesse uma desterritorialização, pois que é possível enxergar essa territorialidade forçada de que Gallo adverte¹¹. São aulas menores, de uma disciplina displicentemente menor, que cava sulcos em nossas certezas e “faz com que as raízes aflorem e flutuem” (GALLO, 2002, p. 172) e escapem em linhas de fuga em busca de novos encontros. Não é incomum que alguns projetos iniciais percam o chão – este, território inquebrável e impermeável, refletor de ideias prontas. Pelos cantos, os sussurros “E agora? Não quero mais aquele projeto” - encontram ecos por toda parte. No mínimo revê-los faz-se urgente após as marteladas iniciais dessas aulas de Epistemologia da Educação.

Os professores catedráticos em suas disciplinas acordam olhos de estrangeiros, em que a possibilidade de aprender está aberta pela impossibilidade do hábito – o novo surge com toda força diante de olhos perplexos. Há todo um estranhamento de tudo e de todos. Um fabuloso estranhamento das próprias entranhas que, no decorrer das aulas, se avolumam e tornam a aceitação da carapaça anterior impossível. O peso dos séculos de exploração se deita sobre ombros fustigados, a lucidez sem trégua despeja sua luz ofuscante em olhos esbugalhados, as palavras enroladas em preconceitos gritam aos ouvidos. Não há outra opção a não ser abandonar a velha carapaça dura e malformada e (re)começar a construir nova forma, imprevisível, inacabável, fio a fio de devir, ponto a ponto na penumbra, sob a chama intrépida de alguma lamparina ou sob a luz terna do luar...

É então que, desalojados de nossa carapaça limitante, os alunos são convidados ao exercício epistemológico e a buscar, em algum devir, a *condição singular de enunciação*, que encontre - pois encontros são importantes – sob quais disfarces se escondem crenças, saberes, nosso processo enraizados de construção de quem se é. Assim, frágeis corpos desnudos tateiam véus a se (des)enrolarem, descortinam lembranças e despejam sobre toda a sala a ternura que há nos desprovidos de grandezas, na miudeza e menoridade de cada um em seus trêmulos devires incertos. Torna-se uma sala de sensibilidades.

Meu projeto inicial tinha como objetivo averiguar em escolas da rede estadual de ensino em meu município, Cambuci (RJ), se a literatura seria garantida aos alunos como um direito humano – defesa do crítico literário Antonio Candido. Mas no meio do caminho tinha uma pedra. Ou melhor, tinham as aulas de Epistemologia da Educação. E teve o exercício epistemológico. Bergson (1978) nos diz (e Deleuze também, pois este seria um dos pilares

¹¹ No Artigo “Em torno de uma educação menor”, p. 172, Gallo diz que toda língua tem sua territorialidade, imanentes a uma realidade, e “a literatura menor subverte essa realidade, (...) faz com que as raízes aflorem e flutuem, escapando dessa territorialidade forçada.”

de sua filosofia, a descontinuidade) que a vida cria formas imprevisíveis em “saltos descontínuos”. Ou seja, não mais o processo lógico, lento e contínuo da conhecida “linha evolutiva”, mas desvios imprevisíveis, saltos bruscos abrindo crateras por onde surgir, inesperadamente, o novo. Este exercício foi o “salto descontínuo” no processo de conclusão do mestrado em ensino, foi a cratera aberta, mas eu não conseguia saber onde estaria o novo. Era como o cego que nada vê à sua frente, porém é capaz de se incomodar com o cisco no olho. Eu compreendia que havia acontecido um deslocamento, as peças haviam sido embaralhadas, derrubadas e misturadas e todo o esquema de antes não fazia o menor sentido. Como rearrumar as peças e concluir meus estudos? Não sabia. Talvez ainda não saiba, mas é importante salientar que esse estudo é uma cartografia, um percurso que se deu em muitas idas e vindas, voltas sem fim, minúsculos movimentos de vai-e-vem, onde o aparente estático é incessante movimento. Outro dia li sobre a possível estratégia dos povos *rapanui* para transportarem os moais de um lado a outro da ilha de Páscoa. Sabe-se que estes são estátuas gigantes, com altura entre 4 e 6 metros e peso em torno de 13 toneladas. Como os *rapanui* os teriam deslocado há tantos anos? Os cientistas acreditam – e simularam – no uso de cordas e ação em conjunto. Muitas pessoas seguravam cordas enroladas ao pescoço de um moai e puxavam alternadamente de ambos os lados. Assim, ao balançá-lo de um lado para o outro, acontecia o deslocamento do gigante de pedra. A gigante de pedra intransponível que chegou ao curso de mestrado é sacudida diariamente de um lado ao outro por uma multidão de livros, palavras, pessoas, vozes, silêncios, encontros e desencontros, de modo que, além de processar o seu deslocamento, em insignificantes movimentos de vai-e-vem, opera-se em conjunto sua própria desmineralização, e a gigante, antes pedra inquebrantável, pouco a pouco se faz argila, grãos de areia ao vento... pouco a pouco tenta se fazer menor, pequena aprendiz.

Lembro de uma das primeiras orientações com a Professora Maristela, após me ouvir, ela, tentando entender o que me incomodava, me indagou se eu acreditava que existia “um tipo de leitura em que as leituras se conectavam pela imaginação”. Sim, eu acreditava que o que me incomodava na criança que encontrei através do exercício epistemológico era uma leitura aberta para o mundo que se deu através de uma experiência de leitura de mundo e das palavras conjuntamente. E, assim, eu caçava autores como crianças caçam conchas à beira-mar. E colocava aos ouvidos para tentar escutar o que tanto procurava.

Quando o inesperado surgiu, e esse texto-acontecimento interrompeu os fluxos lineares da pesquisa, eu não conseguia compreender qual era a parte (sensível, artística ou

fatídica) que me provocava esse incômodo-incomodante¹². Primeiramente pensei sobre a linguagem, a importância das palavras e da língua para a constituição humana e para os devires literários. A força dos signos. Isso me levou a autores como Foucault, Benjamin, num exercício inconcluso, um vaguear à deriva. Não encontrei nenhum fio a seguir, mil pedaços soltos por toda parte não respondiam à pergunta que eu desconhecia, mas incomodava. Depois acreditei ser a infância – não a infância idade, mas essa potência que mora em todos nós e que “extraí, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma involução criadora” (KOHAN, 2004, p. 9). Então seria a infância a força criadora que eu não compreendia? Havia entrado em algum brinquedo que gira sem parar, pois assim me sentia, rodeada de fios soltos que não conseguia alcançar, mãos estendidas no vazio a buscar pontos seguros que se esvaneciam e se tornavam borrões em meu looping infinito. Linhas que escapavam do controle. Linhas de fuga produzidas pelo estranhamento, experiências de problematização e invenção de problemas. Esse ponto, porém, era, inatingível. O plano estático do texto, os signos múltiplos do texto. Qual problema seriam capazes de suscitar? Então surgiu o devaneio, e Bachelard quase fez com que eu conseguisse enfim respirar por completude. “A linguagem está nos postos de comando da imaginação.” É nele que encontro a relação entre palavras e imaginação, quase no limite de meu interesse, pois o projeto inicial apresentado ao PPGen tinha como justificativa central a frase em que Cândido afirma que o homem não vive sem fabulação, e esta acontece tanto nos estados de vigília quando durante o sono. “Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito” (CANDIDO, 1995, p. 175). Seriam similares fabulação e imaginação? Poderiam elas ser resumidas pelo devaneio bachelardiano?

Atenta ao que fazia da literatura uma necessidade humana cuja satisfação constitui um direito, deparei-me com a fabulação. O que seria, então, o fabular ao qual ninguém passa vinte e quatro horas por dia sem adentrar em seu universo (CÂNDIDO, 1995)? O que seria essa condição que torna a literatura mais que um lazer, mas um direito do qual o indivíduo não deve ser privado sob pena de perecer?

Parecia que a minha procura era vã, que era eu alguém incapaz de tomar uma decisão, ou seja, definir o “objeto de estudo”. Aparentemente em inércia, a ebulição acontecia no

¹² Termo cunhado pela pedagoga Cintia Rosa em atividade de escrita no Grupo Flora.

espaço do não visto. O incômodo perseguia-me pela casa, pela varanda, pela cozinha, nos consultórios, era meu companheiro, uma força a me empurrar do lugar, projetando-me para uma zona visível. Acreditei que esse visível que eu não via seria a natureza, a escola rural. Então tracei a estratégia de que as escolas rurais eram a força que me incomodava, que naquela lembrança o visível que eu não via, mas intuía ser a diferença incomodante, era a localização rural de uma escola em contato com a natureza. No entanto, essa era uma condição para que a força se manifestasse, mas não era a força que eu procurava.

Foi então que, entre tantas conchas postas aos ouvidos para escutar os sussurros do mundo, ecoou o nome do filósofo Henri Bergson. Mas o medo me paralisou. E ele ficou numa estatura de indecifrável enquanto outros foram lidos vorazmente, porém pouco compreendidos. Faltava algum elo para que o sentido se fizesse. Até que ele chegou às minhas mãos, e, para minha surpresa, apensar da densidade dos conceitos e questões filosóficas abordadas, a leitura se fazia imensamente fluente – não fora à toa que o autor recebeu o Nobel de Literatura. Não que tenha me tornado alguma especialista em sua filosofia, ou que tenha decifrado todos os conceitos de sua obra. Mas ali encontrei a fabulação em seu estado primitivo. E então compreendi que não, imaginação e fabulação não são similares, pois a fabulação é tida pelo autor como uma faculdade humana, como muitas outras que para serem erigidas à condição de função precisam responder a uma exigência vital. Pois bem, Bergson (1978, p. 98) observa que a vida é “determinado esforço para obter coisas da matéria bruta” e que tanto o instinto como a inteligência utilizam instrumentos para esse fim. A sociedade não é uma invenção humana¹³, e está presente na vida animal em variados aspectos, sendo a prioridade da natureza e da vida. Nas sociedades em que prevalece o instinto, as individualidades devem se esforçar para a manutenção do coletivo, pois a natureza está mais interessada em proteger a sociedade do que o indivíduo. Mas, em determinado momento da evolução dos vertebrados, os instrumentos utilizados para solucionar os problemas da sociedade precisaram ser inventados e passaram a existir inorganicamente. Foi nesse momento que a inteligência floresceu no humano e o instinto passou a ser eclipsado pela iluminação da inteligência que, ao mesmo tempo, separou corpo e natureza. Desta forma, é que o humano “dotado de inteligência, desperto para a reflexão, ele se voltará para si mesmo e só pensará em viver prazerosamente” (p. 101) “Mas a natureza

¹³ Bergson (1978) desenvolve a teoria da fabulação como função humana a partir de comparações de sociedades organizadas do mundo animal (como as abelhas e as formigas) e a sociedade humana. Utiliza até mesmo as células para representar uma sociedade regida apenas pelo instinto de sobrevivência e organização da natureza, e que difere das sociedades humanas movidas (também) pela razão.

vigia” (p.101) e desta forma surge a função fabuladora, como resquício do instinto onde se espera apenas inteligência, sem o qual, o princípio da vida sofreria inegável ameaça. No intervalo entre o pensamento que acontece no corpo e o ato exterior a este, há a imprevisibilidade, e, portanto, a ameaça, e é neste intervalo que a função fabuladora opera. Por isto a função fabuladora, para Bergson, distingue-se da imaginação, que mais tem relação com a criatividade. A função fabuladora surge, então, como uma necessidade vital, protegendo a inteligência de si mesma.

Já Deleuze (2012, 2022) dá a essa mesma função fabuladora postulada por Bergson, uma tonalidade política, trazendo-a para a contemporaneidade como o elemento capaz de libertar os oprimidos da verdade imposta pelos senhores e colonizadores. A arte, diferentemente da inteligência, não tem por objetivo criar instrumentos para agir sobre a matéria, ela nos põe na fenda inorgânica (interstício de tempo) que se estabeleceu entre nós (a partir da fabricação dos instrumentos inorgânicos, ou seja, da inteligência) e a vida. Através da potência do falso, que torna indiscerníveis ficção e realidade, todo modelo de verdade se desmorona, pois a ficção é inseparável de uma verdade. É confundindo os contornos de ficção e realidade que é possível inventar novos mundos. Ou seja, através da função fabuladora nos religamos à vida e à sua potência de criação. Deleuze traz a fabulação para o tempo e faz da arte o signo privilegiado que consegue inserir o humano no intervalo em que passado e futuro se encontram e se confundem, tornando possível o exercício de criar. Enquanto potência, a fabulação, para Deleuze, não se confunde com a ficção, mas é o “elemento de desterritorialização” que perpassa a literatura em sua extensão e a faz continuar “viva”. Ou seja, é o que faz a criação literária (aquela que não é papai-mamãe (DELEUZE, 2011) se perpetuar no tempo.

Há, no exercício epistemológico, um desejo de rememoração, um querer lembrar. E mesmo diante deste desejo, é preciso constatar que as lembranças ali escritas não correspondem ao passado de fato, à alguma verdade. São lembranças de um passado trazidas ao presente misturadas com os sentimentos e impressões da autora. Mas não se descolam do tempo passado. São imagens-lembrança, que, imersas no devir criativo, não escapam na fissura do tempo. Permanecem no vai-vem; passado-presente, contração do hábito e dilatação do passado, resgatando imagens por semelhança. Não emergem nesse tempo em que o tempo não passa, mas acontece, e é possível mergulhar na memória do mundo. No entanto, foi essa imagem-lembrança que trouxe à cena do presente o movimento de deslocamento, em que o ato de observar os estratos do passado não se manifestou na busca

por imagens-semelhança que provocassem ação-repetição no presente. O texto pode ser entendido como um devir criança, mas que não deixa de ser remetido a um sujeito, limitando sua potência falsificadora. Portanto, é preciso assinalar que o texto em questão não se trata de escrita com carga literária capaz de deslocar o tempo e emergir imagens-fábula por onde surjam forças políticas capazes de fazer nascer o que (ainda) não existe. Não há na escrita textual do exercício epistemológico a potência do falso capaz de enganar a memória e falsificar o real. O exercício é, assim, uma rememoração e, também, um meio para o aprendizado. Nela são utilizados os signos sensíveis, tendenciosos ainda a um exterior a eles, a um sujeito que escreve. A leitura e a escrita permitem um encontro com quem não está aqui. Escrever cria possibilidades de reencontro. “Ao acaso dos encontros segue-se a necessidade imposta pelo que nos faz pensar” (KASTRUP, 2001, p. 20). O pensamento só pensa quando é forçado. E pensando sobre o exercício de escrita, aconteceu o (re)encontro com uma criança em flagrante delito de fabular. É essa criança que interage com o mundo sem cisão, são seus olhos estrangeiros que veem todas as coisas com espanto, abertas como fruta madura no tempo. Ela está nesse interstício do tempo, em que o corpo é impedido de se fechar no hábito e perpetuar repetições, mas se põe em contato com um futuro que convoca a se rebelar contra o organismo e abrir-se em potência para o fora, potência de criar, inventar.

O mundo material palpável e o mundo virtual são para ela indistintos. Nessa área fronteira, a potência criadora encontra-se expandida, uma vez que ela se encontra num rasgo temporal onde presente, passado e futuro estão indiscerníveis, então ela pode criar o novo, ela consegue se ligar à “alma do mundo” exatamente porque a sua vida é uma obra de arte. Arte e vida estão entrelaçadas *na* vida. Esta é a potência.

Essa criança traz à tona uma escola em que a vida entra e sai sem pedir licença. Uma escola de porta única, mas múltipla e sempre aberta, por onde o sol entra de mansinho junto com toda a força da vida. Para a criança que conquistou habilidades de leitura e escrita nesse universo, a escola é indissociável da vida. Para ela, a escola, é preciso esclarecer, se constituía no mesmo espaço em que a casa, o quintal repleto de possibilidades, o horizonte do possível e (por que não?) do impossível. E, lembrando um texto da professora Mitsi Lacerda, que faz muito sentido nesse momento, essa criança não tinha quadriculado o seu espaço, pois à revelia dos cronogramas escolares, lhe era permitido estar em qualquer espaço a qualquer tempo; e, também não tinha surrupiado o seu tempo, pois como diz a professora, juntamente com Certeau (1984):

[...] ao delimitar um “próprio”, estabelecer as normas, selecionar os usuários e estabelecer as condições que lhe permitem algum tipo de capitalização, o “forte” apropria-se do lugar. Ocupando um lugar de poder, o “forte” organiza o “próprio” legitimando um determinado tipo de saber, ou seja, o poder estabelece um saber. Ele é o dono do lugar. É ele quem gere este lugar, e é ele quem define o que é o saber. Ao “fraco”, portanto, resta transitar por este lugar gerido pelo outro, segundo a normatização que este impõe. Ou não. Para Certeau (1994), quando desprovido de um “próprio”, o “fraco” dispõe do tempo. Ele dispõe do tempo, e é o tempo que lhe provém com a astúcia necessária para se mover de modo inteligente através das malhas da proibição, quando a oportunidade se apresenta (LACERDA, 2020, p. 273).

Neste texto, curiosamente, a professora ao observar e estudar o cotidiano, ressalta a diferença de estratégias de controle e poder na escola da cidade e na roça, como ela nomeia o espaço rural. Assim, a criança na escola da cidade tem seu espaço e seu tempo surrupiados pelo cotidiano escolar, e, num paralelo com sua infância vivenciada na roça, ela constata que a mesma podia ter o espaço controlado, mas não o tempo. Além disso, o controle do espaço na roça dava-se através de lendas que apelavam para a fabulação infantil como cerceador da liberdade espacial. Desta forma, a criança na escola da cidade tinha toda sua possibilidade de fabulação minada pelo controle do espaço e do tempo. Já na roça, a fabulação estava presente tanto no discurso controlador do espaço, que se utilizava de fatos “sobrenaturais” para afastar as crianças dos lugares perigosos ou proibidos, quanto nas próprias crianças quando tinham a disponibilidade do tempo para criar as próprias brincadeiras, seja transformando em arte as possibilidades de diversão, seja criando soluções para contornar as limitações impostas e assegurar a realização de seus desejos.

Faz parte dos modos de poder o controle do espaço e, sobretudo, do tempo, pois é neles que a vida acontece e se expande. Porém, na experiência do tempo acontece o ato de criar – ameaça à hegemonia por ser singularizador. “[...] é o tempo que lhe provém com a astúcia necessária para se mover de modo inteligente nas malhas da proibição [...]” Ousaria acrescentar, com Deleuze (2013), que é na experiência com o tempo que a potência de fabulação cria as condições necessárias para não apenas resistir contra o sistema opressor, mas criar novos mundos possíveis. Ou seja, a inteligência não é o ingrediente central desse movimento, mas a fabulação, pois que a inteligência se limita a atuar sobre o mundo material, e é a fabulação que aparece nesse intervalo entre o pensamento e o ato, modificando o

primeiro não apenas pela necessidade e pelo hábito, mas pela invenção. Eis o motivo pelo qual esse tempo é tão disfarçado, controlado, manipulado e roubado pelo sistema.

Essa escola que comunga os espaços e liberta o tempo permite que a criança esteja aberta para ser autora de sua aprendizagem¹⁴, que não se dissocia da vida. A oportunidade de fabular – e de viver – é imanente à escola e à vida. Estão as escolas comprometidas com a vida? A quem servem?

Em “A poética do devaneio”, Bachelard (1988, p. 8) diz que “A imaginação tenta o futuro. A princípio ela é um fato de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades. Veremos que certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida, dando-nos confiança no universo.” Assim, ele aproxima a imaginação, como palavra-conceito, de fabulação, que, para Deleuze (2012), é memória do futuro. Essa imprudência de que ele fala pode ser considerada como a resistência, a rebeldia que Deleuze atribui à fabulação, retirando da “estabilidade” que nos é imposta para a criação de novas possibilidades. No entanto, como Bachelard atribui o seu devaneio à poesia, parece que ele retira dessa força que ele nomeia imaginativa e desestabilizadora a potência de criar, fazendo dela uma reação aberta pelo poema. Ou seja, no meu ponto de vista, o devaneio poético seria o resultado da fabulação, ou seja, o que acontece quando alguém lê um poema que foi criado pela potência fabuladora em sua máxima força de sair de si e tornar-se o outro, afetar.

Já Deleuze (2017) coloca como (uma) tarefa da literatura “[...] tornar-se criança através do ato de escrever, ir em direção à infância do mundo e restaurar essa infância.” Ao comentar esse fragmento no terceiro parágrafo da página 205, MELLO (2015) cita Kohan e diz:

Kohan (2007, p.332) descreve esta perspectiva como a capacidade de “recuperar a infância no ato de escrever”: “significa afirmar a experiência, a novidade, a diferença, o não-determinado, o não-previsto e imprevisível, o impensado e o impensável na escrita; significa inventar as palavras, a forma encontrá-las e de elas se encontrarem (...)”. Novas formas de encontrar as palavras e de elas se encontrarem não têm a ver apenas com a arte e a forma de se escrever, mas, sobretudo, com a arte e a forma de se pensar, de estabelecer nexos e de conectar ideias, conceitos e experiências que foram, a partir do século XVII, separados.

¹⁴ Peço a liberdade de utilizar o neologismo aprendizagem para não utilizar o termo aprendizagem cunhado nas malhas do cientificismo e, com ele, me referir ao ato de aprender que não é apreensão, mas criação.

No entanto, não era a infância a potência que eu procurava, mas a potência de fabular que está na infância em sua forma mais primitiva, ainda aberta pela singularidade da criança que não se deixou capturar pelas malhas de um tempo linear mensurável e um sistema que cuida de homogeneizar. Quando a infância ainda se encontra no adulto que deixou cronologicamente de ser criança, mas tem em si a infância, a fabulação tem espaço para acontecer, pois este é um adulto que de alguma forma ainda consegue singularizar e dizer “eu é outro”. Por isto Deleuze nos convoca a tornarmo-nos criança no ato de escrever, e com ela, restaurar a infância do mundo. Escrever como criança é fabular e, assim, sair da personificação e resistir às verdades dominantes que capturam nossas subjetividades e as enclausuram, alçando à potência de inventar os povos que faltam, inventar outros mundos possíveis, mais infantis, em que a alteridade possa transitar sem chancelas. Mundos que só serão possíveis quando religarmo-nos à vida e toda sua potência.

Pensando desta forma, no meio do caminho não tinha uma pedra. Tinham asas.

Aprender a ler e escrever em devir-infância

(A menina Aline¹⁵ e suas reminiscências)

*Andar à toa é coisa de ave.
 Meu avô andava à toa.
 Não prestava para quase nunca.
 Mas sabia o nome dos ventos
 e todos os assobios para chamar passarinhos.
 Certas pombas tomavam ele por telhado e passavam
 as tardes frequentando seu ombro.
 Falava coisas pouco sisudas: que fora escolhido para
 ser uma árvore.
 Lírios o meditavam.
 Meu avô era tomado por lesão porque de manhã dava
 bom dia aos sapos, ao sol, às águas.
 Só tinha receio de amanhecer normal.
 Penso que ele era provedor de poesia como as aves
 e os lírios do campo.*

(Manoel de Barros¹⁶)

Uma nuvem dourada se eleva à direita, bem em frente à leve sinuosidade que oculta a saibreira revestida de árvores densas formando uma mini floresta capaz de esconder assustadores monstros, como a temida mula-sem-cabeça. A fina poeira é acompanhada por um ruído peculiar e logo percebo que um automóvel se aproxima deixando atrás de si o volumoso rastro dourado. Posso perceber a nuvem de pó dançando à minha frente, fazendo brilhar minúsculos flocos que bailam ante a luminosidade fraca de minhas memórias, cintilando pontos seletivos que logo se esvanecem enquanto outro faísca, num jogo de esquecer e lembrar em que presente e passado, ficção e realidade brincam de mãos dadas...

Estou sentada no colo de meu avô. Sinto sob as perninhas curtas o tecido de tergal de suas calças claras – “cor de burro quando fuge”¹⁷, ele diria. Mesmo sem olhar para baixo

¹⁵ Terminei o Ensino Médio, antigo Curso de Formação de Professores, com 16 anos. Sem condições de prosseguir estudos fora, minha mãe me colocava em cursinhos na minha cidade. Havia em Cambuci um homem muito sábio e possuidor de volumoso conhecimento autodidata. Fez parte da criação do Colégio de Santo Antonio de Pádua e de Cambuci, pois seu conhecimento era polivalente. Casado com uma cambuciense, após aposentado, ministrava cursos na cidade para ajudar na instrução dos cidadãos. Os cursos eram pagos, mas ele não fazia questão de receber. Professor Valdir Eccard era um altruísta. Nesses cursos, e sempre, fui aluna muito falante e expressiva. Quando eu faltava alguma aula, na aula seguinte ele falava: “Vamos ver novamente aquele texto, porque ontem a menina Aline não veio...” Essa frase de alguma forma me lembra sempre a menina que há em mim. A menina que precisa haver em mim.

¹⁶ BARROS, Manoel de. O Provedor. In: *Ensaíes Fotográficos. Poesia completa*. 2015, p. 391

¹⁷ Na verdade o ditado popular aconselha-se correr de burro quando este fuge, pois fica bravo. No dialeto da roça, como um telefone sem fio, as falas são repassadas conforme são apreendidas, sem compromisso com a literalidade, e assim ganham novos sentidos.

sei que ele calça sapatos de couro e meias de nylon. Suas mãos grandes sempre se movem quando fala. O som de sua voz não se prendeu em minha memória, voou pelos ares do tempo... Seus olhos se apoiam sobre bolsas de pele macia, que os faz parecer sempre flutuantes. São rasos e embaciados, como o resto de água em movimento no fundo das bacias de alumínio brilhante. Que cor têm os olhos de meu avô?¹⁸ Neles, uma ponta de tristeza se disfarça em inigualável ternura. Às vezes penduramos os olhos de meu avô em suas grandes orelhas, como brincos. Assim as bacias cintilantes acolhem a escuta. Meu avô tem orelhas grandes e ouvidos ainda maiores. Ele conta histórias com os ouvidos. Sinto o calor de sua pele macia e me reconforto em seu aconchego. Minha irmã senta-se ao lado, mais séria e compenetrada, tomando conta de tudo, enquanto estou displicente, alegre e ávida. Talvez meu irmão durma lá dentro, com seus cabelos que não nasceram de girassol. Os girassóis foram morar neles com o tempo. Minha irmã tem o tempo e os olhos das pessoas grandes. Nada sei sobre o tempo de contar os anos...

Nossos olhos se estendem à frente, observando a névoa dourada que se levanta com a passagem do veículo. Estamos sentados no banco do alpendre da varanda: um robusto banco de madeira maciça já esbranquiçada pelo tempo, que cravou em sua superfície fendas escuras das mais variadas formas e texturas. As marcas, como as da vida, em alguns pontos são breves rabiscos, em outros talhos profundos que tornam o banco quase um ser vivo. Seriam as marcas do tempo também cicatrizes da vida? Penso que pela sua aparência podemos dizer que ele é um velho banco, mas não tenho certeza se as vidas de que foi testemunha aconteceram apenas fora dele... Também ele (não só) testemunha nosso encontro, ao lado da grande porta de madeira pintada de tinta azul já descascada pelo tempo. Ao redor, as tábuas acinturadas que cercam o alpendre já não têm senão restos de fina camada de tinta branca escamada e quebrada pelo excesso de sol e chuva. Também o tempo (ou a vida) lhes impôs marcas... Alheios aos limites do alpendre, vislumbramos à nossa frente o majestoso terreiro de pedra da fazenda, onde secam e ensacam o arroz em tempos de colheita. Ele também é golpeado pelo tempo e pelas intempéries. De seu leito endurecido pelo cimento dos homens, a vida pede passagem pelas frestas. Muitas vezes sua força expulsa placas inteiras, de onde brotam dormideiras, trevos e formigueiros. Depois dele, um extenso pedaço de terra até onde a cerca se encontra com a estrada, que separa a fazenda da

¹⁸ O conto de Conceição Evaristo faz referência às memórias da autora sobre a cor dos olhos de sua mãe, que ela não recordava, mas a partir dessa interrogação a autora traz à tona diversas lembranças e reflexões sobre sua infância.

igrejinha que está bem à nossa frente, a uns 200 metros de distância. Pequena e imponente sobre o barranco onde os degraus de acesso são cavados a enxadão no próprio solo, em ambos os lados. Igreja de Santo Antônio, como a fazenda que nos abriga. Após o levante de pó que o veículo proporcionou, penso na fofa camada de fina poeira alaranjada que se acumula aos lados da estrada de terra batida e ensaibrada. A mesma poeira que tingiu de laranja nossos pés enfiados em chinelos durante os passeios matinais, conjugando-nos ao alaranjado solar, úmido e cheio de vida entre os morros verdinhos.

Nessas tardes no alpendre, meu avô esticava os nossos olhos para as miudezas que podiam ser lidas em toda parte. Sua voz sussurrava os segredos mais interessantes. Em frente a este alpendre, que era a frente da casa da fazenda, tinha um pé de cacau. O único da fazenda. Era muito importante, pois era capaz e produzir algo que todos desejam muito, o chocolate, que nós ali não tínhamos, mas possuíamos a fonte. Era uma vitória sobre o que nos faltava, como a eletricidade, as guloseimas prontas, os eletrodomésticos, a televisão... Eu comi tanto cacau e engoli tantos caroços que não consigo saber como sobrevivi. Tinha posse de um conhecimento que hoje reparo ser de poucos, apesar da imensa quantidade de consumidores de chocolates: as amêndoas do cacau são grandes, arrumadas impecavelmente dentro de sua grossa casca amarelo vibrante e cobertos por uma fina poupa extremamente escorregadia. Mantê-los na boca até acabar o ácido sabor da poupa, era-me impossível. Engolia-os com a fome da vida, como se pudesse, assim, encontrar naquela amêndoa dura e incomível o sabor do tão adorado chocolate! E dormia as noites temendo amanhecer com um pé de cacau na barriga. Aliás, também poderiam também ser pés de abiu, cujos caroços pretos cobertos por película transparente escorregava que era uma beleza! E ainda deixavam colados os lábios! Não os meus, que adorava falar!

À nossa direita, estão distintamente distribuídos cinco pés de coco ao longo do restante do terreiro de pedra que se estende além do alpendre, em frente à escada que lhe dá o acesso pelo chão. A escada de cimento se eleva agarrada à parede da casa e é repleta de frinchas por onde samambaias e outras espécies de plantinhas, como a poesia de Aninha¹⁹, se esgueiram renitentes. Abaixo dos distintos pés de coco, fica o jardim contornado de pedras que abriga dalias, cravos, moças-velha, beijos, cosmos, brincos de princesa, besouros, joaninhas, caramujos... Sempre orvalhados em minhas lembranças, regozijando com as bolhinhas alegres. O jardim se estende até a amendoeira, cuja sombra abriga um amolador

¹⁹ A poetiza Cora Coralina em seu poema Minha Cidade denomina-se “Aninha” e diz que é “o caule dessas trepadeiras sem classe, nascidas na frincha das pedras: Bravias. Renitentes. Indomáveis.”

de serrote imóvel e sem graça, e uma tábua de madeira comprida que se apoia sobre dois tocos rudes fincados ao chão para fazer o papel de banco. Ali o terreiro de pedra se encerra na cerca de três ripas de madeira distribuídas ralmente e que constituem a cerca do quintal que acolhe a casa da fazenda. Apresentam-se resistentes ao aspecto de morte que lhes fora imposto quando lhes deceparam a vida. Por isso exibem todo tipo de sortilégio cravado ao corpo agora inerte: grossos pregos encravados, desenhos escandalosamente talhados a canivete, partes em falta e pontiagudas que propositalmente arrancam os pelos dos corpos ainda vivos que nela se resfolegam indiferentes, e deixam ali o futuro destino sem vida que lhes aguarda. Pequenas moitas de pelos vários, quase inocentes. Para exibir a vida que ainda lhes pulsa, elas se oferecem na horizontal, facilitando a subida e a brincadeira das crianças! Dali observamos os boizinhos pastando à frente do curral, na outra extremidade. Dali vemos o sol se pôr atrás do morro verdinho cortado pela sinuosa estrada de terra vermelha. Dali avistamos as ruínas da senzala que finge esconder de nossas vistas o vergonhoso passado daquelas terras; os tijolos desnudos de suas paredes não conseguem esconder o horror de que são capazes os homens; pelo seu teto inexistente vê-se a abóboda azul celeste tão intensa de doer os olhos! Dali pode-se ouvir as cores dos passarinhos²⁰ e cantar as aquarelas de um céu imprevisível e infinito em esplendor e beleza. Dali, a vida dança...

Na exata direção do alpendre, à direita, quase em frente à amendoeira, é possível avistar a porteira, que nos balança incansavelmente nas manhãs de sol. Da calçada de cimento batido que sustenta a escada do alpendre, onde estamos, até a porteira, se estende a estrada-caminho do quintal. À beira dessa calçada, sopramos as multicoloridas bolhas de sabão que se formam nas pontas das hastes recolhidas do mamoeiro para servirem de canudo à brincadeira. Ali aferimos que engolir água de sabão não mata, quiçá podemos produzir arrotos em furta-cor. Tamanhos e formas se espalham em bolhas macias e voláteis que voam junto com as borboletas para logo se espatifarem no solo já úmido, à revelia de nossa correria alegre para impedir tal fim! Ali as bolhas se esgarçam no ar... Ploc! Uma explosão de cores e magia, impelindo-nos a provocar novas formas, novos prismas, na experiência mágica da vida. Ali colocamos para dormir as bonecas de pano. Pedras, flores e folhas eram os ingredientes prediletos da culinária mais saborosa, confeccionada nas panelinhas feitas pelo

²⁰ O poeta Manoel de Barros assume que “O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.”

barro do quintal e muito cuidado. Ali, com cacos de telhas ou alguma pedra colorida, folhas ou flores, rabiscamos a vida.

No lado contrário ao jardim sob os coqueiros, no outro lado da estrada-caminho, há um espaçoso gramado com um pé de cajá na borda e espalhadas moitas de inhame e taioba cujas folhas impermeáveis eram usadas – também - para servir água fresca na bica de bambu que desce pelo barranco e encerra o gramado. Ali a minha mãe lavava as roupas da casa, cheia de bacias e baldes, esparramando cores e espumas sem fim. Contam que um dia um pato engoliu sua aliança de casamento! E então, virou um saboroso cozido!

Em L dobra-se a estrada-caminho para a esquerda, estendendo-se pela lateral da casa, suspensa sobre o assoalho onde são guardadas as ferramentas, os grãos, o moedor manual, os acessórios dos animais e as ripas de bambu que constituem o galinheiro. O assoalho era visitado para colher os ovos antes de as galinhas os chocarem. E quando chocavam, era possível acompanhar durante todo o dia a luta do pequenino pintinho para se libertar do ovo que lhe formou vida. Muitas visitas até o espetáculo se apresentar por completo! De manhãzinha nossas mãozinhas ficam repletas de milho para alimentar as galinhas em animado alvoroço. Acompanhamo-las pelo quintal em seu meticuloso processo seletivo de minhocas e plantinhas da melhor qualidade para alimentar seus filhotes. Que prazer ficar sobre o banquinho rústico para conseguir moer o milho em canjiquinha para oferecer aos pintinhos amarelinhos! O moinho range enferrujado entoando a música de todos os tempos, de todas as misérias e farturas, enquanto os pintinhos animados piam sonoramente ao redor. A sinfonia da vida.

Ao lado da parte mais baixa do assoalho eleva-se outra escada, que, dessa vez, dá acesso à cozinha – mais cobiçado e frequentado cômodo da casa. Ao entrar na cozinha, o fogão a lenha é visto em frente, colado na parede ao fundo. Sobre ele os varais de defumar e as serpentinas que aqueciam a água vinda da banqueta por borrachas e desaguava na banheira. Sim, a banheira tinha água aquecida. Antigamente, num tempo antes de mim. Eu tomava banho dentro da banheira, mas a água aquecida no fogão à lenha era retirada de dentro de um balde e me banhava através do canecão de alumínio. Lavar os cabelos era tarefa dificultada que exigia quase um ponta-cabeça. E o sabonete não fazia parte dos luxos possíveis, usávamos um sabão laranja bem quadrado, cujas quinas cantavam durante a refrega em nossas costelas aparentes. Nossos banhos em pares e alegrias, a grande festa da vida.

Da parede esticada à frente do fogão a lenha, avista-se a horta e o pomar, com um grande pé de langonha, maior que tudo e todos, laranjas, goiabas, pitangas, limoeiros e vários canteiros. Os dias de fazer canteiros eram rasgados pelo vai-e-vem dos carrinhos de mão repletos de esterco do curral. E as colheitas vinham repletas de orvalho, terra e vida. O pomar é emoldurado por uma janela azul bem escuro que se fecha com uma tramela, mas está sempre aberta, quase sobre a pia na próxima parede. Ali, nesse estreito vão entre o fogão e a pia, minha mãe arqueja seu corpo jovem e assopra para que os gravetos magros se incendeiem a aquecer nossa janta. Os queijos, requeijões, goiabadas e rapaduras por vezes são revirados em grandes tachos de cobre reluzente. Esperamos ansiosos as raspas de requeijão ou a espiga de milho assados diretamente na chapa do fogão, enquanto o aroma delicioso se espalha no ar. As chispas do braseiro ardente estalam cheias de vida. Eu ainda não sei, mas esse espetáculo mágico queima dia após dia a juventude de minha mãe. Consume em fogo brando os seus sonhos... Durante a noite, ficamos todos na cozinha, aproveitando o lume do fogão. O pequeno lampião a gás está sempre a postos, à espera de algum momento de leitura, de artesanato ou carteadado, espiando o tempo pingar lentamente diante daquela escuridão comprida. Um velho rádio a pilha fala sobre coisas que não me interessam com sua voz horrenda. A música vem lá de fora, orquestrada pelos sapos, rãs, corujas, cigarras e grilos. Acompanhada pelo gemido das gramas orvalhadas e pelos suspiros profundos das árvores. Os pirilampos em fugazes pontos luminosos compõem o cenário sob a tênue luz embaçada da lua. Um céu negro de estrelas cintilantes esconde a solidão de minha mãe.

A outra janela, na parede à esquerda da porta de entrada da cozinha, e, portanto, quase “atrás” do fogão, sobre a grande mesa de madeira desenhada pelo tempo e pelo uso, mostra os fundos da casa, com pés de pitanga, maga, abiu, laranja e cajá que se equilibram na subida de uma elevação onde se põe a caixa d’água sobre pilares de alvenaria. Para chegar até ela é preciso atravessar um “riacho” – filete de água que por ali mina e onde os patinhos amarelos balançam seus rabichos empinados juntos à mamãe. Instiga-me pensar como não ficam molhados! Como conseguem flutuar com tanta facilidade?! É meu avô que explica que seus bicos buscam sob as penas leve camada de gordura que lhes protegem as penas! Veja só que espertos! Balançam-se tão amarelinhos e felizes!! Vejo-os da janela, sobre a solitária mesa na ampla cozinha. Nos dias de tempestade, a grande mesa-fortaleza é capaz de nos livrar de raios e trovões. Nas tardes de outono ela colhe conversas amenas. Quando há visitas, ela se empresta sem rodeios para abrigar qualquer alvoroço. Nos dias nublados ela recolhe o

silêncio. Nela escolhemos os melhores grãos de feijão para o almoço, debulhamos o milho da papa, quebramos as cascas de amendoim para libertar seus grãos e assistir inebriados o cheiro torrando no tacho. Sobre seu dorso remendado, em sua superfície esburacada e maltratada recebemos papel e lápis para fazer os primeiros rabiscos. Talvez ela também tenha sido experimentada...

De frente à velha mesa na cozinha ficava a porta sem porta que dava acesso ao resto da casa. O corredor quase sala tinha duas portas à direita – o banheiro e a despensa – e duas janelas à esquerda. Ao final, dois degraus que elevava à parte nobre da casa. Uma ampla antessala com uma janela para o jardim nos recebia. Nela uma única e solitária cristaleira deixada por minha avó com algumas louças se postava na parede em frente. As louças importantes eram também brincadeira minha e de minha irmã imaginando-nos madames, estendendo os bicos nas xícaras vazias. A porta de acesso ao nosso quarto, com duas janelas, uma na parede da frente da casa, a outra na lateral. E ao lado, o quarto do meu avô, com um camiseiro de uma porta e dois espelhos laterais que eram extremamente atrativos por serem os únicos da casa. Ao lado deste a sala que dava acesso ao alpendre. Sem nenhum móvel. Uma janela para o pomar, outra para o alpendre, a lado da grande porta azul. O piso de assoalho possui largos vãos, por onde o vento assoviava nas noites de frio. Minha mãe o mantinha encerado e lustrado com escovão – uma placa de metal muito pesado com um cabo de madeira que levava embaixo uma flanela a ser esfregada com o objetivo de fazer a cera brilhar. Nós subíamos no escovão enquanto minha mãe o passava pela casa. Um dia, foi um alvoroço, pois o colchão da minha mãe era de molas, que fora deixado por minha avó. O nosso era de capim. E minha mãe descobriu dentro de seu colchão um ninho de ratos. Acho que foi nesse dia que fomos morar na escola.

Um dia em que apenas fiapos de nuvens eram vistos no céu de infinito azul, nós fomos morar na casa da escola. O prédio era comprido e estreito, como um retângulo esticado. À esquerda era a sala de aula, com duas janelas para a frente e uma porta na parte de trás. No meio, mais ou menos do mesmo tamanho da sala de aula, uma varanda, onde fora assentada a solitária mesa da antiga cozinha. Que ficou ainda mais solitária na varanda imensa. À direita a casa, com uma porta na frente e duas janelas. E comprimento também mais ou menos equilibrado com a sala de aula e a varanda. Fomos morar ali.

Era uma casa pequena, porém mais quente, de piso de taco, janelas de madeira e banheira sem água. O fogão a lenha fazia a refeição dos alunos, mas a comida da casa era feita em um fogão a gás que imagino ser de propriedade da escola. A casa sem energia

elétrica ficava um pouco mais clara com as lamparinas, por ser menor, talvez. Ali o rádio falava horrendamente mais alto do que os grilos, sapos e ventos. Agora as noites têm a marca de sua voz melancólica.

Nos dias de luar, éramos carregados no único cavalo da fazenda, o Orelhinha, que ganhou esse nome porque perdeu uma orelha numa briga. Meus pais puxavam a rédea com os filhos na sela. Íamos aos vizinhos, geralmente a três quilômetros de distância. Papai e mamãe jogavam carta e bingo com os amigos, colonos de outras propriedades, pois os donos não residiam mais por ali. Nós brincávamos na estrada de terra, cantando a plenos pulmões nossas cirandas, corre-coxias, histórias de terror, pular corda, catar flores, com a cumplicidade da lua e o espetáculo das estrelas. Por ali morava uma senhora, merendeira de outra escola, cuja filha, preta e muito bonita, viera embora da cidade. Ela mantinha sobre a colcha muito esticada, uma boneca vermelha de corpo macio. Eu passava horas ajoelhada ao lado da cama contemplando a boneca que eu não tinha autorização para tocar. Lembro de ali acontecerem meus mais conscientes processos de fabulação. Se alguém me acreditava inerte ao lado da cama, se enganava. Eu e boneca vermelha e macia brincávamos horas a fio enquanto meu corpo estanque parecia apenas olhar.

A varanda era o novo espaço de descobertas. Meu pai instalou nas ripas do telhado cordas para um balanço. As aulas aconteciam na sala ao lado enquanto eu viajava para o mais alto possível na tentativa de alcançar as aranhas coloridas que faziam suas teias no entre as telhas e os caibros do telhado. Atirava na cacimba atrás da escola os barquinhos de papel carregando os piratas-besouros que quase sempre naufragavam a juntarem-se com os girinos que infestavam as águas límpidas. Ao redor dela crescia moitas de lágrimas de Nossa Senhora, que eu colhia com alegria para fazer colares e pulseiras. Caçava borboletas e papafumos, fazia unhas enormes de pétalas de flores, fazia barcos com as copas dos coqueiros e viajava pelos ares em suas folhas prestes a cair.

Alguns dias eu acompanhava minha irmã na escola. Um dia eu estava brincando dentro da sala quando me encontrei com ela, a palavra. Minha mãe, a professora, “tomava” a lição de um aluno e eu, insuflada pela autoconfiança de meus quatro anos, gritei “É bola, seu burro!” Minha mãe ficou assustada, me levou até a mesa e eu li a cartilha inteira. Assim, o meu mundo se fez palavra, não antes de se fazer mundo²¹. Um mundo de muitas possibilidades, cores, formas, descoberta, beleza, imaginação, sonhos, fantasia encontraram

²¹ FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam* / IDEM. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989

a palavra, que, por sua vez, era vazia nos livros da escola. Nós não tínhamos livros de literatura, mas logo eu descobri que os livros didáticos tinham literatura e devorava todas as histórias dos livros de todas as séries que ficavam nos arquivos da escola. Foi um encontro dos sentidos. Um encontro para a eternidade.

Um dia, numa noite em que o céu se abarrotou de estrelas, a minha mãe foi rezar ladainha na igrejinha de Santo Antônio. Era um sábado, e a minha mãe, apesar de não ser católica, rezava a ladainha todos os sábados na igrejinha para as mulheres dos colonos daquelas redondezas. Minha mãe aprendeu com elas a enfrentar as dificuldades da roça. Encontrava na força daquelas mulheres que enfrentavam a trabalho duro e a penúria da fome, a força para construir sua grandeza. Com elas, mamãe colheu o instinto de sobrevivência, afiou o olhar para enxergar a luzinha apagada no fim do túnel, arregaçou os ouvidos para os saberes da vida. Elas estavam juntas quando a noite chegou e respingou o céu de estrelas. Mas quando minha irmã foi até a casa beber água – ou talvez ver aquilo que ninguém vê mas ela sempre vê – encontrou meu avô caído no chão. O céu estava repicado de estrelas, mas a lua não apareceu. Ela foi com meu avô para a cidade. Foi o pedaço da gente que ele conseguiu levar. Doente, à noite, ele ficava à janela, fitando a lua, esperando nos encontrar. Mas ela não voltou. Nem ele. Seu corpo sem vida passou à nossa frente, bem rente à nozeira que plantamos juntos, dentro de um esquite amarrado ao alto de um carro sob um sol escaldante. Acho que foi nesse dia que minha mãe resolveu ir embora. A lua não aparecia, a escuridão desceu do céu sobre tudo. A noite ficou comprida que não tinha fim. Então minha mãe colocou na mala o terço e a fé do meu avô, a calma com que ele a envolveu nos dias em que atirou panelas pela janela, a confiança das sementes que rasgam o solo com toda força, a fortaleza das mulheres que parem dez filhos, os olhos corajosos dos que passam fome, a esperança nos olhos das crianças descalças, a força que se exhibe nas mãos calejadas pelo cabo das enxadas, a beleza do suor que se forja no cultivo do próprio sustento e foi embora. Não foi possível suportar a solidão sem meu avô. Foi então que viemos morar na cidade. Eu tinha 7 anos.

Sete anos e a capacidade de me assombrar com os caroços tão arrumadinhos dentro da casca dura e amarela do cacau²² e reparar em sua perfeita aquarela, rabiscos em marrom entre os sulcos rasos no amarelo límpido; de apostar nos girinos valentes em luta

²² Daniel Gaiivota, em sua dissertação “Poética do deslocamento” descreve sua descoberta da filosofia acompanhando o espanto de sua prima Clara ao ver os gomos de uma tangerina pela primeira vez (2017, p. 29).

ou dança dentro de uma cacimba; de me deliciar com a imensidão azul do céu; de conversar com borboletas e papa-fumos; de confabular com a lua; de desconhecer certezas e me assombrar com os patinhos a nadar no riacho. Assombrar no sentido de espantar, não de retirar da *umbra* (sombra), trazer à luz, esclarecer. Era exatamente pela penumbra que os olhos se arregalavam, pupilas dilatadas diante do novo, do espetáculo fascinante das perguntas inesgotáveis. Sem trancas nas portas ou trameças nas janelas, o mundo, as palavras, as palavras no mundo, o mundo nas palavras eram puro devir. Em meus devaneios, a poética do mundo era palpável.

Depois de ter entrado para rã, para árvore, para pedra

— meu avô começou a dar germínios.

Queria ter filhos com uma árvore.

Sonhava de pegar um casal de lobisomem para ir

vender na cidade.

Meu avô ampliava a solidão.

No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu²³, entrem pra

dentro.

Um lagarto atravessou meu olho e entrou para o mato.

Se diz que o lagarto entrou nas folhas, que folhou.

(Manoel de Barros)²⁴

²³ “Aí a nossa mãe deu entidade pessoal ao dia. Ela deu ser ao dia. E ele envelheceu como um homem envelhece. Talvez fosse a maneira que a mãe encontrou para aumentar as pessoas daquele lugar que era lacuna de gente.”

²⁴ BARROS, Manoel de. O livro sobre o nada. In: Poesia Completa, 2010. p. 332.

ESTAÇÕES

[...]

*Todos os dias é um vai e vem
A vida se repete na estação
Tem gente que chega pra ficar
Tem gente que vai pra nunca mais
Tem gente que vem e quer voltar
Tem gente que vai e quer ficar
Tem gente que veio só olhar
Tem gente a sorrir e a chorar*

*E assim chegar e partir
São só dois lados
Da mesma viagem
O trem que chega
É o mesmo trem da partida
A hora do encontro
É também despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida...*

*É a vida desse meu lugar
É a vida...*

(Milton Nascimento, Fernando Brant)²⁵

²⁵ Nascimento, Milton. In: Encontros e Despedidas. Produção e Direção Artística Milton Nascimento. Produção Mazzola, 1985.

A Estação da Luz

Lá na estação da luz

Lá na estação da luz

(Só vale o que tem pra gastar)

[...]

Tem jogo de azar na calçada, derrota até bom jogador

Tem gente que também não faz nada

Trajado tal qual um doutor

Cabeça girando em fumaça, desgraça que o homem plantou

E hoje quem passa na praça, confunde perfume com vapor

(Tem gente que vai passear)

(Composição: Carica / Luizinho SP / Prateado)²⁶

O apito sonoro estende-se indefinidamente anunciando a chegada da locomotiva na estação: Fooooooooommmmm!! Enquanto o ar se adensa numa coluna de fumaça grosseira e cinza soprada de suas entranhas em fogo. Lá dentro, as achas em brasa, cadáver esquartejado e incinerado de alguma floresta, doa, mansamente, seu sopro de vida aos novos tempos. É chegada a modernidade.

O dia acendeu sua luz e não mais apagou. A luminosidade foi se espalhando por toda parte, adentrando todos os espaços, invadindo as menores frestas. Majestosa, a razão²⁷ desceu nessa estação e fez-se senhora de todas as coisas. E tudo então tornou-se valoroso por sua mensuração. Até que não se fez mais possível medir o humano que habitava o animal. Este expandiu-se de tal forma que se perdeu de si mesmo. E a cada dia em que tal distância aumenta, também aumenta a impossibilidade da vida. Impossibilidade de viver em mundo catastrófico, incinerado pela própria luz e senhora, a razão.

Penso que este mundo moderno, seduzido por uma promessa de progresso que se nega a apagar as luzes, não tem dado certo. Vivemos tempos ditos sombrios, mas que estão a cada dia mais dominados pela forte luz da positividade (HAN, 2015). Essa incessante

²⁶ Disponível em: <[https://www.letras.mus.br/royce-do-cavaco/estacao-da-luz/#:~:text=\(Conhece%20quem%20anda%20por%20I%C3%A1!\)&text=Composi%C3%A7%C3%A3o%3A%20Carica%20%2F%20Luizinho%20SP%20%2F%20Prateado](https://www.letras.mus.br/royce-do-cavaco/estacao-da-luz/#:~:text=(Conhece%20quem%20anda%20por%20I%C3%A1!)&text=Composi%C3%A7%C3%A3o%3A%20Carica%20%2F%20Luizinho%20SP%20%2F%20Prateado)>

²⁷ Dentro da proposta estética de desenvolver o percurso deste estudo relacionando-o às estações / pausas do trem da vida, utilizo a figura de estilo da personificação para referir aos temas principais (razão, fabulação, emoção e outros) como personagens que povoam essas estações, modificando-as com(o) a vida.

luminosidade tem cegado o humano para o outro e cada vez mais alimentado o egoísmo e a indiferença. Aquilo que acontece ao outro não nos sensibiliza. Cada vez mais nos tornamos irresponsáveis para com o outro, absolutamente nada mobiliza nossas forças para além de nós mesmos. A alteridade está cada dia mais distante. Como nos diz Deleuze (2012, p. 249): “O fato moderno é que não acreditamos nesse mundo. Nem mesmo nos acontecimentos que nos acontecem, o amor, a morte, como se nos dissessem respeito apenas pela metade.” Num cenário em que o fascismo tem saído dos micronúcleos e tomado a proporção de ideias gerais compartilhadas (e naturalizadas!) por muitos, que posição assumimos nós, educadores?

Queremos opor resistência? Não estamos, educadores em geral, embarcando muito facilmente nos discursos macropolíticos, nos mecanismos de educação maior, que alardeiam a todos os ventos os tempos da avaliação permanente e da formação continuada? Não temos sido, nós mesmos, os vetores de consolidação das sociedades de controle no âmbito da educação? (GALLO, 2003. p. 112)

De certo modo, não estamos opondo resistência como deveríamos. Há tempos a educação mantém-se no mesmo. Nem o maior dispositivo de interrupção de todos os tempos, a pandemia pelo COVID-19, que obrigou a um deslocamento nunca antes imaginado das instituições escolares em todos os seus aspectos, foi capaz de alterar *o modus operandi* das escolas. Apesar do uso dos dispositivos tecnológicos potencializados pela pandemia, a educação continua repetindo a velha receita ensinar-aprender, como se essa fórmula mágica cunhada pela pedagogia funcionasse em perfeito equilíbrio.

Desta forma, esta pesquisa tem por objetivo pensar a fabulação como condição inata imprescindível aos processos de aprendizagem, e a literatura – campo privilegiado da experiência fabuladora - como direito humano. Não pretendo debruçar exaustivamente sobre o estudo dos currículos escolares, mas tão-somente esboçar alguns aspectos que entrelaçam a fabulação, a escola e a literatura com o controle exercido pela sociedade capitalista moderna. E porque o estudo da fabulação faz-se tão importante neste contexto histórico em que estamos inseridos, quando a necessidade de resistir e inventar um novo mundo se faz mais do que urgência, mas exatamente uma questão ética e de sobrevivência de todo um planeta. No entanto, é imprescindível anotar, também, que o tema da fabulação tem sido apenas vasculhado por mim como alguém que se aproxima, com determinação, de campos do conhecimento que precisam e podem ser ressignificados, à procura de restos. Ao levantar

uma ou outra folha, vislumbra-se algo que provoca o pensamento como condição necessária para saltar de uma resistência a outras invenções. Os estudos são tateamentos que ensaio e com eles não pretendo apresentar nenhuma teoria ou prontidão. Apenas pensar em multiplicidade sobre esse assunto tão inerente à educação – e à vida – e ainda muito pouco vasculhado em nosso Programa de Pós-graduação em Ensino, o PPGen. O objetivo é trazer o tema da fabulação para nos fazer pensar. Pensar o que sabemos. Pensar o que não sabemos. Sobretudo, pensar o que não está posto. Na contramão de uma educação bancária (FREIRE, 2002), a fabulação suscita uma educação inventiva, perpassada por afetos e capaz de ser um exercício de liberdade e invenção de si e do mundo. (KASTRUP, 2007)

Uma frase do crítico literário Antônio Cândido é o principal movente até esse estudo, despertado pelo amor à literatura. Desde que a ouvi, nunca mais ela me deixou. Ele diz assim em seu ensaio “O direito à literatura”, publicado no livro *Vários Escritos*, em 1995, na página 177: “Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas do dia sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal que precisa ser satisfeita, e cuja satisfação constitui um direito.” A literatura sempre foi um ponto de desestabilização para mim. Uma preferência. Um alimento, uma necessidade, uma alegria. Para uma professora e amante da literatura, sou como música aos meus ouvidos o fato de ela ser um direito de todos, indistintamente. E desenvolver um estudo que pudesse defender esse direito de todos a um gênero discursivo afim às experiências da vida, era o ápice de realização. Então era essa a proposta inicial da pesquisa. Mas nada se faz sem caminhar, tudo está sempre em constante movimento, já di zia Deleuze. E além do “salto” provocado pelo exercício epistemológico, outros vários deslocamentos se fizeram no decorrer do caminho. No texto escrito por mim e pela artista visual Luísa Amorim no Grupo Flora²⁸, iniciamos afirmando que “A experiência do deslocamento físico pode proporcionar também o deslocamento de crenças e conceitos, ao passo que estabelecemos relações com o outro.” Anoto isto pela importância do deslocamento como possibilidade de mudanças de crenças e conceitos, pois ao acaso dos encontros que se estabelecem enquanto nos deslocamos, somos expostos ao estranhamento, e é através dele que conseguimos deixar de prevalecer os hábitos e a reconhecimento, para estabelecermos novas formas de ver que nos levam a inventar outras possibilidades. Mas falávamos então, no texto, do deslocamento físico como impulsionador dessa mudança de

²⁸ Grupo de Estudos em Filosofia, Lógicas e Reescritas Acadêmico-afetivas – F.L.O.R.A., da Universidade Federal Fluminense – INFES/UFF, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maristela Barenco Corrêa de Mello.

crenças e conceitos. Como me disporia das crenças e conceitos pré-estabelecidos se caminhar literalmente era difícil, pois fora interrompida pela pandemia, transformada em dona de casa *ad eternum*? No entanto, mais à frente, no mesmo texto, as autoras lembram que

“Dispor-se a caminhar não significa tão somente deslocar-se do lugar onde nos encontramos. Há micro deslocamentos que nos permitem perambular [do latim per (através) + ambulare (caminhar). [...] Alargar as margens do viver, desterritorializando raízes por vezes forçadamente territorializadas. O que de novo nos dispomos a ver exatamente de onde nunca saímos? (VALENTE; AMORIM, 2021, p. 8)

O que eu conseguiria ver em meu perambular? Que caminhos se fizeram enquanto caminhei? Não há estrada reta, e nem tão pouco as estradas nos levam sempre ao mesmo lugar. Pode ser que uma mesma estrada leve duas pessoas para diferentes lugares, pois somos nós que significamos os encontros. Por isso, enquanto caminhei, o próprio caminho foi também se modificando, havia muitas camadas sob a intenção inicial. Antônio Cândido, que abriu de maneira tão intensa o meu desejo, foi perdendo a força, sem nunca perder a provocação. Não era intenção dele essa quando o li, mas o autor não sabe para onde serão levados seus leitores. Por isso Skliar (2010) diz que o gesto de dar a ler é soltar a mão, displicentemente, não há controle nessa viagem da leitura, encontros imprevistos se fazem, e, assim, pude perceber que não era tão simples a tarefa desejada: possibilitar a todos o direito à literatura. Começa-se pela fabulação. Ao caminhar, e deslocar o ponto de onde observo o texto, percebo que o autor usa a fabulação também com o sentido de ficção, o que, em Deleuze (2013, 2018), não se confunde, mas ao contrário, quase se opõe. E em seguida complica-se muito a questão do Direito Humano, pois quando se busca uma leitura decolonial, percebe-se que esses supostos direitos foram-nos oferecidos por um sistema que não respeita as diferenças, e, em primazia, supõe a todos como iguais, sem considerar que as opressões sociais têm a ousadia de classificar o humano, considerando alguns como sub-humanos, e outros, tendo em vista a situação de completa inexistência em que (sobre)vivem, nem mesmo podem ser considerados humanos (SANTOS, 2019). Então não há garantia nesses direitos, se eles excluem de sua proteção os diferentes que a literatura poderia aproximar. Nesse sentido, a questão do que seja o humano na atualidade, também se torna um ponto conflitivo, pois quando o autor considera a literatura como um possível fator de

humanização, é necessário pensar sobre o que é ser humano nos tempos atuais e se isto seria algo positivo²⁹. No entanto, não podemos deixar de perceber que o texto de *Cândido* foi escrito na década de noventa, e é preciso considerar que a consciência ecológica e decolonial avançou bastante nesse período, favorecendo a percepção desses fatores no texto. Mas também é preciso ressaltar que ele não está errado quando apela à fabulação como necessidade humana e diz que

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo fabuloso (CANDIDO, 2003, p. 178).

E neste ponto, há o encontro com Bergson, que defende a fabulação como uma faculdade humana. Mas tal condição de análise deu-se após a leitura dos principais referenciais teóricos desse trabalho, deslocamentos imprevistos, mas é importante salientar a importância do texto de *Cândido* para o percurso percorrido. Percurso que se fez e refez a si mesmo e a caminhante, interligados, indissociáveis. Como disse Foucault (2010, p. 289): “Só o [o livro] escrevo porque não sei exatamente o que pensar sobre essa coisa em que gostaria tanto de pensar.”. Escrevo sem saber nada sobre o que gostaria tanto de pensar, e, na maior parte do percurso, nem sabia ao certo o que era. Aos poucos, por debaixo da penumbra, as ideias iam aparecendo e tecendo o sentido e a experiência, compondo uma escrita

[...] que foge de certezas que impõem compromisso de divulgá-las, ensiná-las e prescrevê-las, reconhece que os conhecimentos que fomos elaborando exigem sempre de nós um estranhamento maior na vida, perscrutando suas pulsações e potências, interstícios e capilaridades que nos transfiguram, quando as transfiguramos ao escrever (LINHARES, 2016, p. 8).

²⁹ Não precisamos – e não podemos – defender uma humanidade cujos humanos não consideram humanos os povos originários, os pretos, os colonizados, e, ainda, não se consideram animais, utilizando dessa distinção para explorar e devorar tudo ao entorno, tanto os seres animais quanto vegetais e minerais, numa suicida separação da terra e (deste) mundo.

E então, trançando leituras, linhas e palavras, as curvas do caminho foram sendo percorridas, e os objetivos retraçados. Se os direitos humanos não são exatamente o que pensava, uma garantia segura e inalienável, faz-se ainda mais necessário que a literatura esteja na escola, garantindo que a poeira que nos encobre sob a forma de uma educação acumulada durante os séculos (Bergson, 1978), e deixe surgir a força criadora que há na humanidade de (re)inventar a si mesma e descobrir um outro mundo possível, onde homem e natureza se reconheçam e novamente se entrelacem.

O encontro com Bergson (1978) apresentou-me a uma fabulação primitiva, e, em consonância com Cândido, presente em todo ser humano, sendo mesmo uma exigência vital, pois protege a inteligência de si mesma, ou a vida e a sociedade do exercício da inteligência. Com ela surgem as primeiras “invenções virtuais”, as narrativas “sobrenaturais” que o humano cria para protegê-lo da imprevisibilidade da vida. Também em Bergson (1978) encontramos a emoção criadora, que seria geradora de pensamento e produz uma invenção não na materialidade em que a inteligência opera solitária, mas numa virtualidade, a partir da sensibilidade. Essa sensibilidade desperta uma emoção que não é qualquer emoção, mas a que persiste em nós e coloca-nos um problema exigindo a sua solução. Problema este que está na ordem da criação e não da representação. Aqui, em conjunto com Kastrup (2007), entendo que a aprendizagem é uma atividade inventiva, e não repetitiva, que se dá a partir da invenção de problemas e não do reconhecimento do já dito, já visto e já pensado. Já Deleuze (2013, 2018) apanha o conceito de fabulação bergsoniano e dá-lhe um aporte político, sendo o que faz da arte instrumento de defesa de um povo oprimido, através de uma potência do falso que inventa verdades destituidoras das verdades dominantes. “O que se opõe à ficção não é o real, não é a verdade, que é sempre a dos dominantes ou dos colonizadores, é a função fabuladora dos pobres, na medida em que dá ao falso a potência que faz deste uma memória, uma lenda, um monstro” (DELEUZE, 2013. p. 218).

Por esses inúmeros percursos do pensamento sobre o já estudado e o vivido, posso dizer que este é um estudo de Filosofia da Educação. Isto porque ele não pretende vencer o caos, pelo contrário, é nele que se estabelece, busca rasgar espaços de pensar. Por isso acredito que não precise se atrelar à experiência empírica para trazer ou produzir alguma prova de materialidade, exatamente porque por um lado, especula no território do imprevisto, no interstício virtual entre o agir e o pensar. E porque, por outro, não pretende mais reproduzir um tipo de relação epistemológica, entre teoria e prática, que conceba a prática como lugar de comprovação de teorias, ou a teoria, como campo de validação da experiência.

Práxis – é isso que o pensar aqui persegue. Em um exercício de filosofia da educação. Aprender com, aprender junto, pois escrevo enquanto aprendo e aprendo enquanto escrevo. Gallo (2000, p. 60) diz que a Filosofia é

[...] um esforço de luta contra a opinião, que se generaliza e nos escraviza, com suas respostas apressadas e soluções fáceis, todas tendendo ao mesmo; e luta contra a opinião criando conceitos, fazendo brotar acontecimentos, dando relevo para aquilo que em nosso cotidiano muitas vezes passa despercebido.

Não que este estudo tenha ousadia de criar conceitos novos, bastando ter os conceitos filosóficos já criados pelos grandes pensadores, como Bergson e Deleuze, para se alimentar e ousar linhas especulativas, tentar alçar algum pensamento novo a partir do que já foi criado e visto. Mas poderia dizer que possa ser entendido como um estudo de Filosofia da Educação por dar “relevo para aquilo que em nosso cotidiano muitas vezes passa despercebido.” Ou ainda, como dirá Deleuze, no Rizoma, para fazer funcionar de outra forma o pensamento.

Bergson (1978) nos apresenta a fabulação como uma função orgânica, constituinte da espécie humana em sua generalidade, inclusive sendo o elemento que faculta ao humano a sobrevivência à claridade insuportável da razão. Imaginamos as crianças e conseguimos com clareza vê-las em processo de fabulação. Que lindo vê-las viajando nas asas da imaginação! É o que costumamos dizer. E não haveria nenhuma surpresa em observar alguma criança sentada em uma caixa de papelão dizendo-se no espaço sideral, entre luas e sóis, lutando contra algum dragão de chifres e longa cauda, soltando fogo pelas ventas. Mas qual nos seria nossa surpresa ao nos depararmos com um adulto sentado neste lugar e dizendo as mesmas coisas! “Louco!” - é o que diríamos! Trataremos por taxá-lo doente, por não estar em acordo com a normalidade social. Mas por que fazemos isso? De onde vem a “normalidade social”? Por que insistimos em chamar de razão lúcida apenas aquela que combate e que não consegue escapar das sendas dos pensamentos previstos? Por incrível que pareça as funções que regulam nossa sociedade estão diretamente ligadas à fabulação e toda dinâmica que envolve o seu surgimento, pois, estando, como já dissemos, ligada à sobrevivência humana, está, também, diretamente ligada ao equilíbrio social.

A fabulação não é uma faculdade eminentemente infantil, mas de todo e qualquer ser humano, em variadas formas e expressões. Mas cumpre a este estudo esclarecer o seu surgimento para fazer entender como ela atua na vida humana, e a necessidade de seu

fortalecimento em defesa da vida. Não se trata de verificar se ela acontece ou como acontece, nem tão pouco onde. Ela acontece, todo o tempo, visto é que da natureza humana. Este estudo pretende, a partir do entendimento dos conceitos básicos de fabulação, suscitar questões sociais e humanitárias, de modo a destacar a importância da fabulação para a vida humana, e, na atual situação em que vivemos, em que podemos sentir uma distância cada vez maior entre homem e natureza, apresentá-la como uma possibilidade de (re)encontro entre homem e mundo.

E onde a escola entra nesse papel? A escola é a instituição por excelência de transpor a cultura e o conhecimento acumulados pela humanidade aos seres recém-chegados ao mundo. Ou seja, de inseri-los no papel social. Assim, sob a tutela da escola os indivíduos são “formados”. É a escola quem dá *a cara que temos*. Por que a escola coloca tanta “coisa” sob nossa função fabuladora a ponto de a mesma operação realizada por uma criança antes de completar o processo de escolarização e um adulto escolarizado terem distinções tão espantosas: “belo”, “louco”? Talvez porque essa função na criança ofereça menos perigo... Buscamos tentar compreender por que a escola serve a esse papel norma(t)izador.

É também por entender a fabulação como uma faculdade humana que atua na invenção, que não fui até a escola para conferir a sua atuação, ou não. Estabelecer um plano concreto para sua especulação neste momento em que tento compreendê-la e estabelecer uma ligação intrínseca entre ela e a literatura, seria como “jogar coisas” sobre o processo tendo em vista disfarçá-lo. Será que há nessa pesquisa um empirismo que a sustente cientificamente, como se costuma dizer? Considera-se como científico tudo aquilo que permite a objetividade, e que busca a generalidade dos fatos, tentando comprovar a unicidade de uma determinada problemática que, testada empiricamente, deve poder ser repetida de acordo com os padrões determinados pela ciência. Importante dizer que não buscamos verdade alguma, nem experienciar fatos, mas tão somente compreender a virtualidade que constitui o si e o mundo. O empírico é justamente o teste das questões subjetivas e complexas em um plano material. É tentar controlar no plano da realidade todas as imprevisibilidades que lhe escapam. No entanto, procuramos aqui exatamente essa imprevisibilidade, que é condição mesma de invenção e sua virtualidade. Concebemos um real que se constitui de um atual e um virtual, e em que o virtual não se opõe ao real, e sim ao atual, pois é parte da realidade. E é essa realidade que o sistema nos faz crer impossível, impedindo a criação de novas formas de viver. E se deve haver um empirismo, este deve ser o do exercício de um pensamento que se arrisca a experiências não previstas, abrindo portas para outras

compreensões e sentidos, de uma experiência fabuladora e literária, que não deve despontar nem útil e nem como ferramenta. Apenas experiência.

Destituir essa primazia do atual da realidade sobre o virtual implica compreender que a inteligência isolada atua apenas na materialidade e esta se atém ao atual. Mas é na virtualidade que se operam os processos de fabulação e invenção, e seus deslocamentos no tempo empurram esse virtual para a atualização e, conseqüentemente, para o plano do visível. É nas franjas luminosas da inteligência que reside um resto de um instinto capaz de provocar a penumbra necessária para nela criar uma sombra a dar espaço para o novo.

Assim, não pretendo, com esse estudo, mensurar ou comprovar a existência do virtual, nem tão pouco propagar o dito como verdades, mas tão somente expor (inter)relações que me permeiam, mutáveis e incertas, impermanentes como a vida.

Como se percebe, este estudo foi construído em franco processo de errância, em diálogo permanente com o imprevisível, um mergulho no caos em que a tentativa de ordem não consegue se efetuar, apesar de presente a todo momento. Todo o processo de construção da pesquisa é uma luta entre o caos e a vontade de verdade, entre a pesquisadora formada por essa escola, que é a escola que (ainda) (r)existe e que forma a todos, e os obstáculos que forcem o pensamento para outros lugares, desvios errantes. No entanto, abrimos mão dessa aparente dualidade para perceber todos os movimentos que se dão no entre, as linhas imprevisíveis que escapam e as tonalidades que variam por velocidade nesse território liso que não está pré-estabelecido, nem estará, pois se faz durante o processo e com ele se transforma incessantemente. Portanto, podemos falar em deslocamentos, desterritorialização de saberes, na medida em que o fluxo entre o que se acreditava sabido, a impotência de saber e a vontade de verdade se intercambiam todo o tempo, mostrando a impermanência da vida, a desimportância das certezas e abrindo novas formas de viver e conceber a educação.

Poderia dizer que a metodologia dessa pesquisa está para a experimentação ou a cartografia, no sentido do percurso que faz e refaz de acordo com as mudanças de paisagens, externas e internas, do pensamento e da experiência. Mas a verdade é que “falamos do fundo daquilo que não sabemos, de nosso próprio subdesenvolvimento” (DELEUZE, 2013, p. 15). Então, prefiro dizer que essa metodologia estaria mais para a “ciscação”, em que, diante do território estriado de folhas e outras tantas peças, fatigo-me a cutucar com um pedaço de galho retorcido e inerte as grandes teorias na tentativa de abrir zonas indiscerníveis, vislumbrar o espaço liso que não possa ser delimitado e onde o tempo escorra sem mensuração, em consonância com os fluxos da vida. Estar pronta para sentir perpassar pelo

meu corpo os atravessamentos desse estudo, de forma que nem eu nem ele sejamos peças fechadas, mas impermanências sempre abertas ao novo. Expectativas em devir. E em diálogo, com os colegas do Grupo Flora, e com todos aqueles que, de alguma forma, habitam os nossos pensamentos e nossas cognições.

É preciso dizer de onde enuncio neste momento, em que mundo me encontro enquanto escrevo. Falo em deriva, de um não-lugar. Em deriva não significa em devir, mas em instabilidade, totalmente em falso, mas é preciso dizer, é preciso dizer na impossibilidade de ser dito, e é por isso que falo. Falo do espaço (in)completo das mulheres que se atêm a cuidar somente (sic) da casa. Falo do lugar inóspito daquelas que deixaram muitos sonhos pelo caminho. E sobretudo, no lugar triste daquelas que não ousaram sonhar, por medo ou por descrédito. Falo do lugar vazio de todas que estão inertes, pois tiveram suas asas podadas, pelo sistema ou por seus amores. Falo do lugar fugidio daquelas que têm as crenças trocadas, mas se esforçam no movimento da vida. Falo do lugar natural daquelas que viram muito pouco, ou que viram muito ou que não conseguem ver por cegueira ou estupidez. Falo do lugar estereotipado das professoras que exercem práticas medíocres, mas dão o melhor de si. Falo do lugar compadecido das adoentadas, que pararam no caminho, ou seguiram com suas muletas, suas dores, suas faltas. Falo do lugar dos excluídos do interior, dos “da roça” e suas minoridades marcadas em lógicas coloniais. Falo do lugar incerto e desprezado dos que têm os instrumentos, mas não sabem usá-los, ou acreditam não saber. Falo do lugar daqueles que anseiam inventar mundos outros, mas que precisa gerir duramente os mundos cotidianos e sofrem com a falta (sic) de tempo. Falo daquele lugar coletivo que se sabe incompleto, mas que busca complementaridade diária. Falo para acreditar no impossível e ver o invisível. Falo para sair do lugar.

Na verdade, ao rememorar o caminho percorrido por esta pesquisa, percebo que o meu caminhar esteve repleto de pausas. Lembrando Bergson (1978, p. 43), que acredita todo ato constitutivo de uma nova espécie como uma pausa, pois que nessas hesitações há um rompimento da marcha para frente da natureza e, então, o espaço para o acontecimento, o novo, encontro as pausas como decisórias, grávidas de sentido. Essa pesquisa, por tristezas, alegrias e os desafios da vida, se deu, em grande parte, em lágrimas, cujos soluços provocaram as interrupções no fluxo antes constituído, alterando a rota, assim como a natureza faz em seu processo criador. A locomotiva – e a vida, como a natureza, seguem em frente, fazendo, a cada estação, as pausas que modificam suas entranhas. Passageiros sobem e descem, entram e saem multiplicidades, devires, e, após, rompe-se a decisão de pausar. E

segue. Como essa pesquisa, em que autores entram e saem a cada estação, encontram-se, trocam ideias e emoções, se abraçam ou sentam-se distantes, contemplando-se de longe. Os pensamentos se chocam, se distanciam, aproximam, fazem sentido e também, sobretudo fazem caos. Na vida, há viagens para lugares tranquilos e felizes, assim como há viagens angustiantes, em que cada pulsação é exigida em sua máxima potência. Há terrenos íngremes e descidas vertiginosas, e também longas planícies, onde as pausas podem fazer surgir novos caminhos. Então, o plano estético propõe por se apresentar como a locomotiva, da vida, a cada estação acolhendo as ideias, deixando que circulem livremente nas estações, se encontrem pelos vagões, entrem e saiam, subam e desçam, com a intenção de não se despedir, mas provocar afectos, e deslocamentos que perdurem.

Na tentativa de explicar o caminho e seus encontros, que marcarão este ensaio monográfico, criei esta estação em que estamos, a modernidade, onde a razão desceu e inundou o mundo de luminosidade, deixando a humanidade cega de tanto ver. Nela descrevi minha caminhada, repleta de pausas, como pontuei, mas daqui, como a marcha da natureza, seguiremos em frente. E assim como nesta estação que abre a proposta estética, em que o apito sonoro da locomotiva vem anunciar o assunto em cada uma das estações seguintes, irei fazer uma introdução ancorada na proposta da viagem do trem da vida que pretendo neste estudo e que seja atrelada ao assunto da estação que se inicia. Na próxima estação, por exemplo, teremos alguma surpresa, pois que a luminosidade carece de alguma sombra para que se possa mostrar o que é preciso, e não se morra de olhos estatelados. Protegendo a vida, a estação apresentará a fabulação em sua primitividade, com Bergson. Outra pausa se fará necessária para demonstrar que é preciso um mundo outro, e que para isso é preciso evocar o ser político que somos e que não pode ficar para trás nessa viagem da vida. Então, como Deleuze, mostraremos a fabulação como ato de resistência e ferramenta para a criação de um povo que está por vir. Em outra estação relacionaremos a fabulação, a literatura e os direitos humanos, ajustando os termos para entender que constituem a própria vida, e que, sacudida a poeira da viagem da civilização, encontraremos esses pilares como naturais no hominídeo, e, portanto, sendo direito realçá-los como necessários e urgentes para a sobrevivência da humanidade e, também, do planeta. Uma parada mais longa nos espera na estação seguinte, pois descenderemos à escola, na tentativa de provocá-la, pois sendo ela o elemento que deposita sobre nós o pó de todo conhecimento adquirido pela humanidade no decorrer dos tempos, que possa ser ela também quem atuará no papel central do grande espetáculo que sacudirá todo o pó civilizatório para encontrar nossa elementaridade, que,

capaz de despertar o gênio e defender a razão de si mesma, possa nos carregar pela mão até uma humanidade que se reconheça pelo amor, pois como nos disse o filósofo e biólogo Humberto Maturana (2001), “a emoção fundamental na história dos hominídeos é o amor”, pois “somos filhos do amor”.

FABULAÇÃO E VIDA

*Inventei um menino levado da breca para me ser.
 Ele tinha um gosto elevado para chão.
 De seu olhar vazava uma nobreza de árvore.
 Tinha desapetite para obedecer a arrumação
 das coisas.*

*Passarinhos botavam primavera nas suas palavras.
 Morava em maneira de pedra na aba de um morro.
 O amanhecer fazia glória em seu estar.
 Trabalhava sem tréguas como os pardais bicam as
 tardes.*

*Aprendeu a dialogar com as águas ainda que não
 soubesse nem as letras que uma palavra tem.
 Contudo que soletrasse rãs melhor que mim!
 Era beato de sapos.*

*Falava coisinhas seráficas para os sapos como se
 namorasse com eles.*

*De manhã pegava o regador e ia regar os peixes.
 Achava arrulos antigos nas estradas abandonadas.
 Havia um dom de traste atravessado nele.*

*Moscas botavam ovo no seu ornamento de trapo.
 As garças pensavam que ele fosse árvore e faziam sobre ele
 suas brancas bostas.*

*Ele não estava nem aí para os esterco branco.
 Porém o menino levado da breca ao fim me falou
 que ele não fora inventado por esse cara poeta.
 Porque fui eu que inventei ele.*

(Manoel de Barros³⁰)

³⁰ BARROS, Manoel de. Invenção. Memórias inventadas: a terceira infância, 2008, p.13.

Estação de suspiros e soluços

(*A Fabulação em Bergson*)

*A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um
sabiá
mas não pode medir seus encantos.
A ciência não pode calcular quantos cavalos de força
existem
nos encantos de um sabiá.
Quem acumula muita informação perde o condão de
adivinhar: divinare.
Os sabiás divinam.*

(Manoel de Barros³¹)

Um giro no mesmo lugar

É verdade que ela se acha soberana, a razão. Afinal, é nela que se sustenta e glorifica toda ciência humana. A partir de sua luminosidade, o homem seguiu o caminho infreável do progresso. Aliás, é ela o marco da humanidade – a partir dela os seres humanos se fizeram presentes no orbe. Assim ela se sente. E é incentivada pela companhia que desceu com ela na estação: o orgulho. Este mesmo, que mantém a razão incapaz de refletir sobre si mesma e, conscientemente, ofuscar um pouco de seu excesso de luz para aumentar a qualidade da visão. Não, não ela, a senhora. Somente luz, pois a razão deve prevalecer sempre, é o que lhe aconselha sistematicamente o orgulho. E assim caminham ambos, céleres através dos tempos, a cada dia mais distanciando-se das miudezas, das menoridades, das penumbras e das potências que lhes fazem parte, mas não são reconhecidas, visto suas grandiosidades. A cada dia em que seu poder e prevalência aumentam, mais distantes se tornam humano e natureza, fatidicamente por ela separados no princípio. Não percebe a ameaça que lhe ronda, o orgulho não permite. E então a humanidade segue, braços dados a uma razão que a mantém cativa ao mesmo da representação de uma única e possível realidade.

“Mas a natureza vigia.” São as palavras de Bergson (1978, p. 101). E por isso, ali, na mesma estação, escondido nas franjas luminosas da inteligência, que desfila soberana entre os transeuntes – e de nada desconfia – esconde-se um resto de instinto, semelhante àquele que existe nas mais diversas sociedades de vida, e que faz com que elas sobrevivam e

³¹ Barros, Manoel de. Poesia Completa. 2010. p. 340/341.

cumpram seus propósitos para com a natureza que as criou. A mesma natureza que também colocou, na ponta extrema da evolução, a inteligência no hominídeo. Esse recurso intelectual que permitiu à espécie fabricar seu próprio instrumento, externo à sua organicidade, operou uma mudança radical na natureza. Enquanto as espécies não dotadas de inteligência – ou em diferentes graus – utilizam-se dos objetos orgânicos, que fazem parte de sua própria constituição física, para atuarem sobre a matéria, os hominídeos fabricaram instrumentos inorgânicos, com os quais atuam e intervêm sobre a matéria. Bergson explica que

[...] a vida é determinado esforço para obter coisas da matéria bruta, e que, instinto e inteligência, em seu estado acabado, são dois meios de utilizar um instrumento para este fim: no primeiro caso o instrumento faz parte do ser vivo, no outro é um instrumento inorgânico, que foi preciso inventar e fabricar. Considerai com mais forte razão a fabricação. E com mais forte razão ainda a invenção, e deparareis um por um todos os elementos da inteligência, porque sua finalidade explica sua estrutura. Mas não se deve esquecer que resta uma franja de instinto em torno da inteligência e que os lampejos da inteligência subsistem no fundo do instinto (BERGSON, 1978, p. 98).

Desta forma, ele reforça que instinto e inteligência são entrelaçados, pois, se no princípio eram interdependentes, em determinado momento precisaram se dissociar para crescer. Mas há sempre algo de um no outro e vice-versa. Ou seja, a presença de um não anula a participação de outro na organização da natureza, em quaisquer pontos da linha evolutiva. E essa organização privilegia a coesão social. Uma única parte de um tecido social não sobrevive senão em cooperação com as demais, ao menos isso é o que a natureza faz perceber. As sociedades que constituem o extremo da linha evolutiva dominada pelo instinto percebem-se presas às suas funções que mantêm o equilíbrio social através do acoplamento de seus instrumentos aos órgãos inerentes à sua organicidade. Já as sociedades marcadas pela inteligência, que se encontram no extremo oposto da linha evolutiva, não são presas ao social pelas funções próprias dos seus instrumentos, que são distanciados da natureza, instrumentos fabricados para atuar sobre a matéria, inventados pela inteligência. Mas de que forma então mantêm-se esses seres em organização social? Pois que uma vez aberta a janela da inteligência, é possibilitada ao humano a reflexão sobre os seus atos e a sua própria existência, fazendo com que perceba a sua “independência” da natureza, uma vez que não está preso às suas funções sociais pelos seus instrumentos orgânicos. Assim, o ser humano percebe sua autonomia e pode privilegiar a si próprio em prejuízo dos demais membros e de

toda estrutura social. “A verdade é que a inteligência aconselhará ao homem em primeiro lugar ao egoísmo.” É o que diz Bergson (1978, p. 101). Mas é também verdade que a natureza privilegia o social ao individual. Que faria então a natureza para privilegiar a coesão social nas sociedades dotadas de inteligência, onde o indivíduo tem a liberdade de escolher onde, como e quando utilizar suas ferramentas?

Nas naturezas dominadas pelo instinto, os seres se doham à disciplina social pelo instinto, mesmo que em custo do próprio sacrifício, mas “uma coisa é o organismo submetido a leis necessárias, e outra a sociedade constituída por vontades livres” (BERGSON, 1978, p. 8). O que acontece é que nessas sociedades o hábito exerce um papel semelhante ao instinto nas demais sociedades. Temos diversos hábitos sociais, de mandar e de obedecer, prevalecendo o segundo, cada um deles exercendo enorme pressão sobre nossa vontade, de modo que, por mais que tentemos nos afastar dele, somos novamente a ele arremessados. Somos obrigados a agir e pensar em consonância social, como nos sentimos obrigados em todo hábito, formando uma obrigação. A natureza opera de modo a tornar aparente que a coesão social seja um exercício natural, onde na verdade há uma luta de forças antagônicas, do ser livre tentando realizar seus desejos individuais e das regras coletivas que tentam manter a organização social.

Cada um de nós, voltando-se para si mesmo, sente-se evidentemente livre para exercer seu gosto, seu desejo ou sua fantasia, e para não pensar nos demais homens. Mal, porém, se esboça a veleidade e uma força antagônica sobrevêm, constituída de todas as forças sociais acumuladas: diferentemente dos móveis individuais, que puxariam cada qual por seu lado, essa força confluiria numa ordem que não deixa de ter analogia com a dos fenômenos naturais. Se a célula que compõe um organismo se tornasse consciente por um instante, mal teria esboçado a intenção de emancipar-se e seria contida pela necessidade. O indivíduo que faz parte da sociedade pode burlar e mesmo romper uma necessidade que imita aquela, que de certo modo contribuiu para criar, mas à qual sobretudo se submete: o sentimento dessa necessidade, acompanhado da consciência de poder dela se esquivar, não deixa de ser o que ele chama de obrigação. Assim encarada, e tomada em sua acepção mais comum, a obrigação está para a necessidade como o hábito está para a natureza (BERGSON, 1978, p. 11-12).

É desta forma que a obrigação se faz passar por um fenômeno natural. Mas ela está tanto em nós quanto nós estamos no tecido social. O ser individual e o ser social se

entrelaçam e se nutrem mutuamente, pois nos ligamos uns aos outros pela disciplina que nos mantém coesos, dependentes uns dos outros. Mesmo que primeiramente ligados a nós mesmos, somos constituídos no tecido social e é muito difícil afastar-se do eu social, uma vez que sua presença está em toda parte, até mesmo na língua que falamos e que é construída socialmente. Portanto, até mesmo o exercício de pensar, pois se pensa em uma língua, é um exercício social. A obrigação social, então, é tão habitual que a consideramos natural. “Ela só se revela tão imperiosa, como todo hábito profundo, se dela nos afastamos” (BERGSON, 1978, p. 16). Desta forma, o impulso inteligente de colocar-se em primeiro lugar fica subjugado à obrigação social, pois realizar os próprios desejos parece um exercício antinatural. Tudo na existência social é habilmente traçado para que a coesão seja naturalizada, quando na verdade é exercida pelo próprio ser humano, uma vez que a obediência ao dever social é uma resistência a si mesmo. Em meio às obrigações sociais, o humano percebe em si os próprios desejos e pelo hábito faz resistência a eles em benefício coletivo. Mas, para fazer resistência à resistência de resisti-los, é preciso encontrar razões. Fortes razões. Razões que não estão na ordem da racionalidade, pois não são construídas racionalmente. “A loucura das perseguições, mais precisamente o delírio de interpretação aí está para mostrar que o bom senso pode ser prejudicado, ao passo que a faculdade de raciocinar permanece intacta” (BERSON, 1978, p. 88). Esse bom senso, que varia na espécie humana, diferente do raciocínio, que nunca deixa de estar presente, poderia ser considerado o senso social, do qual o indivíduo só consegue escapar através de alucinações criativas, capazes de enganar o raciocínio. A razão pura empurra o indivíduo para a individualidade, para a liberdade de pensar e agir independente das regras sociais, ou seja, para o rompimento com a sociedade. Então, o que faz a natureza para proteger a humanidade do excessivo exercício intelectual?

Se, pois, a inteligência devesse ser retida, no início, numa inclinação perigosa para o indivíduo e a sociedade, só poderia ser por constatações aparentes, por fantasmas de fatos: à falta de experiência real, uma contrafação da experiência é que ela devia suscitar. Uma ficção, se a imagem for viva e obcecante, poderá justamente imitar a percepção e, com isso, impedir ou modificar a ação. Uma experiência sistematicamente falsa, erguendo-se diante da inteligência, poderá detê-la no momento em que ela vá muito longe nas consequências que tire da experiência verdadeira. Assim, pois, teria procedido a natureza (BERGSON, 1978, p. 91).

Essa anotação de Bergson suscita algumas pontuações. Primeiramente, notemos que o autor diz que a experiência falsa poderá deter a inteligência “no momento em que ela vá muito longe”. Podemos perceber aí um intervalo temporal, pois se a experiência falsa agirá em algum momento específico, é que outros momentos também fazem parte da ação à qual tal experiência deve deter. Isso significa que entre o pensamento e ação humana há um intervalo, aberto à imprevisibilidade, onde a experiência falsa se insere para enganar a racionalidade e, assim, desviar-se do excesso de lucidez que colocaria em risco a conservação da sociedade. Mas é preciso também perguntar quais perigos o homem poderia suscitar com sua atividade intelectual? Uma vez que o homem apresenta dois traços essenciais: inteligência e sociabilidade, e a sociabilidade está presente nas duas pontas extremas da linha evolutiva, podemos pontuar que “o social está no fundo do vital” (BERGSON, 1978, p. 99). Então, se a sociedade é a manifestação primeira da natureza, manter a coesão social é imprescindível para ela. Tanto que fez todo aparato social ter aparência de naturalidade. Mas se a inteligência resistisse a essa força social e se voltasse contra ela, seria preciso a natureza oferecer alguma condição que possa preservar a sociedade e, portanto, a própria humanidade. Se nas sociedades dotadas de instinto, a natureza organizou de forma surpreendente a função de cada parte social para o perfeito funcionamento do todo, não é possível que nas sociedades dotadas de inteligência, a natureza não tenha se precavido dos perigos que essa autonomia individual poderia gerar para o funcionamento do social. E

Se a inteligência ameaçar agora romper em certos pontos a coesão social, e se a sociedade deve subsistir, é preciso que, nesses pontos, haja um contrapeso à inteligência. Se esse contrapeso não pode ser o próprio instinto, dado que seu lugar está precisamente tomado pela inteligência, impõe-se que uma virtualidade de instinto ou, se preferirmos, o resíduo de instinto que subsiste em torno da inteligência, produza o mesmo efeito: ele não pode atuar diretamente, mas, dado que a inteligência opera sobre representações, suscitará “imaginários” que resistirão à representação do real e que conseguirão, por meio da própria inteligência, contrapor-se ao trabalho intelectual. Assim se explicaria a função fabuladora (BERGSON, 1978, p. 99).

Então, para preservar a sociedade humana de sua própria destruição pelo excesso de lucidez provocado pela inteligência, que tende a pensar apenas na satisfação individual em prejuízo do bem-estar coletivo, a natureza preservou na humanidade uma franja de instinto,

que, oculta, provoca sobre a luminosidade da inteligência um eclipse, que é a função fabuladora. Função porque está ligada à preservação da vida, como todas as demais funções de todos os seres vivos. O homem é o único animal que pode aleatoriamente desviar-se das regras sociais, cedendo aos seus impulsos egoísticos. No entanto, a sobrevivência individual está diretamente embutida no social. “Essa dupla imperfeição é o ônus da inteligência” (BERGSON, 1978, p. 169). Ao exercer sua capacidade de pensar, o homem, inevitavelmente, é lançado na imprevisibilidade e na frustração, que poderiam fragilizar a inteligência. Bem como não pode também raciocinar livremente sobre o seu papel social, pois se perderia sabendo que poderia preocupar-se apenas consigo mesmo, ao invés de se sobrecarregar com os problemas coletivos. No entanto, fora a própria natureza quem despertara a inteligência no hominídeo; natural, portanto, que tenha se prevenido desse impasse e desse risco. Bergson (1978, p. 169) define a função fabuladora como “uma reação da natureza contra o que poderia haver de deprimente para o indivíduo, e de dissolvente para a sociedade, no exercício da inteligência.”

Estava, porém, correto o crítico literário Antônio Cândido (2011), quando dizia que ninguém pode passar vinte e quatro horas do dia sem entrar no universo fabuloso, e, por isso, o autor defende a literatura como um direito humano que não pode ser negado a ninguém – afirmativa que despertou todo esse estudo, pois o sentido que fez em mim era pulsante. Agora torna-se mais lógica ainda a afirmativa de Cândido, pois se a fabulação é uma função humana, ela deve não apenas ser reconhecida como tal e, portanto, defendida como um direito, mas também ser valorizada e incentivada. Mas como ela se liga à literatura? Ora, já vimos que a inteligência produz instrumentos, inorgânicos, mas a fala também é um instrumento, orgânico e construído socialmente, sendo, portanto, um forte fator de sociabilidade, que faz com que o apelo social esteja presente mesmo onde inexistir relação social. E tão logo o humano desenvolvera a fala, passou nomear objetos e criar histórias. Histórias que deveriam servir para contornar os problemas ainda obscuros de uma sociedade primitiva, cuja ciência não abarcava mais que o simples visível. Histórias para explicar o inexplicável, permitir a sobrevivência e garantir a coesão social. Essas histórias primitivas seriam o princípio mesmo da literatura. E, segundo Bergson (1978, p. 90), da religião. O autor faz uma ligação direta entre a função fabuladora e o surgimento no mundo das religiões, pois, “nunca existiu sociedade sem religião”, é o que ele afirma à página 101. E nessa urdidura entre fabulação e religião, além da coesão social, ele aponta outras situações naturais em que o apelo ao sobrenatural serviu – e serve – de justificativa, através da

invenção de uma falsa representação, que se eleva frente à inteligência, para enganá-la diante de fatos que expõem a vulnerabilidade humana e não conseguem ser explicados pela limitação de uma ciência insuficiente quanto ao alcance da materialidade do universo.

A ciência humana trabalha, até os dias atuais, com a mecanicidade dos fatos físicos, relegando à margem do não-científico e desacreditado socialmente tudo aquilo que não se encaixa em suas medidas exatas e materialmente comprováveis. Este, inclusive, é um dos impasses do paradigma científico da atualidade, pois convivemos com uma ciência incapaz de registrar nuances e performances um pouco distantes da materialidade dos fatos. Isto acontece, sobretudo, por tratar-se de uma ciência que tem por objeto de estudo a matéria. Esta pesquisa que está sendo traçada neste momento também concorre para o questionamento deste paradigma, uma vez que acredita que a inteligência pura não consegue colaborar para uma ciência favorável à sociedade e à harmonia entre os seres humanos e todos os demais seres vivos. E que a atualidade contemporânea tem por risco a dissolução não somente da sociedade, como previa Bergson, mas de todas as sociedades de vida no planeta, devido ao culto exagerado à inteligência, negligenciando a franja de instinto que preserva a vida, qual seja a função fabuladora, que também faz parte da inteligência, como instinto virtual, mas é desprezada pela ciência. Assim é que a ciência humana pode e deve encontrar-se com a fabulação e, conseqüentemente, com a literatura. Mas voltemos à ciência e sua materialidade e, portanto, tendenciosa a uma previsibilidade, como se todos os fenômenos pudessem ser plenamente conhecidos e explicados por sua lucidez, ainda muito pequena diante da imensidão do universo. A inteligência também foi feita para agir mecanicamente, portanto, a ciência que a privilegia somente poderia ser de semelhante natureza. O instinto sempre privilegiou a sociedade em todos os seres vivos, todavia, quando floresceu no humano a inteligência, o instinto não foi suprimido, restando um lampejo em torno do núcleo luminoso, que é a inteligência. “Daí por diante a reflexão permitirá ao indivíduo inventar, e à sociedade progredir. Mas para que a sociedade progrida é preciso ainda que subsista. Invenção significa iniciativa, e um apeio à iniciativa individual já ameaça prejudicar a disciplina social” (BERGSON, 1978, p. 101). Deixado à deriva, sem qualquer precaução por conta da natureza, o homem iluminado pela chama da inteligência escambaria para o egoísmo total. Mas a natureza vigia. Já que o instinto não existe mais com poder de ação, pois que está suprimido pela inteligência - detentora então do poder de ação - e sua existência é somente virtual, ele inventará uma lembrança ou uma contrafação de lembrança, que suscitará uma percepção ilusória com força suficiente para enganar a inteligência e fazer

com que esta se decida pela representação falsa, enganando a inteligência naquilo que ela consegue compreender e alcançar em sua materialidade. Assim, a fabulação se apresenta como uma força defensiva da natureza contra o poder dissolvente da inteligência.

Anteriormente dissemos que quando o humano foi dotado pela natureza de inteligência e criou o seu instrumento inorgânico, além de ser operada uma distância entre o humano e a natureza, também foi inserida no tempo uma distância entre o pensar e o agir. O animal, quando se lança sobre a presa não tem consciência do que pode acontecer, pois o instinto somente liga o objetivo ao ato, não há nada entre um e outro, não há o exercício de pensar, nem tão pouco a sensação de vitória ou de frustração. Quando o índio lança sua flecha no ar, entre o ato e o objetivo, há a impressibilidade, e o espaço para projetar justificativas, ou seja, para refletir sobre o ato. Mas a inteligência age por saltos, só pensa no objetivo final, sua função é a ação. No entanto, se parar para pensar no imprevisto, na imensa possibilidade de não obter êxito, pode impedir, com seu temor pelo fracasso, a ação da inteligência. Portanto, nessa dobra, nesse soluço, intervém a função fabuladora, criando representações falsas que empurrem a inteligência à ação, através de crenças no sucesso. Assim a função fabuladora, inventiva por natureza e capaz de enganar os perigos do conhecimento, cria representações falsas para ajudar a inteligência no seu propósito de ação mecânica. E a natureza proporciona acontecimentos sobre os quais se tem controle e outros, dos quais não se possui nenhum controle, pois extrapolam o campo de previsão mecanicamente representado pela inteligência.

Não é duvidoso que a inteligência seja feita para utilizar a matéria, dominar as coisas, dominar os acontecimentos. Não menos certo é que seu poder esteja na razão direta de sua ciência. Mas essa ciência é a princípio muito limitada; mínima é a parcela do mecanismo universal que ela abrange, da extensão e da duração sobre a qual tem poder.

Que fará ela quanto ao restante? Deixada a si mesma, ela simplesmente se dará conta de sua ignorância; o homem se sentiria perdido na imensidade. Mas o instinto vigia. Ele acrescenta ao conhecimento propriamente científico, que acompanha a técnica ou que nela se acha implicado, em tudo o que escapa à nossa ação, a crença em potências que dominariam o homem (BERGSON, 1978, p. 134-135).

Assim, para compreender os acontecimentos que escapam às leis mecânicas de sua ciência, ele cria representações que imitam esse encadeamento mecânico, muitas vezes

personificando e atribuindo atitudes e qualidades humanas aos eventos para os quais não consegue explicações puramente racionais.

A pressão do instinto fez surgir com efeito, no próprio seio da inteligência, essa forma de imaginação que é a função fabuladora. Basta a esta deixar-se ir às soltas para fabricar, com as personalidades elementares que se esboçam de modo primitivo, os deuses cada vez mais elevados como aqueles da fábula, ou divindades cada vez mais baixas como os simples espíritos, ou mesmo forças que de sua origem só conservarão uma propriedade, isto é, a de não serem puramente mecânicos e obedecerem a nossos desejos, e curvarem-se às nossas vontades (BERGSON, 1978, p. 136).

Ou seja, a função fabuladora, primordialmente, inventa fatos que contornem o que pode ser inaceitável ou incompreensível na realidade e, desta forma, mantenha o domínio do homem sobre as demais forças da natureza. Mas o que acontece ao deparar-se com forças que não se encaixam no seu esquema representativo? Surgiram forças “sobrenaturais” que poderiam dominar o homem. Assim foi que surgiram as forças encorajadoras da ação inteligente mediante as imprevisibilidades, e, em contrapartida, também as desencorajadoras. Isto se deu tanto para o intervalo entre o próprio pensamento e ato, como também para os fenômenos da natureza, a morte, o medo, e até o próprio mecanismo puro, mas que não pode ser justificável pela ciência, como o acaso. E não demorou para que essas forças alcançassem contornos humanos, como os espíritos e, posteriormente, os deuses. Para Bergson, então, a função fabuladora faz surgir no seio da humanidade, as religiões, cuja função, além de garantir a sobrevivência humana, também fora utilizada, através da crença em entidades superiores aos homens, ao controle social, ao exercício de poder do homem sobre o homem. Da invenção dos deuses aos folclores, aos mitos, aos romances e à literatura, fora uma questão de tempo e evolução, pois “da função fabuladora saiu por um desenvolvimento ulterior, uma mitologia em torno da qual floresceram uma literatura, uma arte, uma instituição, enfim, todo o essencial da civilização antiga” (BERGSON, 1978, p. 153)

Um soluço e um salto para frente

É preciso realçar, todavia, que a função fabuladora opera virtualmente, no intervalo que se produziu entre o humano e seu instrumento, e que sua capacidade de criação não está condicionada ao esquema sensório-motor a que (ainda) se submete a nossa inteligência. Indo mais além, caminhando fora da lógica mecânica de causa e efeito que a ciência acredita controlar todo universo, sua capacidade de invenção transpõe os limites e contornos da matéria, tocando com a mão as sensibilidades humanas, o que a faz operar, ainda que juntamente com a inteligência, em um domínio diferente dela.

A função fabuladora está nos primórdios do pensamento, na capacidade de encadear estórias suficientemente convincentes para enganar alguma fraqueza da inteligência e fazer ao homem prosperar. É uma faculdade capaz de “criar personagens cujas histórias narramos a nós mesmos” (BERGSON, 1978, p. 161). Há nela esse princípio inventivo da arte, uma vez que a arte de contar histórias perpassa todo fazer artístico, na medida em que o signo do tempo e as histórias que este carrega está de alguma forma imbricado nas diversas atividades artísticas. Tendo como princípio a religião e, seguidamente, a mitologia, encontraremos com ainda mais facilidade a literatura, o romance, as novelas, as lendas, os folclores, no princípio mesmo dessa faculdade de fabular que é inerente ao ser inteligente. Encontramo-las em todo e qualquer ser humano, sobretudo nas crianças e nos autores cujas obras nos “fazem tocar com o dedo a existência”, como que se tivéssemos sido imersos em algum tipo de alucinação. Fato este, perceptível também naqueles que assistem a determinados espetáculos artísticos e são tocados de maneira intensa por eles, como se fossem de fato verídicos e materiais. Numa ruptura com a religião estática, em que a função fabuladora funcionava para proteger a sociedade dos perigos iminentes da autonomia individual, tal faculdade passa a funcionar como fator potência de destruição do eu e como elemento reconciliador do homem com toda humanidade.

Essa é a capacidade da função fabuladora em sua mais variável diversificação, acompanhando a inteligência no processo de manutenção da sociedade pelo sacrifício pessoal ao coletivo através da religião, e também pela intelectualidade, através do movimento do gênio, que, imbuído de um altruísmo ainda inalcançável na humanidade em geral, é capaz de arrastar multidões pelo magnetismo de suas palavras e ações saídas da inteligência e criadas pela faculdade de fabular. Assim a função fabuladora aparece como uma “função criadora de representações fictícias que, contrapostas à representação intelectual do real, tendem a equilibrar a relação de forças entre o social e o individual” (HEUSSER, 2010, p. 63). E se, inicialmente, tende à supressão da vontade individual, da

liberdade, em benefício da coletividade, posteriormente, há um atravessamento da intelectualidade pela sensibilidade, que enverga sob sua força a vontade do homem. O ser humano não tem condições intelectuais de estender seu interesse para além dos grupos próximos, como a família, até, no máximo, à nacionalidade ou à pátria. A compreensão de suas ações a nível de humanidade é por demais etérea para sua materialidade. E não adianta ser ensinado que o seu interesse não irá estender-se progressivamente e alcançar toda humanidade. Tendo por objeto o amor à família, à pátria e à humanidade, poderíamos dizer que

À primeira vista, a consciência percebe uma diferença de natureza entre os dois primeiros sentimentos e o terceiro. Aqueles implicam escolha e, por conseguinte, exclusão: poderão incitar à luta; não excluem o ódio; este é só amor. Aqueles irão imediatamente estabelecer-se sobre o objeto que os atrai; este não cede ao atrativo de seu objeto; não o visou; projetou-se mais além, e só atinge a humanidade ultrapassando-a. Terá ele a rigor um objeto? Nós o indagaremos. Limitemo-nos por ora a consignar que essa atitude da alma, que é antes um movimento, basta-se a si mesma (BERGSON, 1978, p. 32-33).

Sendo uma atitude da alma que basta a si mesma, questionamos então, o que faria pressão à vontade nesse sentido, fazendo com que o indivíduo mantenha a coesão social em plena consciência de sua liberdade de escolha individual? O que o faria abrir mão de si para atender a um apelo universal? “Não temos escolha. Fora do instinto e do hábito só existe atuação direta da sensibilidade sobre o querer” (BERGSON, 1978, p. 33). Mas perguntamos ainda, o que despertaria essa sensibilidade, ou emoção, capaz de resistir à vontade egoística da inteligência e transbordar em humanidade? Não se trata de emoções já existentes, mas de uma emoção nova, que toque com os dedos a sensibilidade, como uma harpa. E essa música daí resultante nos introduz nos signos artísticos, como que nos coloca a dançar. “Quando a música chora, é toda a humanidade, toda natureza que chora com ela” (BERGSON, 1978, p. 33). Não mais uma emoção que movimenta as partes sem mover o todo, como no princípio, mas um impulso para frente. Não mais uma emoção seguida a uma representação, mas uma emoção antecipada, que provoca múltiplas representações. Não mais a coesão através da família e dos núcleos sociais, mas o abraço à humanidade. Não mais o giro no mesmo lugar, mas o rompimento, o salto que se dá em que uma individualidade é carregada de forças exageradas e, imersa no tempo, vê e ouve em excesso, tem os tímpanos perfurados, de onde

sai para convocar a humanidade a inventar novos modos de ver e viver. Não mais a força de coação, mas a atração, o “perfume” que arrasta multidões atrás do gênio, aquele que movimenta as forças da natureza e cria, através de signos artísticos, emoções únicas que despertam a alma do mundo. Essa emoção “se prolonga em impulso ao lado da vontade, e em representação explicativa na inteligência” (BERGSON, 1978, p. 40).

No fundo de ambas, “a mesma força que se manifesta diretamente, voltando-se sobre si mesma na espécie humana, e que atua depois indiretamente, por intermédio de individualidades privilegiadas para impelir a humanidade para frente” (BERGSON, 1978, p. 33). Impulsionada pela força do gênio, a humanidade consegue se libertar das forças da natureza que a prendem à da sociedade e a si mesma, e deixa de girar no mesmo lugar para alcançar um salto em seu processo evolutivo. Mas não são as luzes que provocam esse acontecimento, mas a sombra, pendurada às franjas, forjando ficções capazes de convencer à criação de novas realidades possíveis.

No vagão da vida, a razão, senhora e dona da ciência e do mundo, toma assento importante. Do alto de sua claridade, proclama verdades. A quem interessam? Mas a natureza vigia... E a fabulação, acolhida no aconchego das penumbras que habita todos nós, tece serenamente, dia a dia, ponto a ponto, as ficções capazes de forjar outros possíveis e destronar verdades.

Estância e movência e errância e...

(Fabulação em Deleuze)

*Há um cio vegetal na voz do artista.
 Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto
 de alcançar o murmúrio das águas nas folhas
 das árvores.
 Não terá mais o condão de refletir sobre as
 coisas.
 Mas terá o condão de sê-las.
 Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos,
 passarinhos ...
 Nos restos de comida onde as moscas governam
 ele achara solidão.
 Será arrancado de dentro dele pelas palavras
 a torquês.
 Sairá entorpecido de haver-se.
 Sairá entorpecido e escuro.
 Ver sambixuga entorpecida gorda pregada na
 barriga do cavalo –
 Vai o menino e fura de canivete a sambixuga:
 Escorre sangue escuro do cavalo.
 Palavra de um artista tem que escorrer
 substantivo escuro dele.
 Tem que chegar enferma de suas dores, de seus
 limites, de suas derrotas.
 Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de
 enxergar no olho de uma garça os perfumes do
 sol.*

(Manoel de Barros³²)

O frio e o gelo cobriam a paisagem. Uma tristeza pesada abraçava tudo o que era visível e invisível. Nos vidros fechados da locomotiva, a umidade escorria como lágrimas impossíveis de serem contidas. Atrás dos vidros embaçados, os olhos estatelados dos viajantes não acreditavam no que viam. O absurdo se mostrava à frente como um triste moribundo com a boca sem dentes arreganhada. O que foram os homens capazes de fazer aos outros homens? “Uma geração que ainda fora a escola num bonde puxado por cavalos viu-se sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano” (BENJAMIM, 2012, p 124). A cada emenda dos dormentes, os olhos estatelados eram sacudidos para voltarem a si, como um soluço infundável. Onde estaria ela, a senhora

³² Barros, Manoel de. Poesia Completa. Retrato do artista enquanto coisa. 2010. p. 359.

que havia prometido à humanidade o domínio das técnicas e da natureza? Era essa a vitória prometida? Sobre quem? Agora estavam ali, emudecidos diante do horror. De repente, as palavras não davam conta de reconstituir o cenário, de recontar a experiência vivida. Diante dela, a mudez, os olhos cabisbaixos, a vergonha de si e do mundo. “Sim, confessemos: essa pobreza não é apenas a pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie” (BENJAMIM, 2012, 124-125).

Ao fundo, escondida sob alguns farrapos retirados de corpos sem vida, a fabulação se recolhia. Há algum tempo seu lugar nessa sociedade estava ameaçado. A razão vencera a guerra, e os corpos despedaçados não eram mais capazes de inventar histórias. Nem mesmo de narrar as experiências. As linhas do senso comum haviam sido violentamente rompidas. Ao contrário, empurrados pela nova barbárie, eram compelidos “a seguir em frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIM, 2012, p. 125). Sem olhar para nenhum lugar, a não ser para a frente, a humanidade pisava sob os corpos estendidos como massas disformes e sem importância. A razão espalhou seu horror através do ego humano. A capacidade de inventar um novo mundo possível nunca se fez tão importante. Mas as fórmulas são vendidas prontas, em cópias intermináveis. “[...] não é uma renovação autêntica que está em jogo, mas uma galvanização”, afirma Benjamim em *Experiência e Pobreza*. Nela os homens não se preocupam em criar novas formas de viver que ultrapasse os horrores vistos, mas a se conformarem com as formas de vida que lhes são oferecidas. A fissura entre a produção cultural da humanidade e a própria humanidade abriu-se avassaladoramente. Os processos criativos foram abortados pelo desenvolvimento da técnica, que, mesmo diante do horror, não recolhe seus aparatos. Apenas finge que está sendo feita alguma mudança na sociedade. Mas a função fabuladora continua lá, esquecida, jogada a um canto, renegada à superioridade da técnica. E sem ela, não há como inventar um novo mundo. Apenas, como diz Benjamim, “galvanizar” o antigo. Apegados à inteligência, os homens não buscam mais atividades fabulatórias.

Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a mundo em que possam ostentar tão pura e claramente sua pobreza, externa e também interna, que algo de decente possa resultar disso. Nem sempre, tampouco, são ignorantes ou inexperientes. Frequentemente pode-se afirmar o oposto: eles “devoraram” tudo, a “cultura” e o “ser humano”, e ficaram saciados e exaustos. [...] Ao cansaço sengue o sonho, e não é raro que o sonho compense a tristeza e o desânimo do dia,

realizando a existência inteiramente simples e absolutamente grandiosa que não pode ser realizada durante o dia por falta de forças (BENJAMIM, 2012, p. 127).

Assim, “ficamos pobres. E abandonamos uma a uma todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-la muitas vezes a um centésimo de seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do atual” (BENJAMIM, 2012, p. 128). Ao que Benjamim se refere quando diz que empenhamos todas as peças do patrimônio humano? Esse patrimônio a que ele se refere e que foi “devorado” pelo sistema de vida que captura todas as experiências criativas da humanidade e se desfaz delas em favor de um novo que não passa do mesmo, que enterra de vez a alteridade e padroniza a todos pelo consumo, sobretudo, em sua crítica, ao fato de as obras de arte também serem devoradas vorazmente.

Nesse período em que os olhos estatelados olhavam incrédulos pelas janelas tristes, a literatura passou a ser mais um objeto de consumo, ou seja, escrevia-se para a venda, e, também, para atender aos interesses dominantes, manipulando as subjetividades das massas. Benjamim (2012) denuncia que essa imersão do escritor no mercado literário provocou profundas mudanças na literatura. Percebemos aqui que a razão implantou a técnica e que esta se alastrou, também, ao campo literário, afastando-se da verdadeira criação, de que fala Bergson (1978, p. 35): “Os sentimentos vizinhos da sensação, estreitamente ligados aos objetos que o determinam, podem, muito bem, atrair a si uma emoção anteriormente criada, e não inteiramente nova.” É daí que Deleuze parte para dar à fabulação um novo contorno, o político.

A fabulação e o tempo

Quando Bergson (1978, p. 101) introduz a religião pela função fabuladora, ele diz que surgirá “diante do portal aberto, um guardião, que proibirá a entrada e afastará o infrator. No caso, um deus protetor da comunidade, que proíbe, ameaça, vigia.” Tensionando um pouco a interpretação e esticando ao máximo o que foi dito, suspeito que o infrator do qual as sociedades devem proteger-se é a independência e autonomia de que é dotado o animal inteligente, ou seja, o animal humano. A liberdade precisa ser vigiada e controlada. É o que faz o instinto virtual que acompanha essa inteligência em suas franjas luminosas, garantindo o controle dos corpos, assegurando o bem comum em prejuízo das satisfações individuais. Mas Bergson mesmo questiona, na página 87, “Como a natureza, ao fazer do homem um

animal político, teria disposto as inteligências humanas de tal maneira que elas não se sintam expatriadas quando pensem politicamente?” É Deleuze (2012) quem oferece essa elucidação política a que Bergson (1978) se refere. Quando enclausura a fabulação à natureza religiosa, Bergson perde de vista sua função política, necessária quando os olhos não suportam ver o que foi visto. É daí que saem os escritores que inventam um povo, como diz Deleuze (2011). Não aquele povo que já existe, e que está ali, seguindo em frente apesar dos fracassos, apesar das perdas, apesar de se assemelhar a um vudu, que repete aquilo que a sociedade deseja, mas um povo que inventa a sua liberdade, que procura novas linhas de fuga e abre frestas no sistema. “Precisamente não é um povo chamado a dominar o mundo. É um povo menor, eternamente menor, tomado num devir revolucionário” (DELEUZE, 2015, p. 15). Se para Deleuze compete à função fabuladora inventar um povo, e se este povo está num devir-revolucionário, para Deleuze, a fabulação é revolução, é pura invenção que não diz respeito a papai-mamãe, mas a um delírio, delírio-histórico mundial que convoca todas as raças à revolução. Ou seja, a fabulação é imprescindível para inventar um novo mundo, livre dos horrores que fincamos neste. “O que se faz ao fabular não é afirmar algo que não é real (não é um erro ou uma confusão), o que se faz é afirmar algo que torna as ficções hegemônicas inoperantes ou indecidíveis” (DELEUZE, 2012, p. 74). Ou seja, compete à fabulação borrar as bordas do real e tornar realidade e ficção indiscerníveis. Afinal, o que é a verdade, o que é ficção? Para Deleuze (2013, p. 172), “A verdade é da ordem da produção de existência. Nada está dentro da cabeça, é algo que existe. O escritor emite corpos reais.” Tendo em vista que consideramos verdadeiras as versões da história que nos são contadas, a função fabuladora tende a lançar sobre nossas consciências já modeladas a dúvida sobre nossa captura subjetiva, bem como inventar outros modelos, já que o virtual é apenas o atual que ainda não se atualizou. Ou seja, a possibilidade do impossível.

Para tanto, Deleuze introduz a fabulação no tempo, e diz que ela é a própria experiência com esse tempo puro (DELEUZE, 2013). Mas antes, ele nos fala de três imagens do tempo, a primeira do tempo orgânico, cardinal, ritmado. É o tempo do hábito, que conserva o corpo em sua organicidade, porque não passa. Nessa dimensão de tempo, a memória é submetida à organicidade, e nela o hábito perpetua o mesmo. Mas algo há de passar. E o que passa? O próprio presente. O presente só passa em função de um passado que abriga todas as variações do presente. Passado virtual, que antecede o presente e conserva em si todas as dimensões deste. Estas dimensões coexistem no passado e o hábito contrai e atualiza uma de cada vez, modificando continuamente o presente. Porém essa

mudança no presente não se dá por invenções, mas por repetições, ou seja, buscamos no passado, ou no virtual, imagens semelhantes às que já conhecemos no presente. Nada de novo acontece, pois buscamos a semelhança. O passado não é uma dimensão-reservatório de imagens, mas uma coexistência de dimensões temporais sobre a qual os instantes sucessivos do presente passam. Precisamos do presente para agir. Mesmo assim ele é algo que passa continuamente. E o que faz o presente passar? O futuro. Ele força o presente a passar. É uma dimensão temporal não conciliadora, é uma ameaça, e, por isso, ameaça a identidade do sujeito. “Afirmar o futuro é se pôr em risco, pois esse outro que surge toma o meu lugar” (PIMENTEL, 2010, p. 111). É o modo temporal do futuro que faz com que “a relação pessoal com o passado seja ultrapassada em prol de uma experiência impessoal [...]” (PIMENTEL, 2010, p. 120). Nessa experiência impessoal, o “eu sou” se transporta para “eu é outro”, e é o que acontece quando nos deixamos convocar pelos signos da arte. Mas é preciso dizer que o futuro não é essa projeção que fazemos sobre o tempo, mas uma indiscernibilidade, algo a se inventar, e, portanto, ameaçador do presente, pois é nele que o futuro acontece. E como se estabelece essa relação com esse futuro? Como se insere nesse instante em que o presente já passou mas ainda é?

Lembrando a fala de Bergson (1978) sobre a ruptura humano-natureza quando foi inventado o primeiro instrumento pelo hominídeo, levantamos a questão sobre a organicidade e o interstício que se impõe neste intervalo que se criou entre o humano e o seu instrumento inorgânico. Este é um intervalo temporal. Um intervalo temporal que se interpõe entre o orgânico (corpo) e o inorgânico (instrumento). Um intervalo que determina a inteligência no hominídeo, pois é nele que acontece o ato de pensar. Mas é dessa relação (orgânico/inorgânico) que surge o signo imaterial da arte. Por que imaterial? Porque se eleva acima da matéria, e não se separa do seu sentido. Como assim? Quase todos os instrumentos criados pelo hominídeo estão na inorganicidade, deixando pender entre o organismo e o instrumento essa fatia de tempo em estado puro, que só é atingido quando esse corpo e esse instrumento, signo e sentido não possuem distância. Na obra de arte, o signo e o sentido convergem, entram na zona temporal de indiscernibilidade entre passado e futuro. A máquina não pode estar separada do organismo que a faz funcionar, diz Deleuze (1995). Assim, tempo e máquina se confundem em seu maquinismo. E o que seria uma máquina para Deleuze? Uma potência. Potência maquinica. A obra de arte não remete a nada exterior a si, pois “é a obra de arte que produz em si mesma seus próprios efeitos, e deles se sacia, deles se nutre: ela se alimenta das verdades que engendra” (DELEUZE, 2022, 153).

E aqui talvez esteja a diferença entre a inteligência e a arte: enquanto esta cria instrumentos a fim de se proteger da ameaça do futuro, de seu caráter acidental e fortuito, o que a ciência levou às últimas consequências, tornando-se uma grande máquina produtora de previsões; a arte cria instrumentos e máquinas que nos recolocam na fissura, no interstício inorgânico a fim de que experimentemos o futuro. E cada máquina é um modo singular de se instalar no interstício, de experimentá-lo (PIMENTEL, 2010, p. 123).

E aqui trataremos com mais vigor da máquina literária, que rompe a relação orgânica entre corpo e linguagem (instrumento), inserindo nesse interstício uma invenção do futuro, através da falsificação do real.

A potência do falso

Nesse interstício entre o humano e seu instrumento, a fabulação rompe o esquema sensório-motor, que funciona buscando imagens semelhantes no passado para atualizá-las no presente, e ergue nele uma outra imagem, inventada, falsa, que confunde a inteligência e inventa um outro futuro. Essa imagem não se encontra no passado nem tão pouco no futuro, mas é a invenção de um povo por vir de que fala Deleuze (2011).

O regime verídico é essa atualização do virtual, em que uma camada do passado se descola para ser atualizada no presente. Mas há que se distinguir entre o virtual e o atual. No esquema sensório-motor, buscamos, pelo hábito, imagens semelhantes sobre as quais se deve agir no presente. A atualização é essa eterna repetição que se faz de atualizar uma imagem que prevalece sobre as outras pelo hábito. Nela uma camada do passado se descola para ser contraída em uma imagem no presente, e uma imagem no presente é contraída para ser conservada no passado. Essa é a eterna repetição do esquema sensório-motor. Mas quando uma imagem é ascendida nesse intervalo, há o rompimento desse esquema, impedindo que a imagem se desloque do virtual para o atual. Deleuze (2018) diz que o que difere do virtual não é o real, mas o atual. Isto porque o virtual é impedido de ser atualizado por essa imagem criada no intervalo, abruptamente, confundindo a relação atual-virtual. O real não tem compromisso com a verdade.

O que seria uma imagem falsa do real que não fosse ficção, senão uma mentira? Esta oposição verdade/mentira, real/ficção não é senão uma oposição verídica, ou seja, que

toma como base o sistema de produção de imagens verídicas encetado pela nossa necessidade de agir. Portanto, é também possível apreender o real fora de uma relação verídica (PIMENTEL, 2010, p. 133).

É a fabulação que rompe o modelo que faz da realidade uma verdade superior, apartada da vida. É essa separação que nos é imposta quando criamos um instrumento inorgânico e com ele nos separamos do mundo. A função fabuladora vem reencontrar esse elo entre vida e ficção, fazendo da potência falsificadora uma potência de inventar mundos, ou seja, modificar o presente em relação com o futuro, pois nessa fissura o tempo não é nem passado, nem presente, nem futuro, ele é puro, pura potência. O que emerge nesse intervalo não é uma imagem, é a “representação do tempo puro”, potência do falso, que “é o tempo em pessoa, não porque os conteúdos do tempo sejam variáveis, mas porque a forma do tempo como devir põe em questão todo modelo formal de verdade” (DELEUZE, 2013, p. 89). É por isso que Deleuze diz que “Quando Perrault se dirige a suas personagens do Quebec, não é apenas para eliminar a ficção, mas para libertá-la desse modelo de verdade que a penetra, e encontrar ao contrário a pura e simples função de fabulação que se opõe a esse modelo” (DELEUZE, 2018, p. 218). Precisamos da função fabuladora para nos libertar das verdades que nos são impostas e inventar outros possíveis. Precisamos da função fabuladora para romper o sistema motor e fazer diferente. Precisamos da função fabuladora para acreditar nesse mundo, agora, pois somente acreditando nele, poderemos transformá-lo.

Quando Manoel de Barros (2012, p. 389 e 359, respectivamente) diz “tudo o que não invento é falso” ou “Tenho uma confissão: noventa por cento do que eu escrevo é invenção, só dez por cento que é mentira”, ele atinge com uma flecha certa o processo da fabulação, que é justamente borrar esse contorno entre ficção e realidade, verdade e mentira. Afinal, o que é verdade? O que é mentira? Transformando seu instrumento, que é a linguagem, em máquina, ele faz desaparecer a maior das verdades dominantes: a de que a verdadeira verdade é a dominante. Ele nos lança, como num passe de mágica, a esse tempo desfeito, onde a sensibilidade é tocada com a mão, provocando novas formas de ver, ouvir e sentir, de modo a torcer o real, a instabilizá-lo. Quando a realidade instituída torna-se instável por um momento sequer, é possível pensar, imaginar, desejar outra realidade.

E quando ele diz que

*Para enxergar as coisas sem feitiço é preciso
não saber nada.*

*É preciso entrar em estado de árvore.
É preciso entrar em estado de palavra.
Só quem está em estado de palavra pode
enxergar as coisas sem feito.*
(BARROS, 2010. p. 363/364)

Ele mais uma vez conceitua a fabulação Deleuziana, pois para estar neste interstício temporal, é preciso essa experiência de tempo puro, onde as bordas se borram e se misturam e desfazem as verdades postas. Que saberia uma árvore ou palavra sobre algo, ou sobre o tempo? Apenas devir-árvore, devir-palavra, que deixa todas as coisas sem nenhum feito, nenhuma forma já posta, distantes do já dado, já visto, potentes de serem o que desejam ser. Daí que as palavras se tornam outras coisas quando utilizadas por Manoel em sua máquina de (des)fazer poesia, pois que atingem suas máximas potências. Manoel faz muito mais do poesias, faz máquinas de guerra.

Escancaramento semelhante sobre a indiscernibilidade da fronteira entre verdadeiro e falso, e também entre máquina e sentido, pode ser encontrado no filme “O Cidadão Ilustre”. Nele, um escritor cabisbaixo e solitário em uma sala ouve adjetivos sobre sua pessoa e parece refletir ou discordar delas. Ao ser chamado a receber o maior laurel a que algum literário possa sonhar – o Nobel de Literatura - Daniel Mantovani encontra palavras chocantes para oferecer em contrapartida. O público, aguardando um discurso extático, torna-se estático diante de palavras que se distanciam do óbvio enquanto flertam com o cinismo, a indelicadeza e um profundo desprezo por todo contexto que o momento representa. E assim se apresenta Daniel Mantovani, um escritor natural da pequena cidade argentina Salas, radicado na Europa há mais de 40 anos e reconhecido mundialmente por sua obra ficcional que constrói narrativas ao redor de personagens de sua cidade natal. Esse estado de ânimo do personagem principal se dá pelo fato de acreditar que um autor ao receber o Prêmio Nobel tem por encerrada sua carreira. Por isso o escritor afasta-se do delírio capaz de criar literatura (DELEUZE, 2011), e quando isto acontece, “quando o delírio decai no estado clínico, as palavras em nada mais desembocam, já não se ouve nem vê coisa alguma através delas, exceto uma noite que perdeu suas histórias, suas cores e seus cantos” (DELEUZE, 2011, p. 9). E então Daniel Mantovani torna-se taciturno e seco. Até que surge um convite para retornar a sua cidade natal, Salas, para receber o título de “Cidadão Ilustre”. No reencontro com Salas, Mantovani encontra uma miss em veículo do Corpo de Bombeiros em passeio pela cidade, uma jovem seminua em sua cama, um antigo amor, um estrelado medíocre e homenagens ainda mais. Encontra também a complexidade humana, toda sua mesquinhez,

covardia e crueldade. Talvez haja uma crítica à soberba superioridade europeia diante do Novo Mundo, e ainda mais um ácido olhar do indivíduo das grandes cidades a respeito do interior. Assim o escritor constata que a cidade de suas obras talvez não fosse a mesma de suas lembranças. Ou seria?

O que acontece é que o filme borra as fronteiras entre ficção e realidade descaradamente. Começamos por perceber que a distância da cidade palco de suas obras pode lhe conferir um olhar imaginativo e livre de que se fazia para construir suas narrativas aparentemente complexas que expunham as arditosas tramas da alma humana sem, no entanto, se expor a elas. Neste contexto fabuloso, era seu o total controle. A proximidade da cidade tão real quanto imaginária expôs essas mesmas misérias humanas de que se alimentavam sua literatura, porém, no atrito da realidade, no fazer da experiência, permanecer ileso torna-se impossível, como na própria vida. A proximidade do olhar torna o traço ficcional insuportável. Na película, realidade e ficção se misturam, se complementam, de tal forma que nos perdemos entre uma e outra, perdendo a localização exata do ponto que nos mantem seguros, sãos, salvos e ilesos, e nos pomos a perguntar: afinal, ele foi ou não a Salas? O desenrolar do filme é a história de sua verdadeira ida Salas, ou é apenas mais um livro que ele escreve, ou seja, uma ficção cuja proximidade entre obra e artista se encontram e desmancham as fronteiras do tempo? A obra conduz a reflexões que insistem num mergulho profundo pelo universo de desconstrução de nossas certezas, nossos olhares, nós mesmos. Já não sabemos o que é realidade, o que é ficção. Nas palavras de Mantovani: “O que é criação, o que é realidade? Importa isso, meu amigo?”. E diante das letrinhas subindo ao fim da película nos indagamos: ele foi ou não a Salas? Ficção e realidade, aqui como verdade e mentira, são embaralhadas sob nossos olhos como o mágico embaralha as cartas de um baralho falsificador. O que é verdade? O que é mentira? Nas palavras de Deleuze (2013, p. 89),

O real e o irreal são sempre distintos, mas a distinção entre os dois nem sempre é discernível. Porém, precisamente quando há o falso, o verdadeiro por sua vez não é mais decidível. O falso não é um erro ou uma confusão, mas uma potência que torna o verdadeiro indecidível.

Somos forçados, pelos signos da arte, a desconstruir nossas certezas e abrir novas possibilidades, ou possibilidades para o novo e o impossível se tornarem possíveis. Ou seja, o falso é o abalo de nossas certezas, das verdades dominantes, dos possíveis. É o falso, a

potência do falso, quem desafia a soberania da senhora razão e a destrona de suas verdades totalizantes.

O real e o impossível

O sistema sensório-motor tende a nos fazer acreditar somente naquilo que já foi posto e já foi dado. Isto porque ele trabalha pela repetição, ou seja, busca nas imagens do presente aquelas que são semelhantes às que estão no passado. Ou seja, atua na sistemática repetição da descontração de uma imagem descolada das camadas de tempo coexistentes do passado pela semelhança e na contração da imagem do presente para esse passado. Contração-descontração é a sua atuação. Isto se dá pelo hábito, que é a ação da repetição mais eficiente sobre as outras (KASTRUP, 2001). Assim, o futuro tende a ser sempre a repetição do presente e do passado que fortalecem as verdades dominantes.

Mas o futuro é sempre uma ameaça. Por quê? Porque não está dado. E o sensório-motor habituou-se ao já posto, já dado. Ele é uma ameaça porque ele *pode ser*, ele tem em si a *potência de vir a ser*. Mas é preciso que algo aconteça ao presente, que é o acontecimento. Esse instante em que o presente já deixou de ser e ainda é. Esse instante é o interstício de tempo em que é possível quebrar o esquema sensório-motor e ultrapassar a barreira do significante em direção a uma representação de tempo puro. Por não ter nenhuma semelhança com o presente ou com o passado, essa representação que surge abruptamente é a imagem-cristal, inventada pela função fabuladora, a própria diferença. Ela não está fora da realidade, mas no plano de imanência, onde o real comporta o atual e o virtual. O atual é o mundo palpável das representações que criamos com a experiência por um fim prático e útil. É a reconhecimento. É o mundo dos possíveis. Ele busca imagens no virtual, que é o passado em coexistência de várias camadas de tempo, e as atualiza no real. Ou seja, o atual é a atualização do virtual.

No entanto, [...] a própria atualização pertence ao virtual, não se separando dele jamais. Enquanto o atual é o complemento, o produto, ou ainda, o objeto da atualização, o virtual por sua vez é o sujeito dessa atualização. Em outras palavras, pode-se dizer que a atualização do virtual constitui a singularidade, enquanto o atual é a individualidade já constituída. (LEVY, 2011, p. 101).

Vale a pena esclarecer que o real é um plano de imanência, em que bailam as instâncias do atual, do virtual, do possível, do impossível, da atualidade e da inatualidade. O

plano de imanência é o real, que se constitui de devir e povir, descompromissado de Chronos, nele o tempo não é linear. Logo, o plano de imanência é aberto aos possíveis, aos acontecimentos, ao tempo. O que chamamos de realidade rotineiramente, todavia, é o atual, ou seja, onde se atualizam as imagens clichê, as representações que criamos antes das experiências, a reconhecimento, o sensorio-motor, o já visto, o já dado. Dentro do atual, está a lógica do mundo dado, o dizível, o lembrado, o imaginado, o pensado, ele é uma visão moral do mundo. Nele está o possível atual, que é a parte atualizada do plano de imanência, mas ele não comporta o real, e sim, inversamente, é apenas a parte atualizada deste. Este mundo dado nos faz crer no impossível, forçando nossos corpos a abdicar de sua força desejante, pois não é possível desejar o impossível. No entanto, o “impossível” é apenas um possível que está no virtual como potência e ainda não se atualizou. O virtual não se atualiza mecanicamente, através de imagens semelhança encontradas no passado. Para o virtual atualizar *um possível* é preciso *um acontecimento*, que surge quando não suportamos mais o já dado e somos forçados a criar outras formas de viver. O acontecimento é quando começamos a enxergar no próprio mundo o invisível, e isto torna-se insuportável, a ponto de inventar uma imagem falsa (potência do falso) que interfira no processo de representações suspendendo a atualização mecânica e cedendo espaço para *um possível virtual*, que é tudo o que podemos dizer, ver, pensar, imaginar por multiplicidades: “uma vida...” A imagem falsa se sobrepõe à imagem clichê, pois que é da ordem da invenção, do novo. O que nunca foi dito, o que nunca foi pensado, o que nunca foi imaginado. Logo, o impossível é uma formação histórica que nos apresenta um limite do que pode ser visto, do que ser ouvido, do que pode ser pensado, do que pode ser criado em determinada época.

“A formação histórica é o regime de linguagem e o regime de luz de uma determinada época. Ou seja, a formação histórica produz um limite do dizível (aquilo que pode ser dito) e do visível (aquilo que pode ser visto) [...] Em consequência dessa limitação, cria o que pode ser considerado impossível numa determinada época” (LACERDA, 2022, p. 22)

Ou seja, o impossível nada mais é do que uma formação histórica que, “por conta da *virtualidade do possível*, nos faz crer que o impossível (possível não atualizado) não existe” (LACERDA, 2022, p. 23, grifo nosso). O novo, a invenção, está no real, faz parte do plano de imanência, mas é sabotada continuamente pelas imagens clichê. Podemos observar dois tipos de possíveis, *o possível*, que está no atual, e diz respeito ao que podemos ou não realizar como possível para uma determinada época. Por exemplo, conversar pela internet seria

impossível há alguns anos. Mas essa possibilidade sempre foi possível, apenas não estava dada, era necessário inventá-la. Era *um possível* virtual, que é quando as palavras deixam de designar coisas prováveis, trazidas à cena do atual pela seleção de imagens por reconhecimento ou hábito, para fazerem emergir o novo, o não visto, o não dito, o não dado. Lacerda (2022, p. 23 – grifos nossos), nos diz que “para criarmos um possível, é preciso que deixemos de acreditar *no possível* como instância de realização”.

Ou seja, para deixarmos emergir o novo, em processos fabulatórios agindo conjuntamente com a inteligência, é preciso ser arrebatado por um acontecimento, uma visão, um devir, instâncias que nos libertem da atualidade. Na fabulação, a inteligência não é suprimida, ela é apenas enganada pela potência do falso para que aceite novas formas, novas imagens, novas possibilidades e, assim, invente um mundo, um povo, uma vida...

Se tudo é inventado, tudo é falso, é preciso acrescentar: tudo é possível.

LITERATURA E VIDA

*Remexo com um pedacinho de arame nas
minhas memórias fósseis.*

*Tem por lá um menino a brincar no terreiro:
entre conchas, osso de arara, pedaços de pote,
sabugos, asas de caçarolas etc.*

*E tem um carrinho de bruços no meio do
terreiro.*

*O menino carregava dois sapos e os botava a
puxar o carrinho.*

*Faz de conta que ele carregava areias e pedras
no seu caminhão.*

*O menino também puxava, nos becos de sua
aldeia, por um barbante sujo umas latas tristes.*

Era sempre um barbante sujo.

Eram sempre umas latas tristes.

*O menino é hoje um homem douto que trata
com física quântica.*

Mas tem nostalgia das latas.

*Tem saudade de puxar por um barbante sujo
umas latas tristes.*

*Aos parentes que ficaram na aldeia esse homem
douto encomendou uma árvore torta –*

Para caber nos seus passarinhos.

De tarde os passarinhos fazem árvore nele.

(Manoel de Barros³³)

³³ Barros, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. 2007. p. 47.

A ESTAÇÃO E A VIAGEM

“Queria uma palavra alarve, muito gorda, uma que usasse todo o alfabeto e muitas vezes, até não se bastar com letras e sons e exigisse pedras e pedaços de vento, as crinas dos cavalos e a fundura da água, o tamanho da boca de deus, o medo todo e a esperança. Uma palavra alarve que fosse tão feita de tudo que, quando dita, pousasse no chão definitivamente, sem se ir embora para que a pudéssemos abraçar. Beijar”

(Valter Hugo Mãe)³⁴.

Não era possível enxergar nenhuma paisagem. Um borrão veloz em tom de cinza atravessava intermitentemente a visão dos passageiros. Encapsulados entre muros de cimento, o que importava na viagem era o destino. Assim, imersos no solo para escapar do excesso de veículos da superfície, os trens adentraram o espaço subterrâneo. Essa modalidade de deslocamento coletiva da atualidade é uma excelente metáfora dos tempos em que vivemos. Ninguém olha para os lados, e o que importa é seguir. Deve-se caminhar ininterruptamente em frente, e não perder de vista o futuro, inalcançável. Andar até a exaustão. Seguir é o que importa, mesmo que não se saiba para onde se está indo ou qual caminho se tem percorrido. O tempo é o da velocidade, sossego e silêncio são apenas uma miragem distante. A vida é o borrão cinzento visível pelas janelas que ninguém se detém a olhar.

Acima de tudo e de todos, a celebrada razão onipotente e onipresente. Caprichosa, admira seu império. Orgulhosa, observa a humanidade seguindo sempre em frente sem contestar. Demora-se admirando suas façanhas: luz elétrica em todos os cantos faz tudo virar dia; automóveis a combustível fóssil transportam cargas e pessoas com rapidez; eletrodomésticos os mais variados dão conforto aos lares; pássaros de aço cortam os céus reduzindo assustadoramente as distâncias; máquinas as mais diversas potencializam a produção e tornam o humano mero acessório no processo industrial; foguetes levam pessoas ao espaço, de onde tudo é azul; as pessoas se conectam a centenas de milhares de quilômetros de distância através de um aparelho na palma da mão; as fronteiras não têm limites...

³⁴ MÃE, Valter Hugo - A desumanização. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014. p. 27.

Por outro lado, leve como uma risada infantil ou astuta como um nativo de faca nos dentes, a fabulação observa esse mesmo império. Em seu campo de visão crianças esqueléticas minguem sem pão, antas tristonhas observam seus filhotes brincarem em águas contaminadas por um rastro de destruição, cachoeiras choram as centenas de vidas asfixiadas em seu leito, as chaminés sopram sinistro vento chumbo para os céus, as árvores gigantes deitam solenes seus corpos inertes serrados ao toco pela mão do homem, grandes leitões agonizam exibindo sua pele rachada pela seca, baleias urram sob o golpe certo dos arpões, oceanos engasgam com objetos descartados a revelia, um homem aperta um botão e mata milhares de outros homens que dele discordam; apesar de falar uma mesma língua, ninguém toca o outro, um ruído envolve todas as coisas, a terra geme e não há quem escute...

E assim a dicotomia se espalhou com firmeza, ignorando os espaços do entre.

No entre, as folhas sussurram quando caem, os olhos enxergam a vida além das paredes cinzas, o tempo se sustenta numa nuvem de azul suave como a brisa, as palavras se dilatam como sambixugas gordas...

Peço licença para literaturalizar este estudo trazendo um fragmento de conto do escritor Guy de Maupassant, que serve para ilustrar nossas limitações materiais e suscitar outras possibilidades:

[...]

Eu vivia como todo mundo, contemplando a vida com os olhos abertos e cegos do homem, sem me espantar e sem compreender. Vivia como vivem os animais, como vivemos todos, executando as funções da existência, examinando e acreditando ver, acreditando saber, acreditando conhecer o que me cercava, quando, um dia, percebi que tudo é falso.

Foi uma frase de Montesquieu que, bruscamente, iluminou meu pensamento. Ei-la: “Um órgão mais ou a menos em nossa máquina teria feito de nós uma outra inteligência.

“... Enfim, todas as leis estabelecidas sobre o que é nossa máquina que de um certo modo seriam diferentes se nossa máquina não fosse dessa maneira”.

Refleti sobre isso durante meses e meses e, pouco a pouco, uma estranha clareza penetrou em mim.

Com efeito – nossos órgãos são os únicos intermediários entre o mundo exterior e nós. Quer dizer que o ser interior, que constitui o 'eu', encontra-se em contato, por meio de alguns filetes nervosos, com o ser exterior que constitui o mundo.

Ora, não só este mundo exterior nos escapa por suas proporções, sua duração, suas propriedades infinitas e impenetráveis, suas origens, seu porvir ou seus fins, suas formas longínquas e suas manifestações infinitas, como nossos órgãos só nos fornecem informações incertas e pouco numerosas sobre parte dele que nos é acessível.

Incertas, porque são apenas as propriedades de nossos órgãos que determinam para nós as propriedades aparentes da matéria.

Pouco numerosas, porque sendo nossos sentidos apenas em número de cinco, o campo de suas investigações e a natureza de suas revelações se acham muito restritas.

Explico-me. - O olho nos indica as dimensões, as formas e as cores. “Ele nos engana sobre esses três pontos”.

Só pode nos revelar objetos e seres de dimensão média, proporcionais ao talhe humano, que nos levou a aplicar a palavra grande a certas coisas e a palavra pequeno a outras, somente porque sua fraqueza não lhe permite conhecer o que é muito grande ou pequeno para ele. De onde resulta que ele não conhece e não vê quase nada, que o Universo quase todo lhe permanece oculto, a estrela que habita o espaço e o animalculo que habita a gota d'água.

Ainda que tivesse cem milhões de vezes a sua potência normal, se percebesse no ar que respiramos todas as espécies de seres invisíveis, como os habitantes dos planetas vizinhos, ainda existiriam um número infinito de raças de animais menores e de mundos tão longínquos que ele não os atingiria.

Portanto, todas as nossas ideias de proporção são falsas, já que não há limite possível, nem para a grandeza nem para a pequenez.

Nossa apreciação sobre as dimensões e as formas não têm nenhum valor absoluto, sendo determinada unicamente pela potência de um órgão e por uma comparação constante com nós mesmos.

Acrescentemos que o olho é, ainda, incapaz de ver o transparente. Um copo sem defeito o ilude. Ele o confunde com o ar que também não vê.

Passemos à cor.

A cor existe porque nosso olho é constituído de tal modo que transmite ao cérebro, sob forma de cor, as diversas maneiras como os corpos absorvem e decompõem, segundo sua constituição química, os raios luminosos que o atingem.

Todas as proporções dessa absorção e dessa decomposição constituem os matizes.

Este órgão, portanto, impõe ao espírito a sua maneira de ver, ou melhor, a sua forma arbitrária de constatar as dimensões e de apreciar as relações da luz e da matéria.

Examinemos o ouvido.

Mais ainda do que com o olho, nós somos as vítimas ingênuas deste órgão fantasista.

Dois corpos que se chocam produzem um certo tremor da atmosfera. Esse movimento faz vibrar em nossa orelha uma certa película que transforma imediatamente em ruído o que, na realidade, é apenas uma vibração.

A natureza é muda. Mas o tímpano possui a propriedade miraculosa de transmitir-nos sob a forma de sensações, e de sensações diferentes segundo o número de vibrações, todos os rumores das ondas invisíveis do espaço.

Esta metamorfose executada pelo nervo auditivo no curto trajeto do ouvido ao cérebro permitiu-nos criar uma arte estranha, a música, a mais poética e a mais precisa das artes, vaga como um sonho e exata como a álgebra.

E o que dizer do gosto e do cheiro? Conheceríamos os perfumes e as qualidades dos alimentos sem as estranhas propriedades do nosso nariz e do nosso paladar?

Entretanto, a humanidade poderia existir sem a audição, sem o paladar e sem o olfato, quer dizer, sem nenhuma noção do ruído, do sabor e do odor.

Se tivéssemos, portanto, alguns órgãos a menos, ignoraríamos coisas admiráveis e singulares, mas, se tivéssemos alguns órgãos a mais, descobriríamos em torno de nós uma infinidade de outras coisas de que nunca suspeitaremos por falta de meios de constatar-las.

Enganamo-nos, pois, julgando o Conhecido, e estamos cercados pelo Desconhecido inexplorado.

Logo, tudo é incerto e apreciável de maneiras diferentes.

Tudo é falso, tudo é possível, tudo é duvidoso. [...]³⁵

³⁵ Guy de Maupassant. "Carta de um louco". In: "Contos Fantásticos. O Horla & outros contos". 2008. p. 54-61.

Cerceados por nossas limitações materiais, não damos conta do tanto de coisas que acontecem nos intervalos, nas frestas, no entre, no fora. Mas o autor mesmo nos lembra: “Tudo é falso, tudo é possível, tudo é duvidoso!” Dá uma vontade de gritar: *Tudo é falso, tudo é possível, tudo é duvidoso!* Essas coisas que só a literatura faz com a gente. Ver as coisas de outro jeito. Talvez ver não seja a palavra certa, pois o nosso olho tão limitado sequer consegue ver as milhares de vidas que vivem em uma minúscula gota d’água! A literatura nos dota de um outro instrumento, que ultrapassa a ela mesma. Lembrando que os nossos órgãos estão restritos à percepção material das coisas, a literatura não só é fabulação, como nos põe a fabular, e nessa fissura onde a fabulação acontece “Tudo é falso, tudo é possível, tudo é duvidoso!”

A fabulação é a franja que se balança e espalha nossas certezas ao vento, nos tira os pés de sobre o chão para nos desterritorializar e nos (re)por no incessante movimento da vida ocupando as bordas, espaços fronteiros, desestabilizando verdades. Nesse movimento nossos olhos crescem para enxergar melhor, nosso nariz cresce para cheirar melhor, nossos ouvidos crescem para escutar melhor e nossa boca cresce para comer o bicho papão que nos faz acreditar que as coisas são impossíveis!

Enfim, o que é literatura?

Alguém disse que a literatura surgiu com a escrita. Essa pode ser a perspectiva de quem concebe a literatura como espaço canônico e elitista, que somente se encontra nas páginas de um livro estabelecido por algum grupo dominante como literário. Sim, porque há questões para que se considere um livro como literatura – ou não.

Eagleton (2006) faz um levantamento de como essa definição de literatura fora se modificando com o tempo, sendo considerada como ficção, ou como uma linguagem utilizada de forma peculiar, ou um texto escrito com o propósito literário e até mesmo o que o leitor considera que seja ou não literatura. Todas as perspectivas sequer esbarram em uma definição categórica do que seja literatura. E ele termina por afirmar que:

Se não é possível ver a literatura como uma categoria "objetiva", descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e

inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais (EAGLETON, 2006, p. 24).

Há muito deste estudo nesta fala de Eagleton, uma vez que de fato a literatura não existe como os insetos, ou seja, não surgiu na natureza na forma em que se apresenta, uma vez que seu princípio, qual seja, a função fabuladora, surge, como já vimos, no princípio da humanidade, juntamente com a inteligência, e logo é contaminada por ideologias, que se manifestavam na sobrevivência social e posteriormente no controle social exercido pela religião a que esta deu origem. No entanto, Eagleton fala da ciência literária, ou seja, Literatura, escrita com esse estatuto pelas iniciais maiúsculas. Mas a literatura não nasceu uma ciência. Aliás, a própria ciência não nasceu ciência. E gastaríamos precioso tempo ainda a discutir o que seria, também, ciência. E isto nos traz a uma definição bastante importante e esclarecedora acerca da literatura: ela é política. Desde sempre o foi.

A essa literatura Deleuze (2003) denomina como menor, pois diferente da grande literatura, em que o espaço do individual toma forma e compõe personagens papai-mamãe e espaços já existentes nos blocos imaginários das classes privilegiadas,

A literatura menor é completamente diferente: o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política. A questão individual, ampliada ao microscópio, torna-se muito mais necessária, indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior (DELEUZE, 2003, p. 39).

E a história que se agita nesse individual ampliado ao microscópio é delírio histórico-mundial, é devir inumano, coletivo, que arrasta e evoca uma raça bastarda de um povo que ainda há de vir. A literatura então acontece num exercício de despersonalização, singular, dissociada de um sujeito, porém de todos. “A universalidade da literatura está associada ao desaparecimento da primeira pessoa. O escritor é aquele que pertence ao exílio, não apenas por estar fora do mundo, mas por se colocar fora de si” (LEVY, 2011, p. 35). O mesmo afirma Deleuze (2011, p. 13):

[...] a literatura segue a via inversa, e só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um

ventre, uma criança... As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu.

E o autor continua dizendo que a literatura, mesmo partindo de agentes singulares, é sempre agenciamento coletivo de enunciação. “Enunciação coletiva de um povo menor, ou de todos os povos menores, que só encontram expressão no escritor e através dele” (2011, p. 13). Nessa mesma linha, Blanchot afirma o neutro, o outro, que é o estrangeiro, o que está fora, o ele que não sou eu e que funda a experiência literária.

Quando eu me dirijo ao Outro, respondo àquilo que não me fala de nenhum lugar, separado dele por uma cisão de tal ordem que ele não forma comigo nem uma dualidade nem uma unidade (...) entre o homem e o homem há o intervalo que não seria nem do ser nem do não ser, e que carrega a diferença da palavra, diferença que precede todo diferente e todo único (BLANCHOT, 1969, p. 99 Apud LEVY, 2011, p. 38).

Blanchot (1997) defende que a literatura faz com que a linguagem deixe de ser um instrumento de denominação do mundo exterior para criar o seu próprio mundo, a sua realidade. E nisto constitui o seu poder. A linguagem de ficção coloca o leitor com o fora do mundo e, por isso mesmo, o faz refletir sobre a realidade dada. Levy, explicando essa teoria de Blanchot, esclarece que “Enquanto a linguagem comum procura, a partir de um sentido abstrato, nos dar as coisas concretas, a linguagem literária cria um mundo próprio de coisas concretas e, exatamente por isso, não remete a algo exterior a ela. Sua realização só é possível em si mesma” (2011, p. 16). Tal afirmativa vai ao encontro da posição de Deleuze (1995) quando diz que um livro não pode distanciar-se do que diz. E também ao conceito político de fabulação deleuziano, em que a potência do falso destitui as verdades dominantes, ou seja, o mundo dado, em favor de um mundo novo, inventado. A fabulação embaralha as fronteiras da ficção, ameaça as verdades dadas, abre espaço para a invenção. Assim também em Blanchot (1997), o pensamento do neutro é uma ameaça para o pensamento, pois que nos instala na zona do desconhecido, em que o que já está dado não tem valor.

A literatura então é declarada por Deleuze (2013) como uma máquina de guerra, porque tem a capacidade de destruir as verdades dominantes ou os centros de poder de uma língua na medida em que a desterritorializa.

A metamorfose é o contrário da metáfora. Já não há sentido próprio nem figurado, mas uma distribuição de estados no leque da palavra. A coisa ou as outras coisas são apenas intensidades percorridas pelos sons ou pelas palavras desterritorializadas conforme as suas linhas de fuga. Não se trata de uma semelhança entre o comportamento de um animal e o do homem; e muito menos de um jogo de palavras. Já não há homem nem animal, visto que cada um desterritorializa o outro, numa conjugação de fluxos, num *continuum* reversível de intensidades (DELEUZE, 2003, p. 47).

Ela se encarrega de uma função revolucionária, que produz uma solidariedade ativa, forjando uma enunciação coletiva e, “[...] se o escritor está à margem ou à distância da sua frágil comunidade, a situação coloca-o mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade” (DELEUZE, 2003, p. 40). Assim o escritor funciona como *agente coletivo de enunciação* e, através da função fabuladora, entra em devir comunitário, não de um povo chamado a dominar a mundo, mas “[...] um povo menor, eternamente menor, tomado num devir-revolucionário” (DELEUZE, 2011, p. 15).

Retornando à questão inicial, se a literatura surgisse apenas com a escrita, o que seriam todas as histórias e narrativas contadas de pais para filhos, de tribo em tribo, desde os primórdios da humanidade? Se a literatura tem um princípio, poderíamos suscitá-lo na linguagem, pois assim que o homem se pôs a falar uma língua, logo surgiram as histórias para explicar o os fenômenos naturais, para contar as histórias do dia a dia, para ensinar as técnicas aprendidas, para acalmar das aflições... A arte de narrar existe desde os primórdios. O que teríamos para reforçar o argumento de que a literatura é apenas escrita? As narrativas Homéricas, que surgiram como cantos, para serem mais facilmente decoradas e declamadas de geração em geração? E antes delas, as histórias míticas que explicavam o Universo? Será que alguma mãe contava histórias de ninar para seus filhos antes de surgirem os mitos? Será que algum pai contava a história de seus pais diante de alguma fogueira em noites de luar antes de organizarem os códigos religiosos? Recorrendo a Antonio Candido, veremos que as atividades artísticas remontam tempos remotos:

As características da arte paleolítica tendem a provar que, sejam quais forem as utilizações comunitárias ou práticas da arte primitiva, ela dependia do exercício do talento individual. (...) Devemos pôr de lado a ideia que as pinturas foram produto casual do lazer forçado de uma tribo de caçadores, ou

mesmo subprodutos de cultos mágicos. Elas estavam sem dúvida associadas a tais atividades, mas o pressuposto da sua produção foi a existência de raros indivíduos dotados de sensibilidade e habilidade expressiva excepcionais (CÂNDIDO, 2006, p. 36).

É certo que a fala de Candido neste fragmento não afirma a presença da literatura no período paleolítico, e sim das artes de um modo geral. Mas não seria a arte rupestre uma narrativa das caças e dos acontecimentos cotidianos a fim de serem repassados para a posteridade antes do surgimento da escrita? Não seriam elas a manifestação de uma arte de narrar? Recorro então a Cândido, mais uma vez, para mais uma definição de literatura.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Vista desse modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém pode passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (CÂNDIDO, 1995, p. 178).

Com esta afirmativa, o autor confirma a literatura como manifestação humana de todos os homens em todos os tempos, alargando declaradamente suas fronteiras - defendidas por aqueles que desejam capturá-la. Ele também a liga de forma clara à fabulação, e afirma que ninguém pode passar um dia sem fabular. Sendo a fabulação, como definido por Bergson, uma função humana necessária à existência, ele utiliza deste argumento para defendê-la, ainda, como um direito humano. Para entrelaçar com laços mais apertados ainda esta necessidade humana, que seria a fabulação como uma função, e, portanto, necessária à vida, Bergson (1978, p. 161), ao relacioná-la com a literatura e seu poder como em “Há coisa mais espantosa que ver espectadores chorar no teatro?”, o próprio se assusta com o fato de nunca haverem se debruçado sobre ela e pergunta:

Como é possível que os psicólogos não se tenham impressionado com isso que tal faculdade tem de misterioso? Replicar-se-á que todas as nossas faculdades são misteriosas, no sentido de que não conhecemos o mecanismo interior de

qualquer delas. Sem dúvida; mas se no caso não se trata de uma reconstrução mecânica, temos o direito de exigir uma explicação psicológica. E a explicação é em psicologia o que é em biologia, ter-se-á explicado uma função quando e por que ela é necessária à vida (BERGSON, 1978, p. 162).

Ao que ele mesmo formula a resposta e estabelece de vez a fabulação como uma faculdade humana:

Ora, não é certamente necessário que haja romancistas e dramaturgos; a faculdade de fabulação em geral não responde a uma exigência vital. Mas suponhamos que numa questão particular, empregada a certo objeto, essa função seja indispensável à existência de indivíduos como à de sociedades: conceberemos sem dificuldade que, destinada a esse trabalho, para o qual é necessária, a utilizemos em seguida, dado que ela continua presente, puramente lúdica. De fato, passamos sem dificuldade do romance de hoje a contos mais ou menos antigos, às lendas, ao folclore, e do folclore à mitologia, que não é a mesma coisa, mas que se constituiu do mesmo modo; a mitologia, por sua vez, apenas desenvolve em história a personalidade dos deuses, e essa última criação não passada extensão de uma outra, mais simples, e das "potências semipessoais" ou "presenças eficazes", que estão, segundo cremos, na origem da religião. Aqui tocamos no que mostráramos ser uma exigência fundamental da vida: essa exigência fez surgir a faculdade de fabulação; a função fabuladora deduz-se assim das condições de existência da espécie humana (BERGSON, 1978, p. 162).

Bergson (1978) insere mais fundo a fabulação como uma necessidade humana, visto que a estabelece como uma condição explícita para que a espécie humana exista. Além disto, ele ressalta a função fabuladora como princípio mesmo da literatura, quando retoma das formas literárias hoje reconhecidas, como o romance, as lendas, o folclore, à mitologia e, simplesmente, às histórias primitivas “cujos personagens narramos a nós mesmos” (p. 161), protegendo-nos dos perigos incompreensíveis ou explicando os fatos distantes da compreensão científica de determinada época.

E assim os autores não deixam restar dúvidas de que a fabulação é uma faculdade humana e, por isso, a literatura, que nasceu dessa função, é um direito humano inalienável.

A literatura e os direitos humanos

Para defender a literatura como um direito humano, o crítico literário Antonio Candido (1995), começa por situar o que seja um direito e as condições para que ele exista. Para ele somos vítimas de uma distorção, pois nem sempre o que consideramos um direito para nós, parece-nos indispensável para o próximo e este é o cerne da reflexão sobre os direitos humanos:

Elas [as pessoas] afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? [...] Ora, o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos (CANDIDO, 1995, p. 172).

Para ele, um direito humano precisa ser um bem incompreensível³⁶, ou seja, que não pode ser negado a ninguém. Mas a concepção do que seja incompreensível pode variar de acordo com a cultura ou com uma época, e é importante lembrar que esses bens incompreensíveis a que todos devem ter direito não deve ater-se apenas à garantia da sobrevivência física, mas devem contemplar também o lazer, a opinião, a arte e a literatura. Cândido (1995) acreditava que vivíamos uma época favorável à construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pois “[...] somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que geram a injustiça contra a qual lutam os homens de boa vontade” (p. 170). Mas à época em que escrevia, ele suspeitava que a barbárie não mais era vista como um elogio, “como se todos soubessem que ela é algo a ser ocultado e não proclamado” (p. 170). Atualmente, a barbárie arranca seus disfarces sob a luz do sol e anda despudorada por toda parte, braços dados a todo tipo de pessoas, sobretudo as que ocupam os cargos mais importantes no país. Por isso torna-se ainda mais necessário refletir sobre a fragilidade do termo “direitos humanos”, e até mesmo de nossa noção de “humanidade”.

Em vários pontos de seu texto, Candido (1995) refere-se à literatura como importante fator de humanização, entendendo-a como um “processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos como essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a

³⁶ O padre dominicano Louis-Joseph Lebret distinguiu os bens em incompreensíveis (alimento, moradia, vestimenta) e incompreensíveis, ou supérfluos (cosméticos, enfeites).

boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar os problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (p. 180). E acrescenta: “A literatura desenvolve em nós a nossa quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p. 180). O autor, de maneira bem otimista e baseando-se na ideia de avanço da técnica, faz um discurso mostrando que o mal, no sentido de defesa das injustiças sociais, não é mais proclamado em virtude dos grandes recursos disponíveis atualmente e proporcionados pelo desenvolvimento científico. Mas as décadas recentes o surpreenderiam, pois hoje já não há o mesmo vexame que ele aponta em relação à crítica ao direito dos mais pobres. No entanto, poderíamos dizer que a sociedade atual está ainda menos propensa a considerar o outro como humano, visto que um pressuposto na discussão acerca dos direitos humanos é “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo”. E averiguarmos facilmente o quanto esta afirmativa se distancia da realidade atual. E para o autor, esse exercício de deslocamento é fundamental. Mesmo carregado de imensa boa vontade e com a melhor das intenções, o autor reforça o foco em um projeto de educação ideal como aquele que permitisse às camadas populares a benesse de serem embebidos pela supostamente maravilhosa e incomparável cultura que, se não geograficamente, é ao menos de origem europeia. Temos, portanto, de um lado a alta cultura dos povos ditos civilizados e do outro a massa inculta, que precisam transcender através dos romances clássicos. É verdade que atualmente atingimos um grau elevado de racionalidade, evoluímos muito comparado a eras passadas, temos a oportunidade de resolver problemas sociais, já que a tecnologia está tão avançada, porém, em contrapartida, temos a possibilidade de destruir vidas. Quanto mais evoluímos e crescemos, mais aumenta a desigualdade social. O que podemos constatar é que o mal do ser humano, desde sempre, é o egoísmo que se eleva diante de uma racionalidade pura, sem os “enganos” criados pela função fabuladora para manter a coesão social e, conseqüentemente, a vida humana, que só existe no social. A advertência vem de longe, desde Bergson, de que o homem, dotado de inteligência e deixado à própria sorte, descambaria para o egoísmo.

Necessário se faz, então, trazer de volta Deleuze (2011) e sua fabulação, pois ele afirma que não há literatura sem fabulação e “compete à função fabuladora inventar um povo” (p. 14). No caso esse povo revolucionário que lute contra

[...] o risco constante de que um delírio de dominação se misture ao delírio bastardo e arraste a literatura em direção a um fascismo larvado, a uma doença contra qual ela luta para diagnosticá-la em si mesma e para lutar contra si mesma. Fim último da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida. Escrever por esse povo que falta... (DELEUZE, 2011, p. 15-16)

A cada dia faz-se mais urgente uma revolução, e nunca foi tão necessário inventar esse povo que precisa vir nos libertar das formas de barbárie em que vivemos. E por isso faço coro à voz do Mestre Paulo Freire:

Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da ‘justa ira’ dos traídos e dos enganados. Do seu direito e do seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas de que são vítimas cada vez mais sofridas (FREIRE, 1987 p. 113-14).

Não defendo, portanto, um direito humano falacioso que concebe, por ideologia e em consonância com as vozes dominantes, a igualdade de todos os seres, ignorando as multiplicidades, as variações infinitas que se encontram no entre que, inclusive, tem sido abertamente defendido neste estudo. Buscamos uma ética fundamentada no respeito às diferenças, colocando-se em convivência ético-estética e não em isolamento em guetos multiculturais, mas enfrentamento dos desafios da diversidade como potência. O direito humano que proclamo passa invariavelmente por uma religação homem-natureza, que está no cerne da existência humana e que pode ser revisto através do encontro efetivo do humano com seu instrumento, numa experiência de devir. Essa literatura que se faz nesse intervalo atemporal, que inventa o povo que há de vir porque desconhece as representações já prontas, e porque não opera na reconhecimento, projeta no real o impossível. É essa a revolução que este estudo reivindica.

No entanto, quando falamos em direitos humanos, somos arremetidos, invariavelmente, à Declaração Universal dos Direitos Humanos, elaborada em 1948 e que certamente foi um passo necessário e profícuo na contenção da barbárie em sua época. De lá pra cá, a tentativa de fazer valer esta declaração esbarra constantemente nos interesses dominantes, que, através da objetificação do mundo, se eximem de responsabilidades diante dos abismos insuportáveis que assolam a humanidade por toda parte do planeta. Na tentativa

de defender a todos, a Declaração Universal dos Direitos Humanos considera a humanidade em sua igualdade, com os mesmos direitos, a partir de seu artigo 1º: “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” Assim, a referida declaração em seu nascedouro exclui as multiplicidades próprias da vida, considerando que todos nascem iguais. O caráter político e revolucionário fica suprimido, pois suprimida está a alteridade do indivíduo e sua complexidade. Sem alongar essa discussão, fica evidente que a questão dos direitos humanos a partir da declaração que a subsidia não atende às demandas da vida, e tão pouco este estudo, que denuncia, inversamente, uma supremacia da razão que tem encontrado justificativas racionais para desvios éticos gravíssimos.

Assim, quando Cândido (1996), defende a literatura como um direito humano, é preciso reconhecer sua ousadia e sua posição revolucionária, mas por outro lado, é necessário esclarecer que essa defesa esbarra em importantes limitações que não dão conta do que ele gostaria quando a propôs, que seria favorecer o processo de humanização das pessoas. Isto porque tal proposta também ignora as singularidades, a alteridade, a diferença. E, a partir dos estudos em Bergson e Deleuze, encontramos a fabulação não como algo preso nos livros literários, nem tão pouco um fortuito devaneio, mas uma engrenagem sofisticada e inata que é capaz de enganar a razão pura e inserir no esquema de repetição e materialidade da inteligência, o virtual e a diferença que têm sido tão esquecidos e descartados.

A questão dos direitos humanos está diretamente ligada à dignidade humana, e ao compromisso e responsabilidade coletivos de garanti-la. Assim, são criados dispositivos, leis e ações que lutem contra a perda da dignidade por parte da humanidade excluída dos direitos básicos de sobrevivência, cuja dignidade é violada como pessoa humana. Este estudo, como já dito, tem como vertente a possibilidade de religação humano-natureza através da fusão entre ele e o seu instrumento, quando ambos se tornam máquina de guerra. Através da fabulação, o interstício temporal pendente entre o humano e o objeto inorgânico é aberto ao acontecimento que faz inventar o povo que há de fundar o mundo que há de vir. Desta forma, a luta por direitos não deve considerar o humano distintamente da natureza, quando ambos são apenas um, múltiplos, diversos, singulares, e este estudo, então, apontaria melhor para a Carta da Terra, que contempla a Terra e todos os seres vivos como merecedores de garantias éticas – apesar de a mesma ainda apegar-se aos valores e diretrizes humanos, sem considerar os devires e multiplicidades a que estes estão expostos. Não é à toa que Deleuze (2013) no aconselha a um devir inumano, pois assim podemos imergir nessa experiência

atemporal que se dá no não saber, no não conhecer que faz surgir o novo... “Por que não teria direito de falar da medicina sem ser médico, já que falo dela como um cão?” (DELEUZE, 2013, p. 21).

Cândido (1996) propôs a literatura como um direito humano inalienável, e para isso utilizou a fabulação como garantia. Todavia, se a fabulação é intrínseca à natureza humana, ela ultrapassa essa condição de direitos defendidos por alguns que precisam lutar para garanti-los, pois como função iminentemente humana, ela é o próprio instrumento de luta, máquina de guerra (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

ESCOLA E VIDA

*Todos os dias, toda manhã
Sorriso aberto e roupa nova
Passarin' preto de terno branco
Pinduca vai esperar o trem*

*Todos os dias, toda manhã
Ele sozinho na plataforma
Ouve o apito, sente a fumaça
E vê chegar o amigo trem*

*Que acontece que nunca parou
Nessa cidade de fim de mundo
E quem viaja pra capital
Não tem olhar para o braço que acenou*

*O gesto humano ficou no ar
O abandono fica maior
E lá na curva desaparece a sua fé*

*Homem que é homem não perde a esperança, não
Ele vai parar
Quem é teimoso não sonha outro sonho, não
Qualquer dia ele para*

*Assim pinduca toda manhã
Sorriso aberto e roupa nova
Passarin' preto de terno branco
Vai renovar a sua fé*

*Homem que é homem não perde a esperança, não
Ele vai parar
Quem é teimoso não sonha outro sonho, não
Qualquer dia ele para*

*Assim pinduca toda manhã
Sorriso aberto e roupa nova
Passarin' preto de terno branco
Vai renovar a sua fé.*

(Milton Nascimento / Fernando Brant)³⁷

³⁷ Nascimento, Milton. Roupas Novas. In: Sentinela. Álbum idealizado e dirigido por Milton Nascimento. Produzido por Mazzola, 1980.

UM TREM QUE NUNCA PARA, MAS TÁ SEMPRE PARADO: A ESCOLA

*Para atingir sua expressão fontana
Miró precisava de esquecer os traços e as doutrinas
que aprendera nos livros.
Desejava atingir a pureza de não saber mais nada.
Fazia um ritual para atingir essa pureza: ia ao fundo
do quintal à busca de uma árvore.
E ali, ao pé da árvore, enterrava de vez tudo aquilo
que havia aprendido nos livros.
Depois depositava sobre o enterro uma nobre
mijada florestal.
Sobre o enterro nasciam borboletas, restos de
insetos, cascas de cigarra etc.
A partir dos restos Miró iniciava a sua engenharia
de cores.
Muitas vezes chegava a iluminuras a partir de um
dejeito de mosca deixado na tela.
Sua expressão fontana se iniciava naquela mancha
escura.
O escuro o iluminava.
(Manoel de Barros³⁸)*

O braço estendido no vazio empoeirado exhibe em forma de graveto ressequido o abandono à fome, à miséria, à própria vida. O trem ruidoso avança à frente de seus olhos minúsculos e assustados, que piscam sucessivamente para proteger dos resquícios de pó levantados pelo veículo em velocidade intermitente, enquanto lentamente pingam gota a gota a desesperança dos esquecidos. Os lábios cerrados demonstram o temor e a desistência dos que nunca são ouvidos. As palavras desistiram de seus gritos vãos. E nem gemidos pronunciam mais. O ruído desastroso da pesada máquina sobre os dormentes impassíveis, ali fincados a sangue por tantos outros esquecidos e sem voz, se espalha ao redor, emudece pássaros, cães e todas as vozes que ainda teimam falar. Impassível a essa realidade, segue célere em direção a um futuro que não é pensado nem construído para os que estão do lado de fora. Lá dentro, assentada em sua maravilhosa máquina revolucionária que corre sobre trilhos pré-fixados e realizam suas ideias que desconsideram os corpos, sobretudo os corpos

³⁸ Barros, Manoel de. Poesia Completa. 2010. p. 385.

do outro, a razão ignora o minúsculo braço em riste clamando por assento em sua engenhosidade. Assim como ela, todos os detentores das técnicas se movimentam nos vagões e, vez ou outra, olham distraidamente pelas janelas e observam as paisagens e suas cenas que nada têm a lhe dizer, do lado de fora estão somente as coisas. Prestáveis apenas quando lhes convém, inexistentes no restante do tempo.

Mas o trem segue. E rasga a natureza, fatia seu dorso sofrido ignorando por completo toda vida que se enlaça às demais vidas do planeta e, juntas, garantem o ciclo vital de cada uma. Ele finca seu futuro sobre a terra ressequida - que arreganha os dentes em desespero - e ignora seus filhos e seus frutos, arranca impiedosamente de seu ventre as raízes profundas dos seres amorosos que doam ar, sombra, frutos e vida indistintamente. Em seu rastro sobram destruição e morte. Crateras devoradoras que, em nome do progresso, nos roubam as sombras generosas e nos expõe sem tréguas ao sol escaldante, luz interminável que impede ver.

Na esteira do progresso, nos trilhos desse trem desenfreado da modernidade, quantos ficam à beira do caminho? O que a educação faz ou poderia fazer para que os braços estendidos à beira caminho tenham assento no trem? Ou melhor, é preciso seguir esse trem? Quais propostas ele carrega que poderiam promover o enlace entre todos os seres humanos e destes com os demais seres que nos rodeiam? Estamos dentro ou fora do trem? E o que é possível fazer de onde estamos?

É preciso reconhecer que a escola, espaço instituído de instrução, é um vagão importante desse trem. É ela quem coloca sobre nossa natureza, há anos, o pó civilizatório que nos disfarça em seres superiores aos demais e, portanto, detentores da ação sobre eles em benefício próprio. Enquanto máquina de estado, como postulou Gilles Deleuze, a escola é o instrumento de disseminação das ideologias dominantes, forjando em seu cotidiano cúmplices de um sistema que deixa pelo caminho milhares de famintos de braços estendidos ao vento. Estar ou não no trem nem sempre é questão de opção, pois que este é também uma máquina desse tempo linear e impositivo que nos coopta mais sutilmente do que a pesada máquina encarrilada. Mas seja de onde estivermos, é possível e é preciso fazer resistência.

Sabemos que em dias de calor escaldante, em que o sol nos atinge sem piedade, a natureza vigia. E em sua sabedoria, o calor recolhe no espaço o vapor de água que formará densas nuvens e em seguida descera sobre nós a refrescante e alvissareira chuva que nos aliviará fortalecendo a natureza inteira para seguir o seu ciclo vital. Entendo que neste momento em que vivemos o sol já sapecou nossa pele, muitos olhos já se cegaram diante de

tanto ver, a terra e toda natureza ressequidas sentem a impiedade e a impossibilidade de tanta luz. Enquanto nos refugiamos nas amorosas sombras dos pensamentos furtivos, nas possibilidades infinitas de devir, na contramão dessa colonização pela luz, avoluma-se no universo os vapores de nossa resistência, para que, em breve, uma chuva de calmaria renove os ciclos e retomem a paz e o amor entre todos os seres.

Descarrilar a Escola e Vagão

Nas palavras de Skliar (2003, p. 45) “a escola é uma invenção e um produto daquilo que denominamos como modernidade”. Nela, o projeto de modernidade se consolida através da massificação e da universalização. A idealização do trabalho em série que resultava em produtividade fora estendida à escola, que passou a atuar de acordo com as normas do mercado, portanto hegemônicas e excluindo tudo aquilo que esteja fora do padrão (re)produtivo. Gallo, (2007, p. 289) (d)enuncia que

A educação, sobretudo a escolarizada, investe numa serialização, para usar um conceito sartriano, isto é, em um processo de subjetivação em série, reproduzindo-se a si mesma, como que circo-circuitando o movimento, fazendo com que ele se tome um eterno retorno ao mesmo.

Essa ideologia de massificação, ou seja, estender a educação, antes privilégio das elites, a todos indistintamente, parece uma tentativa de inclusão das classes mais pobres aos níveis educacionais dos privilegiados. No entanto, o que acontece é uma decadência do ensino, balizado por baixo, que continua a favorecer as elites através de um currículo que privilegia o mundo letrado e desconsidera os que nunca fizeram parte dele, produzindo sempre epistemicídios; esses, portanto, chegam à escola em evidente desvantagem quanto aos demais. Essa é a outra ponta do projeto de educação da modernidade, a universalização, ou seja, o ensino das mesmas coisas do mesmo modo a todos.

Escola-vagão perfeitamente encarrilhado que acompanha sinuosamente a locomotiva do progresso e acolhe em seu recinto a senhora razão, desprovida de suas partes sombrias por onde se pode escapar do controle. Nessa escola organizada para atender a todos com os mesmos aparatos, a esconder ou expulsar os desvios, o tempo e o espaço são esquadrihados em linhas retas bem esticadas e riscadas de modo a se fincarem estrias e impedir o traço inseguro e trêmulo das linhas de fuga. Mas somos nós, educadores, também atores dessa

peça, passageiros desse vagão, e, portanto, responsáveis por olhar pelas janelas, desmanchar as linhas duras, acolher e encantar a diferença, cantar um hino em seu louvor cuja sonoridade abafe o barulho estridente dos trilhos sendo esmagados pelas pesadas engrenagens da imobilidade.

Na contramão do sistema, esse trem encarrilado, seguem os passageiros, a subir e descer dos vagões, trocar as posições, mudar de lugar, provocar interrupções, movimentar sucessivamente o já posto e já dado. Resistência à imobilidade, às portas fechadas. Movimentos que são em si resistência ao dado. Mas resistir apenas seria suficiente? Que tipo de resistência estamos fazendo enquanto educadores? Inventamos novos fluxos ou repetimos antigos padrões? Provocamos o pensamento ou depositamos informações? Sim, resistimos nas brechas, nas frestas, sob a pressão dos trilhos, em revoluções moleculares... Porém, a escola segue seu curso norteador, o que não impede que as linhas de fuga sejam traçadas perambulando as bordas dos territórios que não são topográficos, mas semióticos (KASTRUP, 2001) e, portanto, encharcados de discursos. Nesta luta-resistência-opressão, o sentido da palavra escola foi capturado e transformado em poderosa máquina-de-estado. “Poderosa máquina de subjetivação” (GALLO, 2017, p. 291). Mas em seu sentido original, a palavra que a nomeia evoca a liberdade:

Escola. Do grego skholé, literalmente “tempo livre”, traduzido para o latim como otium, “ocio”. O termo latino schola designa o lugar ou o estabelecimento público destinado ao ensino. Poderíamos dizer que a palavra escola remete, fundamentalmente, ao tempo (livre) e ao espaço (público) dedicado ao estudo.

No espaço estriado em os trilhos são fincados, mais uma vez, o sentido da palavra fora violentado para que o tempo livre seja surrupiado. Os alunos têm o tempo fatiado e destinado a funções predeterminadas. O currículo determina os conteúdos a serem “aprendidos”. Os livros didáticos se incumbem de uniformizar o método de ensino. Nesse processo, alunos e professores são meros expectadores, atores passivos de uma encenação que se dá em si mesma. O projeto moderno se apropria das potências da vida para cerceá-las, e, assim, manter sob controle as forças que nos habitam. Assim ele também faz com as palavras, esvaziando-as de sentido e enchendo-as de outros sentidos e preconceitos. O ócio, por exemplo, tornou-se expressão de preguiça, opção dos que não querem fazer funcionar a máquina de produção, portanto, não é aceito pelo sistema que precisa de força de trabalho sem fim. Mas o ócio de que carece uma reinvenção da escola é condição para o devir, a

criação e a invenção, logo inimigos da escola apropriada pelo projeto de modernidade, em que a repetição e a universalização são as peças centrais. Portanto, cabe aos atores desse espaço “rachar as palavras, rachar as coisas” (DELEUZE, 2013), como se propõe a fazer a pequena Maiara que se levanta em busca da palavra que poderia trazer essa possibilidade à vida.

A procura da pequena Maiara

O dia se levantava vestido em laranja e auroras quando a pequena Maiara desceu de sua rede. Seus pezinhos miúdos tocaram a terra batida do chão e uma brisa matinal balançou de leve seus cabelos negros. Os olhinhos puxados piscaram várias vezes para espantar o sono e depois se esticaram por toda beleza que se mostrava em muitos tons entre o vermelho e o amarelo na luminosidade que vinha de fora. Quando saiu, pode ver que um azul infinito que se estendia ao alto para todos os lados, brilhante de luz. Ela sorriu e se lembrou de que precisava procurar a palavra em meio a tantas palavras. Ela estava por ali, era conhecida de seus antepassados e morava com eles na aldeia. Mas ela precisa rachar a palavra. Então saiu a procurar onde os homens brancos a teriam guardado.

Colheu a alegria do dia e espalhou em cores no seu rosto. O som das voltas de seu colar de sementes e fios de palha soavam como trilha sonora para sua animada aventura. Enquanto os pés descalços descobriam o caminho entre folhas e galhos umedecidos pela aurora, ela encontrava com os olhos miúdos a beleza dos pássaros assustados com a presença inesperada. Maiara era destemida e possuía a determinação própria da infância, ávida por descobertas.

Logo ela avistou uma ampla planície repleta de flores de muitas cores. Era um espetáculo da vida. Por ali deveria encontrar a palavra, não tinha dúvidas. Mas logo deparou-se com homens e mulheres com roupas esquisitas e sua voz de canto lançou a pergunta:

_ Por que se vestem assim?

_ Para nos proteger dos raios de sol. Ficamos aqui durante todo o dia colhendo as flores que serão vendidas para as pessoas na cidade. – respondeu uma moça com um sorriso que não se conteve diante daquela impetuosidade infantil.

E então Maiara entendeu que a palavra não estava mais ali... Não era preciso procurar apenas por beleza para encontrá-la. Pelo visto, os homens a tiraram da beleza também.

Com confiança infantil, ela seguiu aproveitando a brisa, as sombras, os pássaros, as nuvens, o caminho, a terra fofa, o som de seu coração... A sensação de prazer fez sair de seus lábios uma música, e pareciam sininhos a dobrar em festa.

Um pouco mais à frente ela parou e não pode conter a alegria. Um sorriso se abriu com toda força, esticando os grossos lábios de um canto a outro da face e fazendo cintilar os brancos dentes à mostra. Crianças!! Os olhinhos acenderam mil luzinhas cintilantes de alegria. Agora sim, com certeza ela encontraria a palavra! Correu afobada e quase caiu no caminho, tamanha a euforia.

Parou chocada diante da cena encontrada: as crianças sentadas cada uma em sua cadeira tinham uma mesa à frente e silenciosamente copiavam em uma folha de papel algo que um adulto escrevia freneticamente em uma parede pintada de negro. Lágrimas escorreram por seu rostinho redondo, carregaram as tintas do dia, pingaram no queixo e se penduraram no colar de sementes, silenciosas. Nem mesmo o colar alegre conseguiu aplacar a tristeza que invadiu Maiara.

Ela pensou em desistir, se os homens haviam também capturado a palavra das crianças, talvez a palavra não mais existisse...

Cabisbaixa, seguiu um caminho sem direção, sem riso, sem alegria. Apenas seguiu, deixando-se guiar pela tristeza que a invadia. Assim, de passos incertos regados por lágrimas, ela se cansou. Afinal, percebia que a cada passo, na verdade, mais se distanciava da palavra. Talvez fosse melhor apanhar aquela da aldeia, mas a pergunta não a deixou quieta: o homem branco também acolhia essa palavra?

Foi nesse momento que ela avistou um castelo. Alto, imponente, muros enormes, uma fortaleza. Em todo o redor guardas com armas perigosas que faziam buracos nas pessoas estavam em posição de alerta. O que haveria lá dentro? A pergunta a cutucou. E perguntas cutucam as crianças sem parar! Não dão sossego! E continuou cutucando. De cutucão em cutucão, Maiara entrou. Pimba! Ali, estava ela, ao lado da palavra. Assustada, ela percebeu que os homens prenderam a palavra em uma redoma de vidro onde ela descansava tranquila em uma rede. Deu uma olhadinha ao redor e percebeu grandes homens em roupas de generais, mulheres em trajes esvoaçantes, reis, rainhas, imperadores, empresários de sucesso e até o heroico Ulisses que se amarrara ao mastro para sobreviver ao canto das sereias, todos eram cúmplices nessa tirania de sequestrar a palavra e fazê-la desaparecer da vida dos outros. Na verdade, sabendo do poder dessa palavra, eles a desejaram tanto que também não a possuíram. Astuta, Maiara percebeu que outra palavra é usada por toda parte para isolar ao máximo a palavra que ela procura: poder. O poder é usado com o objetivo de sequestrar a palavra procurada e deitá-la na rede, ao acesso restrito apenas dos escolhidos, que por tê-las capturado apenas a usufruem parcialmente.

Maiara olha a palavra ali tão inacessível, sem brilho, quase desaparecendo e pensa em toda potência que ela tem em sua aldeia. Lá ela é liberdade, criatividade. É a vida. É ela que os torna quem se é. E tem pena dos homens que não podem conhecê-la. Então ela tece uma rede com os fios de seus cabelos e se deita ao lado dela. Compartilha, enquanto pensa em como rachar a palavra, agora que a encontrou. Não trouxera sua machadinha, nem uma flecha. Somente o desejo de potência de sua infância. É lógico que trouxera os próprios dentes, e pode rasgá-la a dentadas. E isso seria bem a sua potência de infância! Mas a rede em seu doce balançar deixa que Maiara ouça a chavinha mansa que cai lá fora. Admirada, ela percebe que, de uma fresta no teto, cai gota e mais gota sobre a palavra deitada em sua rede. Plim-plim-plim. E então ela se dá conta de que nem sempre as palavras se racham de uma pancada só. Enquanto as gotas pingam sistematicamente, é

possível perceber que a Vida surge pelas pequeninas fissuras e aos poucos forma a palavra, reacendendo-a: Ó-C-I-O. Pacientemente ela pensa que talvez a infância não seja apenas o ímpeto e a coragem, mas também a paciência e perseverança. E talvez não seja à toa que se chame Maiara³⁹. A anciã também mora nela. Então ela espera a palavra acordar. Nesse devir, ela forja a potência de um mundo outro⁴⁰.

Resgatar o ócio na escola é condição para a fruição literária (Cândido 1995), para o devaneio (Bachelard, 1988) e para a fabulação (Bergson, 1988; Deleuze, 2011, 2012, 2013, 2018), urgências pedagógicas, filosóficas e éticas para o resgate do enlace homem-mundo e invenção de um povo revolucionário que há de vir inventar outras possibilidades de vida.

Os trilhos e o percurso

Essa escola-vagão se movimenta sobre trilhos rígidos e frios, cuja massa é forjada pelas ideias dominantes para exercer o domínio sobre o homem, a natureza, a vida. Controle dos corpos, controle dos desejos, controle dos possíveis.

Segundo Kastrup (2001, 2007), Pimentel (2010) e Levy (2011), Deleuze defende a superioridade do signo da arte sobre os demais, uma vez que ele nos força a pensar. O que fez Deleuze ao inserir o tempo na fabulação bergsoniana, e dar-lhe aporte político, também elevou os signos da arte à uma condição de superioridade quanto aos demais (PIMENTEL, 2010). E o que torna os signos da arte privilegiados sobre os demais é a sua imaterialidade. “Nisto consiste a superioridade da obra de arte sobre a vida: todos os outros signos que encontramos na vida ainda são signos materiais e seu sentido, estando sempre em outra coisa, não é completamente imaterial” (DELEUZE, 2022, p. 41). Sendo imaterial, ele revela em si mesmo a sua essência, nada exterior a si é revelado. É a partir do signo da arte que a fusão entre o humano e seu instrumento artístico se faz, pois nele não há distinção entre signo e sentido. Instrumento inorgânico que faz ver o que não vemos com nossos órgãos e sentidos, a experiência do tempo puro, em que passado, presente e futuro se confundem e se anulam abrindo espaço para a invenção, a possibilidade do novo. E se “[...]o objeto de um aprendizado são os signos” (KASTRUP, 2001, p. 20), concordo com Deleuze de que “a arte é o destino inconsciente de todo aprendiz.” Logo, a arte, a literatura, devem perpassar a o cotidiano da escola.

³⁹ Maiara – nome próprio de origem tupi-guarani que significa a sábia, anciã, bisavó.

⁴⁰ Exercício de escrita no Grupo Flora em abril/2021

Se retornarmos a Paulo Freire, também encontraremos a invenção como condição de aprendizagem, pois veremos que a educação brasileira há muito vem sendo pensada e proposta como movimento para a libertação, respeitando a invenção do aprendiz e sua potência criadora.

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. ... O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária” [grifos do autor], que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educando, a segunda realiza a superação (FREIRE, 1987, p. 78).

Mesmo não se dedicando especificamente ao problema do aprender, Freire já enunciava uma educação libertadora, capaz de problematizar a realidade dada e não apenas depositar conhecimentos nos estudantes para que eles seguissem repetindo-os. Ou seja, Freire enunciava uma educação em que a aprendizagem se desse pela invenção (KASTRUP, 2007), pela experiência de problematização, que não apenas soluciona problemas já dados, mas é criação de problemas, exigência de singularização. Freire (1987, p. 25) ainda destaca que “[...] a educação para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora que os seres humanos devem exercer sobre a realidade.” Ou seja, a educação que Freire propõe também deve ser capaz de transformar a realidade. E, para transformá-la é preciso visões e devires que nos lancem para fora do presente, no interstício temporal em que estão todos os possíveis em estado latente de atualização. Freire (2001, p. 32) também diz que, para ele, a utopia não é o irrealizável, e digo, junto a ele, que a utopia é o sonho dos possíveis de que está grávido o real.

A transformação da realidade é uma condição própria do humano, favorecida pelos signos da arte que nos põe a delirar, e condição própria da aprendizagem, como ressalta Kastrup (2007, p. 21): “Aprender não é adaptar-se a um meio ambiente dado, a um meio físico absoluto, mas envolve a criação do próprio mundo.”

Também encontramos tal condição nas Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (2013), que a conceitua como “possibilidade de interação entre as diferentes áreas do conhecimento, podendo preparar as pessoas para compreender e *intervir na realidade*” (BRASIL, 2013, p. 39 – grifo nosso).

Se aprender é intervir na realidade, e se a escola é local privilegiado de aprendizagem, devem existir políticas de educação que contemplem a fabulação como função humana a ser reconhecida e valorizada nesses espaços que, até o presente momento, foram responsáveis por depositar sobre nós o pó civilizatório que, muitas vezes, nos impede de ver o óbvio e/ou o (im)possível. É a escola, o portal que pode nos lançar mais fortemente aos devires como experiências e experimentações, como também pode nos soterrar continuamente sobre o peso dos conhecimentos repetidos pela civilização ao longo dos séculos.

Se resistimos nas brechas, e fabulamos por urgência, e ainda assim estamos apenas opondo resistência, é porque fabular é preciso. É preciso porque

Fabular não é uma utopia, mas a possibilidade de alcançar uma linha de transformação, através da expressão, em situações históricas que fazem aparecer qualquer mudança como impossível. Não se fabula uma verdade política universal, mas apenas uma estratégia singular não totalizável. Fabular não responde à necessidade de integrar todas as culturas, todas as formas de subjetividade e todas as línguas num devir comum, mas apenas à necessidade estratégica de salvar da alienação uma cultura para permitir o florescimento de uma subjetividade, para arrancar do silêncio uma língua. Não é uma solução para tudo e para todos (e esta é sua debilidade), mas pode ser o único para alguns (e esta é sua potência). Não a arte (técnica) do possível, mas a arte (transformação) do impossível. (PELLEJERO, 2008, p. 73)

Enrolando-se sobre si mesmo, este estudo volta a repetir a necessidade da literatura nas escolas, na vida, como signo imaterial, como arte, como instrumento, como máquina de guerra.

Da escola-vagão para a escola-vida

É preciso descer do vagão, ou “inventar dispositivos de interromper” esse trem (PÁL PELBART, 2015), dar os braços à vida que nunca cessa e estar presente neste mundo. É na vida e nesse mundo que tudo acontece, e que a multiplicidade se dá. É preciso fazer como Miró (BARROS, 2010, p. 385), “[...] *esquecer os traços e as doutrinas / que aprendera nos livros*”, para assim, atingir a sua expressão fontana, sua originalidade. E o que fazia Miró para atingi-la? [...] *ia ao fundo / do quintal à busca de uma árvore. / E ali, ao pé da árvore, enterrava de vez tudo aquilo / que havia aprendido nos livros. / Depois depositava sobre o enterro uma nobre / mijada florestal. / Sobre o enterro nasciam borboletas, restos de / insetos, cascas de cigarra etc. / A partir dos restos Miró iniciava a sua engenharia / de cores. / Muitas*

vezes chegava a iluminuras a partir de um /dejeito de mosca deixado na tela. /Sua expressão fontana se iniciava naquela mancha /escura. /O escuro o iluminava” (idem). Para retornar à sua fonte, para ter de volta sua originalidade, Miró esquecia todo traço civilizatório, tudo que aprendera nos livros e recorria à reconexão com a natureza. Ali ele encontrava nos restos e no escuro que o iluminava a sua potência inventiva. Os fluidos de seu corpo eram o elemento que faltava para sua potência florescer. No ínfimo, os restos, através de seu encontro com o escuro, o devir em potência inumana.

Retornando à abordagem principal deste estudo, vamos encontrar o gérmen da literatura nos processos fabulatórios que surgiram em conjunto com a inteligência e deram origem ao hominídeo. A fabulação está em nossa expressão fontana, por isso é ela que nos coloca em devir-outro.

Por uma necessidade vital, como uma espécie de instinto, ou melhor um resíduo de instinto que perdura em torno da inteligência – um “instinto virtual” – a natureza exigiu do espírito um outro gênero de atividade e criou no homem uma função compensatória, uma nova faculdade: a função fabuladora ou a faculdade da fabulação, que, sem ser instinto, joga nas sociedades humanas um papel simétrico aos instintos nas sociedades animais (HEUSER, 2010, p. 63).

A literatura, portanto, está intimamente ligada ao humano. Servindo, primeiramente, de guardiã da coesão social enquanto função ou faculdade de invenção, torna-se em seguida inventora dos instrumentos artísticos capazes de arrastar as multidões pela emoção que despertam. Se num primeiro momento, a fabulação proporciona uma pressão para a manutenção da ordem social, restrita às sociedades, mais adiante ela torna-se um empurrão e um chamado realizado por uma individualidade, um gênio criador, que atingiu a visão da humanidade. Essa segunda fase a que suscita a fabulação através da evolução humana, não é atingida por crescimento, degrau a degrau, mas se dá em um salto, que ultrapassa do amor à família e à pátria e atinge o amor à humanidade. Mas não se trata do mesmo amor.

À primeira vista, a consciência percebe uma diferença de natureza entre os dois primeiros sentimentos e o terceiro. Aqueles implicam escolha e, por conseguinte, exclusão: poderão incitar à luta; não excluem o ódio; este é só amor. Aqueles irão imediatamente estabelecer-se sobre o objeto que os atrai; este não cede ao atrativo de seu objeto; não o visou; projetou-se mais além, e só atinge a humanidade ultrapassando-a. Terá ele a rigor um objeto. Nós o indagaremos. Limitemo-nos por ora a consignar que essa

atitude da alma, que é antes um movimento, basta-se a si mesma (BERGSON, 1978, p. 33-34).

É assim que o artista criador nos introduz nas emoções sublimes, que ele mesmo alcançou quando criou seu instrumento artístico. Não se trata nesse caso de uma emoção qualquer, mas de uma verdadeira criação. É somente essa criação que desperta em nós não apenas o amor à humanidade e ao semelhante, mas a toda natureza.

Que não seria isso na literatura e na arte! A obra de gênio no mais das vezes origina-se de uma emoção única em seu gênero, que se acreditaria inexprimível, e que quis exprimir-se. Mas não acontece assim com toda obra, por mais imperfeita que seja, em que entre uma parte de criação? Quem se empenhe na composição literária terá verificado a diferença entre a inteligência entregue a si mesma e aquela que consome com o seu fogo a emoção original e única, nascida de uma coincidência entre o autor e seu assunto., isto é, de uma intuição. No primeiro caso o espírito labora a frio, combinando ideias entre si, há muito vazadas em palavras, que a sociedade lhe entrega em estado sólido. No segundo, parece que os materiais fornecidos pela inteligência entram previamente em fusão, e que se solidificam em seguida de novo em ideias agora nutridas pelo próprio espírito: se essas ideias acham palavras preexistentes para as exprimir, isso constitui para cada uma o efeito da boa-sorte inesperada; e, na verdade, sempre foi preciso ajudar o acaso, e forçar o sentido da palavra para que se modelasse ao pensamento. O esforço agora é doloroso, e o resultado aleatório. Mas é então somente que o espírito se sente ou se crê criador (BERGSON, 1978, p. 38-39).

Há na emoção algo de inexprimível, mas que as palavras se esforçam para alcançar. São indizíveis, extrapolam nossa racionalidade, vêm de uma virtualidade que opera na sensibilidade. Somente os artistas podem alcançá-la e nós as alcançamos através deles. Mas a escola mata o gênio no nascedouro. “É preciso que uma criança morra para que um estudante nasça” (MELLO, 2015, p.205). Por isso a defesa da literatura como um direito (humano) na escola é indubitável, uma vez que, como instituição de civilidade, deposita sobre nós os conhecimentos adquiridos pela humanidade através dos tempos e nos torna esmagados pelo peso do conhecer. E, para respirar, para esculpir nossa singularidade, que não é um eu, mas uma coletividade ao mesmo tempo em que diferencia, são necessárias linhas de fuga, brechas moleculares no sistema de controle exercido pela escola. Dentre as formas de arte, defendemos a literatura como minoridade, instrumento político de

desterritorialização e revolução. Um instrumento livro. Um devir inumano. Uma máquina literária. E então, nas linhas moleculares, é possível enfrentar o sistema pelo embaralhamento do verdadeiro e do falso, pela evocação da diferença, pelo inesperado do novo. A escola como território de ócio e devir deixa o encarrilhamento do trem desgovernado rumo ao progresso e se põe sob a sombra de uma frondosa árvore a acolher amorosamente as potências singulares e inventivas da vida.

ESTAÇÃO FINAL E (RE)COMEÇO

“Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. Sem dúvida esse homem conhecerá noites ruins, em que estará cansado e encontrará fechado o portão da cidade que lhe deveria oferecer repouso; além disso, talvez o deserto, como no Oriente, chegue até o portão, animais de rapina uivem ao longe e também perto, um vento forte se levante, bandidos lhe roubem os animais de carga. Sentirá então cair a noite terrível, como um segundo deserto sobre o deserto, e o seu coração se cansará de andar. Quando surgir então para ele o sol matinal, ardente como uma divindade da ira, quando para ele se abrir a cidade, verá talvez, nos rostos que nela vivem, ainda mais deserto, sujeira, ilusão, insegurança do que no outro lado do portão e o dia será quase pior do que a noite. Isso bem pode acontecer ao andarilho; mas depois virão, como recompensa, as venturosas manhãs de outras paragens e outros dias, quando já no alvorecer verá, na neblina dos montes, os bandos de musas passarem dançando ao seu lado, quando mais tarde, no equilíbrio de sua alma matutina, em quieto passeio entre as árvores, das copas e das folhagens lhe cairão somente coisas boas e claras, presentes daqueles espíritos livres que estão em casa na montanha, na floresta, na solidão, e que, como ele, em sua maneira ora feliz ora meditativa, são andarilhos e filósofos. Nascidos dos mistérios da alvorada, eles ponderam como é possível que o dia, entre o décimo e o décimo segundo toque do sino, tenha um semblante assim puro, assim tão luminoso, tão sereno-transfigurado: – eles buscam a filosofia da manhã.”

(Friedrich Nietzsche)⁴¹

⁴¹ Friedrich Nietzsche, Aforismo 638 do capítulo “O Homem Sozinho Consigo Mesmo”, de “Humano, Demasiado Humano” (1878).

O TREM DA CHEGADA É TAMBÉM PARTIDA

Um monge descabelado me disse no caminho:

“Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo”.

E o monge se calou descabelado.

(Manoel de Barros⁴²)

É noite. O silêncio desce sereno sobre a terra. Nele, os rios murmuram correndo em seus leitos macios, os sapos cantam a feiura dos brejos, um mosquito enamorado cochicha confuso ao nosso ouvido, alguns animais deitam seus cios e outros saem à caça de suas presas. Enquanto o homem cochila, a natureza flui. Bachelard (1980) sempre defendeu a penumbra como cúmplice dos devaneios, em contraposição à claridade do dia, relacionada à racionalidade. Por isso diz que o devaneio é “um pouco de matéria noturna esquecida na claridade do dia” (1980, p. 1). É no entre da luz e da escuridão, no equilíbrio e na beleza do ocaso, que alcançamos a memória do mundo. Em seu Podcast nº 6, do Canal Mil-em-Rama, intitulado “O Resgate da Escuridão que Ilumina”⁴³, Mello (2020) traz a fala do analista junguiano brasileiro, Roberto Gambini;

O excesso de luz urbana faz muito mal para a nossa alma, porque roubou e deformou a noite. De dia é certo que seja lógico, racional, produtivo. Mas, quando o sol se esconde, o tempo deveria ser dedicado a contar histórias, entregar-se à imaginação, filosofar, fazer as coisas que durante o dia atrapalham a eficiência. Temos luz 24 horas por dia e

⁴² Barros, Manoel de. Poesia Completa. 2010. p. 386/387.

⁴³ Mello, Maristela Barenco Corrêa de. **O Resgate da Escuridão que Ilumina**, janeiro de 2020. Disponível em https://open.spotify.com/episode/1WX8lihrvEAL3tFEUe1pXh?si=LHjIqdWcQ4GDVKDIKkNFxA&utm_source=copy-link&nd=1).

amputamos o lado mais sutil, naturalmente proporcionado pela noite (GAMBINI, *apud* MELLO, 2020, episódio 6).

Benjamim (2012) acredita que a crise moderna tenha sustentação numa crise da narrativa. Ninguém tem mais histórias para contar, tanto por falta de tempo quando por incapacidade de dizer o indizível. As histórias já não são contadas com a chegada da noite, que aproxima e fortalece os elos humanos e destes com o mundo e a terra, pois a luz incandescente tornou a luminosidade sem fim. A aceleração do tempo não permite pausas, embarcados em uma relação com o tempo que tudo acelera sob o comando infreável da razão, “amputamos o nosso lado mais sutil”. Acredito que estamos agonizando. Não fomos feitos para produzir desenfreadamente, mas para viver. No ritmo imposto pela modernidade, a vida passa do lado de fora enquanto produzimos interminavelmente sem viver.

Pelo caminho, abandonamos as asinhas estendidas dos “passarin preto de terno branco” esperando o trem... Isto porque embarcamos, - talvez involuntariamente, pois que os tentáculos de sua dominação se estendem por redes cada vez mais complexas e invisíveis – nessa locomotiva desenfreada que tem por instrumentalizadora a lógica formal e por comandante a dona e soberana Razão. Nesse caminho, não há espaço para os sentidos, apenas para as fórmulas, as regras e as probabilidades com que se pode produzir as técnicas de dominação da natureza – e do homem. “O que o iluminismo reconhece de antemão como ser e como acontecer é o que pode ser abrangido pela unidade, seu ideal é o sistema, do qual tudo segue” (ADORNO; HORKHEIMER, 1975, p. 106). Assim toda a multiplicidade é reduzida à unidade, e o que não pode ser matematicamente calculado é relegado à inferioridade da poesia, que não pode ser materialmente comprovada, logo, não tem valor. Adorno e Horkheimer assim apresentaram em seu texto *Dialética do Esclarecimento*, a ciência moderna:

A partir de agora, a matéria deverá finalmente ser dominada, sem o apelo a forças ilusórias que a governem ou que nela habitem, sem apelo a propriedades ocultas. O que não se ajusta às medidas da calculabilidade e da utilidade é suspeito para o iluminismo. Uma vez que pode desenvolver-se sem ser perturbado pela opressão externa, nada mais há que lhe possa servir de freio. (ADORNO, HORKHEIMER, 1975, p. 99)

E assim foi.

Passados quase quatro séculos em que o dia se fez perpétuo e a razão estendeu, soberana, o seu império neste mundo, onde seguimos, submissos, a interminável viagem,

nada mudou. O trem desenfreado nos capturou e seguimos em vertigem nessa trilha suicida, em que o homem domina a si mesmo e a natureza, numa irrefreável regressão.

Apaguem as luzes! Puxem os freios! É preciso parar.

É o grito que ecoa neste estudo. Um grito pela vida, pelo reencontro da humanidade consigo mesma, pela harmonia entre os seres, pela terra de um povo que há de vir.

Quando as luzes se acenderam no pensamento, exilaram deste as suas “propriedades ocultas”, que é como a racionalidade concebe a fabulação inerente ao hominídeo e fruto mesmo do surgimento da inteligência. Pois na modernidade “o pensar se coisifica no processo automático que transcorre por conta própria, competindo com a máquina que ele próprio produz para que esta possa finalmente substituí-lo” (ADORNO; HORKHEIMER, 1975, p. 112). Mas é a fabulação o “elemento oculto”, a franja de instinto que emerge no ato automatizado de pensar da racionalidade para ali implantar uma ideia falsa perfeitamente possível ao ponto de enganar a astuta razão. Ou seja, a fabulação é a fresta possível nesse sistema que cooptou nossas subjetividades e, com ela, nossas formas de viver. É o deslocamento do impossível para o plano da realidade.

Pensamos, com Deleuze, que é preciso acreditar nesse mundo do qual a modernidade nos afastou.

O fato é que já não acreditamos nesse mundo. Nem mesmo nos acontecimentos que nos acontecem, o amor, a morte, como se nos dissesse respeito apenas pela metade. Não somos nós que fazemos cinema, o mundo é que nos parece como um filme ruim. (...) É a ligação do mundo que se rompeu. Por isso é a ligação que se deve tornar objeto de crença: ele é o impossível, que só pode ser restituído por uma fé. A crença não se dirige mais a outro mundo, ou ao mundo transformado. O homem está no mundo como em uma relação óptica e sonora pura. A reação da qual o homem está privado só pode ser substituída pela crença. Somente a crença no mundo pode religar o homem com o que ele vê e ouve (DELEUZE, 2018, p. 249).

O projeto moderno ressuscitou a metáfora platônica e depositou em outro mundo metafísico as esperanças terrenas, ao mesmo tempo em que coisificou a natureza, objeto passível de estudo e exploração. Assim é que não nos reconhecemos mais no outro, nos seres, na terra, não percebemos mais a ligação de sobrevivência que nos une, primeiramente, e posteriormente a relação de parentesco e amor fraternal que emerge de nossa energia criadora.

É urgente portanto voltar a crer neste mundo, olhar para o invisível, ouvir o inaudível, dizer o indizível, tocar o intocável. É preciso restabelecer e religar o homem e o mundo, este mesmo em que estamos e não outro. Encontrar um devir-terra, árvore, água, cão. Forjar lógicas outras que favoreçam as multiplicidades da vida e do mundo. Enfrentar o desafio do devir-nômade, inventar viagens, deslocamentos, povoar outras territorialidades com outros povos que ainda não existem. Forjar esses povos. Em nós. Deslocar a escola, reterritorializá-la em devires menores, por revoluções moleculares. Fazer essas revoluções. Desaprender a falar para em seguida engolir a pílula da Emília e dizer o indizível. Há pílula para o afásico? Acreditar. Na potência do falso, no pássaro de asa estendida à beira da estrada, no menino que mijava sobre as plantas, na menina que se perdeu no caminho. Ver o caminho, ver a escuridão, o desvio, devir-vagalume. Perder. O chão, a casa, o eu. Crer. Não crer, nem ver. Ignorar. Desaprender. Pausar. Germinar pedra, lírio, gente. Forçar o pensamento a pensar. Fabular. Inventar. De novo, de novo e de novo. *Repetir repetir — até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo.*⁴⁴ *Encontrar a palavra que literaturaliza a vida*⁴⁵.

Acreditar na defesa da literatura como direito humano, e poder gritar, junto com Cândido (1995, p. 191) que “a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura (...)”. Também poder gritar, com ele, que ‘uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável’.

Ultrapassar o humano. Inumano. Inorgânico. Fundir homem-instrumento. Máquina. Investir na literatura, potência do falso, devir-outro, eu-é-outro. Enganar a razão. Rir na cara. Potência do riso. Traçar linhas de fuga. Maleáveis como as minhocas que revolvem a terra. Penetráveis. Intercambiáveis. Hermafroditas. Explosões moleculares. Devir-minhoca, devir-terra, devir-livro.

Defender direitos. Errados. Tortos. Perdidos. Inalcançáveis. Todos. Coletivos. Humanos. Inumanos. Devir-vegetal, terra, pedra, rã.

Cartografar escolas, cotidianos. Abrigar outros. Fazer diferente. Ser diferente. Beleza. Multiplicidade. Abrir portas e janelas. Esconder a luz. Dilatar pupilas. Ver além. Mudar rotas. Itinerários. Movimentos. Andarilhos. Escola-nômade, caçadora de bastardos à beira do caminho.

⁴⁴ BARROS, Manoel de. O livro das ignorãça. 2006, p. 16

⁴⁵ MELLO, Maristela B. C. de. Fala livre no Grupo Flora em 12-06-2020

Transitar nos limites. Caminhar nas bordas. Confundir o real, destronar verdades. Desfazer o eu, fazer-se outro, em devir. Entender a professora, a menina, a mãe, a mulher, a estudante, as muitas pluriversas e múltiplas habitantes de territórios inacabados, modos de viver, nunca prontos, mas às vezes já dados. Desfazer o feito. Desmanchar o nó. Permitir o nada, o vazio, a potência de vir a ser.

Riscar a ciência, cavar sulcos em seu território. Plantar razão, brotar emoção. Cultivar fabulação. Regar literatura. Falar outra língua. Ciência-menor que arrasta multidões. Pelo amor. Amar. Re-nascer de um monturo “*O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo*”⁴⁶. Re-PARTIR. É o horizonte que nos faz caminhar⁴⁷.

Na re-partida, reafirmo que, neste texto-vagalume, não tive a pretensão de acender o dia, mas aguçar o olhar para as coisas menores, nunca vistas. Palavras-fogueira, ideias-fagulha que não pretendem causar incêndios, mas que, como manifesto, intentam acender minúsculos outros pontos de vista, lógicas, pensares. Porque vagalumes não acendem o dia. Mas ressuscitam a fabulação. É dessa meia-luz, em meia-penumbra, que pode nascer um novo gosto, um novo sonho, uma nova vida e quiçá uma nova escola.

⁴⁶ BARROS, Manoel de. Livro sobre o nada, 1996.

⁴⁷ Paráfrase de: “Sem caminhar para o horizonte, o indivíduo morreria por inanição existencial”. Discutida no Grupo Flora em setembro 2022. W.L. Marchini; R.S. Carletti. Byung-Chul Han: salvação do corpo. REB, Petrópolis, volume 80, número 316, p. 441-455, Maio/Ago. 2020.

VAGÃO BIBLIOTECA

Assim, já de manhã, diante dos livros acumulados sobre a mesa, faço ao deus da leitura a minha prece de leitor voraz: “a fome nossa de cada dia nos dai hoje...”.

(Gaston Bachelard)⁴⁸

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **O conceito de iluminismo**. In: Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno, São Paulo, Ed. Abril, 1975. (Coleção Os Pensadores).
- ANDRADE, Carlos Drummond de. 1902-1987 – **Alguma Poesia** / Carlos Drummond de Andrade; Prefácio Manuel Graña Ercheverry – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **A rosa do povo**. 21ª Edição. Rio de Janeiro -São Paulo: Editora Record, 2000.
- BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**/ Manoel de Barros. – São Paulo: Leya, 2010.
- _____. **O livro das ignoranças** / Manoel de Barros. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.
- _____. **Retrato do Artista quando coisa** / Manoel de Barros. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. **Memórias inventadas: a Infância** / Manoel Barros. São Paulo: Planeta, 2003.
- _____. **Memórias inventadas: segunda infância** / Manoel de Barros ; iluminuras de Martha Barros. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
- _____. **Memórias inventadas: a terceira infância** / Manoel de Barros ; iluminuras de Martha Barros. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- _____. **Meu quintal é maior do que o mundo** [recurso eletrônico] / Manoel de Barros; 1. ed. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 137p. ISBN 978-85-7962-365-3 (recurso eletrônico) Disponível em <https://lelivros.love/book/baixar-livro-meu-quintal-e-maior-do-que-o-mundo-manoel-de-barros-em-pdf-mobi-e-epub/> Acesso em Janeiro/2022
- BACHELARD, Gaston, 1884-1962. **A poética do devaneio** / Gaston Bachelard; [tradução Antônio de Pádua Danesi.] - São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARBOSA, Eliana; BULCÃO, Marly. **BACHELARD - Pedagogia da razão, Pedagogia da imaginação**. / Elyana Barbosa, Marly Bulcão. 2ª ed. Petrópolis RJ: Vozes, 2011

⁴⁸ BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. 1988, p. 25.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura** / Walter Benjamin; tradução Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin – 8ª Ed. Revista – São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v. I)

_____ **Baudelaire e a modernidade.** por Walter Benjamin (Autor), João Barrento (Tradutor). São Paulo: Brasiliense, 2015 – (Obras Escolhidas v. .III)

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir** / Maurice Blanchot; tradução Leyla Perrone-Moisés. - São Paulo: Martins Fontes, 2005. - (Tópicos)

BRASIL. Subsecretaria de Direitos Humanos da Presidência da República – **Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais** – Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** In: *Vários escritos*. 3ª. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 171-193.

_____ **Literatura e sociedade.** 9ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **A literatura e a formação do homem.** Remate de Males, Campinas, SP, 2012.

DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 5 jul. 2020.

CARVALHO, Janete Magalhães e ROSEIRO, Steferson Zanoni - **A potência das imagens e da fabulação criadora para o pesquisar no cotidiano escolar** - Dossiê Educação em Perspectiva / Education in Perspective DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v10i0.7133 Educ. Perspect. | Viçosa, MG | v. 10 | 1-15 | e-019006 | 2019 | ISSN 2178-8359

CORALINA, Cora. **Minha Cidade.** In: Coralina, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. 18. ed. São Paulo: Global Editora, 1985.

DALMASO, Alice Copetti. **A perspectiva da invenção numa pesquisa em educação: processos e aprendizagens de um pesquisar inventivo.** Revista Digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 05-29 - mai./ago.2014 ISSN 1983-7348 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1983734815113> Acesso em Março/2021

Corazza. – Porto Alegre: Sulina, 2010. 174 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990** / Gilles Deleuze, Tradução de Peter Pál Pelbart – São Paulo: Editora 34, 2013. 3ª edição. 240 p. (Coleção TRANS)

_____ **Crítica e Clínica** / Gilles Deuze; Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011, 2ª edição. 208 p. (Coleção TRANS)

_____ **Bergsonismo** / Gilles Deuze; Tradução de Luiz B. L. Orlandi. – São Paulo: Editora 34, 2012, 2ª edição. 160 p. (Coleção TRANS)

_____ **Cinema 2 – A imagem-tempo** / Gilles Deuze; Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. - São Paulo: Editora 34, 2018, 1ª edição. 424 p. (Coleção TRANS)

_____ **Proust e os signos** / Gilles Deuze; Tradução de Roberto Machado. - São Paulo: Editora 34, 2022, 3ª edição. 176 p. (Coleção TRANS)

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 / Gilles Deuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Jélia Pinto Costa. —Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995.

_____ **Kafka - para uma literatura menor**. Tradução e prefácio Rafael Godinho. Edição 0789. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

DILACERDA, Lucas. **O mundo dos possíveis**. In: Filosofia em rede: Filosofia para adiar o fim do mundo. [recurso digital] / Antônio Ismael da Silva Lima (Organizador). – Goiânia-GO: Editora Phillos Academy, 2022. p. 20-27.

_____ **A visão do invisível em Deuze**. In: SILVA, Francisca Galiléia P. da; ARAÚJO, Hugo Filgueiras de; SILVA, Francisco Amsterdan Duarte da; BANDEIRA, Francisco Dário de Andrade (org.). *Pilares da Filosofia*: estudos acerca da ética, política, linguagem, conhecimento e ensino de filosofia. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 88-98

_____ **Como imaginar o inimaginável?** In: DILACERDA, Lucas; LOPES, Rodrigo (org.). *Imaginação e memória na arte contemporânea*. 1. ed. Fortaleza: IDM, 2021. p. 19-27.

_____ **Vidência e esgotamento em Deuze**. In: Jardim, Alex Fabiano Correia. *Deuze e Guattari – pensar em veredas que se bifurcam: política, educação e clínica – volume I* / Alex Fabiano Correia Jardim *et al.* (organizadores) – Curitiba : CRV, 2022. P. 259-273

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam** / Paulo Freire. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

_____ **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 20ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____ **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Centauro, 2001

FREITAS, Alexander de. **Apolo-Prometeus e Dionísio dois perfis mitológicos do “homem de 24 horas” em Gaston Bachelard** – Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n. 1, p. 103-116, jan/abr 2006. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000100007>

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas/** Michel Foucault, tradução Salma Tannus Muchail- 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (Coleção Tópicos).

_____ **Vigiar e punir, nascimento das prisões.** 20ª ed. Petrópolis: Vozes. 1987.

GAIVOTA, Daniel. **Poética do Deslocamento: Nomadismo, Diferença e Narrativa na Escola - viagem.** Coleção Teses e Dissertações. Volume V. Rio de Janeiro: NEFI, 2017.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação /** Sílvio Gallo. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____ **Por uma Educação Menor.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 27 n. 2, p. 169-176, jul./dez. 2002.

_____ **Em torno de uma educação voltada para a singularidade.** In: Nietzsche/Deleuze: Imagem, literatura e educação: Simpósio Internacional de Filosofia, 2005 / organizador Daniel Lins – Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007.

GALLO, Silvio; MONTEIRO, Alexandrina. **Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra.** REMATEC: Revista de Matemática, Ensino e Cultura, Ano 15, Número 33, p.185-200 ISSN: 2675-1909.

GAUTHIER, Jacques - **A “fabulação realizante” como caminho soberano para entrar na dimensão interna do conhecimento.** Revista Paralelo 31, -Edição 03 - dezembro de 2014 p. 8-21 Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/10202> Acesso em Janeiro 2022.

HAN, Byung-Chul - **Sociedade do cansaço /** Byung-Chul Han; tradução de Enio Paulo Giachini. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEUSER, Ester Maria Dreher. **Fábula da existência seguida de notas sobre a fabulação.** In: Fantasia da escritura – filosofia, educação, literatura – Org. CORAZZO, Sandra Mara. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 51-66

- KASTRUP, Virginia. **A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição** / Virginia Kastrup. _ Belo horizonte: Autêntica, 2007.
- _____ **Aprendizagem, arte e invenção**. Revista Psicologia em Estudo, Maringá-PR, v. n.1, p. 17-27, jan/jun 2001.
- _____ **O Devir-Criança e a Cognição Contemporânea**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2000, 13(3), pp.373-382
- _____ **A aprendizagem da atenção na cognição inventiva**. Psicologia & Sociedade; 16 (3): 7-16; set/dez.2004
- _____ **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- _____ **Flutuações da atenção no processo de criação**. In: BORBA, Siomara.
- KASTRUP, Virgínia. PANTALEÃO Maria Izabel. **Literatura, escrita inventiva e virtualização do eu**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 1 N. 1 – pag 29-48 (fev - mai 2015): “Artes de educar”
- KASTRUP, Virgínia. ROCHA, Jerusa Machado. **Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 2, p. 385-394, abr./jun. 2009
- KOHAN, Walter Omar. **Visões de Filosofia: Infância**. Alea, vol.17, nº .2, Rio de Janeiro - jul./dez. 2015. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/1517-106X/172-216>> Acesso em Janeiro/2020
- _____ **A Infância da Educação: O conceito Devir-Criança**. In:___ (org.) Lugares da Filosofia: Infância. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOHAN, Walter, LECERF, Eric. (Orgs). **Imagens da Imanência. Escritos em memória de Henri Bergson** / organizado por Eric Lecerf, Siomara Borba e Walter Kohan. _ Belo horizonte: Autêntica, 2007
- LACERDA, Mitsi Pinheiro de. **Modos de controle do cotidiano: a assombração e o tempo** - Revista Cocar. V.14 N.28 Jan./Abr./ 2020 p.263-284 Disponível em: <https://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/index> - Acesso em Agosto/2021
- LARROSA, Jorge. **Elogio da escola** / organização Jorge Larrosa; tradução Fernando Coelho -- 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. -- (Coleção Educação :Experiência e Sentido)

_____**Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n.19, p. 20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>> Acesso em janeiro/2020

_____**Literatura, experiência e formação** (uma entrevista de Jorge Larrosa a Alfredo Veiga-Neto). In: COSTA, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 133-164

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Eds.) **Habitantes de Babel: Políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 281-296.

LEVY, Tatiana Salem, 1979. **A experiência do fora** [recurso eletrônico]: Blanchot, Foucault e Deleuze / Tatiana Salem Levy – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MÃE, Valter Hugo - **A desumanização**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2014.

MAUPASSANT, Guy de. **Contos Fantásticos. O Horla & outros contos**. Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM Pochet, 2008.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução; Cristina Magro – Vítor Paredes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MELLO, Maristela Barenco C. de. **O diário de bordo: criando uma linha de fuga sobre uma linha de montagem**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 25: nov/2015 - abril/2016, p. 192-209.

_____**Da morte do General à busca rizomática: o ato de escrever como possibilidade de emancipação** - Agenciamentos entre Cora Coralina, Gilles Deleuze e Félix Guattari - Rio de Janeiro, R.J. 2005. Disponível em <http://www.livrosgratis.com.br>

_____**Mil-em-Rama**. Canal de Podcasts. Disponível em https://open.spotify.com/show/5GqAZmP0dRTUZsEC2hMqKo?si=BsyexUB5SBaJrc3fDFwV4Q&utm_source=copy-link&nd=1

NASCIMENTO, Milton. **Encontros e Despedidas**. In: Encontros e Despedidas / Milton Nascimento. Idealização e direção Musical: Milton Nascimento. Participações Especiais: Pat Metheny e Hubert Laws. Produção: Mazzola, 1985.

_____**Roupa Nova**. In: Sentinela. Álbum idealizado e dirigido por Milton Nascimento. Produzido por Mazzola, 1980.

NODARI, Karen Elizabete Rosa. **Pelos traços do impensado na escola**. In: Fantasia da escritura – filosofia, educação, literatura – Org. CORAZZO, Sandra Mara. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 93-102

OTTE, Georg; VOLPE, Miriam Lúcia. **Um olhar constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin** – Revista Fragmentos, número 18, p. 35/47 Florianópolis/ jan - jun/ 2000

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal Dos Direitos Humanos** adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Disponível em <https://www.ohchr.org/en/human-rights/universal-declaration/translations/portuguese?LangID=por> Acesso em janeiro/2021

PELBERT, Peter Pál. **Tudo é feito para a conexão absoluta, a mais saturada possível.** Entrevista à Revista Continente. Em 29 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.revistacontinente.com.br/especial/19362-tudo-é-feito-para-conexãoabsoluta,-a-mais-saturada-possível.html> Acesso em dezembro 2021

PELLEJERO, Eduardo. **Literatura e Fabulação: Deleuze e a política da expressão** – Polymatheia – Revista de Filosofia – Fortaleza, Vol. IV, Nº 5, 2008, P. 61-78

_____. **A escrita fora de ordem.** In: Pellejero, Eduardo. Guerra, Susana. (organizadores). *Escrever em tempos de exceção.* Natal: PPGFIL, 2017. 107 p. (Coleção: Coletivos)

PESSOA, Fernando. **Novas Poesias Inéditas** (Direção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno.) Lisboa: Ática, 1973 (4ª ed. 1993).

_____. **“O Guardador de Rebanhos”.** In: Poemas de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

PIMENTEL, Mariana Rodrigues. **Fabulação – a memória do futuro** / Mariana Rodrigues Pimentel ; Orientador: Karl Erik Schollhammer. – Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **A cartografia e a relação pesquisa e vida.** *Psicologia & Sociedade*; 21 (2): 166-173, 2009.

ROSA, João Guimarães. **Manoelzão e Miguilim** (corpo de baile). São Paulo: Editora Nova Fronteira, 11ª edição, 2001

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SKLIAR, Carlos. **Escrever e ler para ressuscitar os vivos: notas para pensar o gesto da leitura e da escrita.** In: KOHAN, Walter Omar (Org.). *Devir-criança da filosofia: infância da educação.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 17-25.

_____. **A educação e a pergunta pelos Outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros "outros".** *Ponto de Vista*, Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. In: Santos, Boaventura de Sousa (Org). Conhecimento Prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências” revisitado. Porto: Afrontamento, 2003.

_____ **Direitos Humanos, democracia e desenvolvimento**. In: O pluriverso dos Direitos Humanos: a diversidade das lutas pela dignidade / Boaventura de Sousa Santos, Bruno Sena Martins (organizadores) – 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Epistemologias do Sul; 2)

_____ **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1988

_____ **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Porto: Afrontamentos, 3ª edição, 1993.

VALENTE, Aline Rosa. AMORIM, Luísa de. **Deslocar**. In Revista Vento & Água – Ritmos da Terra. Nº 29, 1 de Agosto 2021. p. 8-9. Disponível em https://ventoeagua.com/revistas/29/#va_29/page/1

W.L. Marchini; R.S. Carletti. **Byung-Chul Han: salvação do corpo**. REB, Petrópolis, volume 80, número 316, p. 441-455, Maio/Ago. 2020.